

UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA – UNIARA
Programa de Pós-Graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação.

Celio Marcos Colombo Molteni

**Percepções de Alunos Concluintes e Professores Sobre Preconceito e
Discriminação no Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio
do IFSP**

ARARAQUARA – SP

2018

Celio Marcos Colombo Molteni

**Percepções de Alunos Concluintes e Professores Sobre Preconceito e
Discriminação no Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio
do IFSP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA - como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação.

Linha de pesquisa: Processos de Ensino

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Maria Giovanni

ARARAQUARA – SP

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

M741p Molteni, Celio Marcos Colombo Molteni

Percepções de alunos concluintes e professores sobre preconceito e discriminação no curso técnico em Alimentos integrado ao ensino médio do IFSP/Celio Marcos Colombo Molteni - Araraquara: Universidade de Araraquara – UNIARA, 2018.
137 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Maria Giovanni

1. Preconceito. 2. Discriminação. 3. Formação Profissional.
4. Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio.

CDU 370

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MOLTENI, C.M.C. **Percepções de alunos concluintes e professores sobre preconceito e discriminação no curso técnico em Alimentos integrado ao ensino médio do IFSP.** 2018. Número de folhas. Dissertação do Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA, Araraquara-SP.

ATESTADO DE AUTORIA E CESSÃO DE DIREITOS

NOME DO AUTOR: Celio Marcos Colombo Molteni

TÍTULO DO TRABALHO: Percepções de alunos concluintes e professores sobre preconceito e discriminação no curso técnico em Alimentos integrado ao ensino médio do IFSP

TIPO DO TRABALHO/ANO: Dissertação/2018

Conforme LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998, o autor declara ser integralmente responsável pelo conteúdo desta dissertação e concede a Universidade de Araraquara permissão para reproduzi-la, bem como emprestá-la ou ainda vender cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação pode ser reproduzida sem a sua autorização.



Assinatura Aluno

Autor: Celio Marcos Colombo Molteni

E-mail: celio@ifsp.edu.br



UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA - UNIARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROCESSOS DE ENSINO,
GESTÃO E INOVAÇÃO, ÁREA DE EDUCAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA – para obtenção do título de **Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação**.

Área de Concentração: Educação e Ciências Sociais.

NOME DO AUTOR: **CELIO MARCOS COLOMBO MOLteni**

TÍTULO DO TRABALHO: : **“PERCEPÇÕES DE ALUNOS CONCLUINTEs E PROFESSORES SOBRE PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO NO CURSO TÉCNICO EM ALIMENTOS INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO DO IFSP”.**

Assinatura das Examinadoras:

Conceito:

Prof. Dra. Luciana Maria Giovanni (orientadora)
Universidade de Araraquara – UNIARA

Aprovado () Reprovado

Prof. Dra. Maria Lúcia Oliveira Suzigan Dragone
Universidade de Araraquara – UNIARA

Aprovado () Reprovado

Prof. Dra. Adriana Dias de Oliveira
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

Aprovado () Reprovado

Versão definitiva revisada pela orientadora em: 17 / 09 / 18

Prof. Dra. Luciana Maria Giovanni (orientadora)

Aos meus valiosos pais, Nelson e Eunice, que não mediram esforços para a realização de meus sonhos;

- aos meus alunos, depositários de muita esperança;

- à minha esposa Bruna, compreensiva e companheira, **dedico este trabalho.**

AGRADECIMENTOS

A Deus por mais uma conquista.

A Professora Dra. Luciana Maria Giovanni, pela especial e paciente orientação nas diferentes jornadas deste trabalho.

Ao IFSP – Instituto Federal de São Paulo pelo apoio institucional concedido.

Aos amigos de trabalho do IFSP que incentivaram esta empreitada.

Aos professores e alunos do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio pela importante participação neste trabalho.

Aos amigos do curso de mestrado que tanto perseveraram por uma educação de melhor qualidade em nosso país.

Aos amigos professores, Natália Conceição, Gilberto José de Amorim e Wellington de Freitas Castro pela valiosa ajuda, imprescindível à realização deste trabalho.

Aos amigos de longa data, grandes apoiadores e companheiros de luta.

Aos meus familiares, pela confiança e importante apoio, essenciais ao cumprimento desta jornada.

RESUMO

Diante de atos discriminatórios registrados no espaço escolar, notadamente entre os alunos, percebe-se que o ambiente de convívio escolar, por sua natureza histórica e social, acaba por representar um terreno propício à reprodução de preconceitos. Por mais que valores como a solidariedade, o respeito e a ética estejam presentes nos discursos da e sobre a escola coexiste também, uma conjuntura antagônica que, na contramão, contribui para deteriorar as relações estabelecidas neste ambiente, prejudicando o processo ensino-aprendizagem ali empreendido, catalisando conflitos e prejudicando a escola no cumprimento de sua função social. Em face deste problema origina-se o propósito de realizar esta investigação no âmbito do ensino técnico profissionalizante. Tendo como referências teóricas autores como Adorno, Bobbio e Crochik objetiva-se com esta pesquisa, de abordagem qualitativa, investigar as percepções de alunos concluintes e professores de cursos técnicos integrados ao ensino médio, quanto ao preconceito e discriminação sofridos por alunos pelo fato de terem feito opção por uma formação profissional técnica de nível médio – o curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio. Para obtenção dos dados foram aplicados questionários a 18 alunos concluintes deste curso, no ano letivo de 2017, assim como a 12 de seus docentes. Com o mesmo propósito realizou-se entrevista coletiva com um grupo de 06 alunos. Os dados obtidos, após tabulação e análise, permitiram verificar que as percepções de alunos e professores são distintas quanto à percepção de preconceito e discriminação ligados ao curso, confirmando-se a hipótese norteadora do estudo, ligada à ideia de que o preconceito e discriminação, decorrentes da desinformação em relação à profissão ou carreira, são responsáveis por fazer do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio um curso majoritariamente frequentado por estudantes do sexo feminino.

Palavras-chaves: Preconceito. Discriminação. Formação Profissional. Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio.

ABSTRACT

In view of discriminatory acts reported clearly among students in the school ground, it is observed by its historical and social character that the school coexistence represents a breeding ground for acts of prejudice. No matter how much solidarity, respect and ethics are part of the school speech, there is also a contradictory scenery running counter impairing established relationships in this space, catalyzing conflicts, damaging the teaching learning process and the school in its social function. Therefore, facing this problem is a purpose to investigate in the technical professionalizing teaching area. Using theoretical references such as Adorno, Bobbio and Crochik with qualitative approach, this research aims to investigate technical integrated course teachers and senior students and their perception of prejudice and discrimination against students who opted for studying technical professionalizing in high school - the Food Technical Course Integrated to High School. Data were collected by survey applied to 18 senior students of the 2017 school year, as well as 12 teachers. With the same purpose, a group of 06 students was interviewed. After tabulation and analysis, the obtained data permitted to verify that the perception between students and teachers is different about the prejudice perception and discrimination linked to the course, corroborating the hypothetical guiding study, linked to the idea that prejudice and discrimination due to lack of information about the profession or career are responsible for making the Food Technical Course Integrated to High School, a course mainly attended by female students.

Keywords: Prejudice. Discrimination. Professional Training. Food Technical Course Integrated to High School.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Distribuição geográfica dos campi do IFSP – Instituto Federal de São Paulo50

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Levantamento Bibliográfico - Teses, Dissertações e Artigos Científicos selecionados.....	18
Quadro 2: Eixos de análise para a pesquisa.....	55
Quadro 3: Ações a serem promovidas pela Instituição	97
Quadro 4: Ações a serem promovidas pelos docentes	98
Quadro 5: Ações a serem promovidas pelos alunos	98

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Produção Acadêmica Pesquisada	17
Tabela 2: Percentual de estudantes de curso técnico de nível médio, na população de estudantes de curso de ensino médio, de 15 anos ou mais de idade (%) - 2014	47
Tabela 3: Evolução de matrículas da turma do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio ingressante em 2015 (2015-2017).....	53
Tabela 4: Perfil dos Alunos – Caracterização da amostra quanto ao sexo, idade, aspectos étnico-raciais, moradia e renda familiar.	56
Tabela 5: Perfil dos Pais e/ou Responsáveis quanto à escolaridade e profissão	59
Tabela 6: Percorso escolar dos alunos e percepções quanto aos objetivos do Ensino Médio e Técnico.	61
Tabela 7: Perfil dos docentes quanto ao sexo, idade, tempo de carreira docente, tempo de exercício de docência no IFSP, tempo de exercício de docência no curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio.	63
Tabela 8: O curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio na visão dos alunos ...	64
Tabela 9: Percepção dos docentes quanto às principais motivações que levaram os alunos a optarem pelo curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio do IFSP	66
Tabela 10: Razões para não cursar Agropecuária ou Informática – Percepção dos alunos	69
Tabela 11: Percepção dos docentes quanto à opção/prioridade dos alunos pelo Ensino Médio em detrimento da formação profissional em Alimentos.....	71
Tabela 12: Visão dos docentes acerca da relação entre o curso e o futuro profissional dos alunos concluintes do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio.....	71
Tabela 13: Razões para cursar Agropecuária ou Informática em detrimento do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio – Percepção dos docentes	72
Tabela 14: Percepção dos alunos quanto à discriminação e preconceito	74
Tabela 15: Preconceito e/ou discriminação no IFSP, na percepção dos alunos do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio	80
Tabela 16: Percepção dos alunos quanto à escolha do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, por homens e mulheres.....	84
Tabela 17: Preconceito e/ou discriminação no IFSP com relação ao alunado do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, na percepção dos docentes.	87
Tabela 18: Relatos de situações de discriminação e/ou preconceito presenciado pelos docentes	87
Tabela 19: Percepção dos docentes quanto à existência de preconceito com relação aos cursos técnicos de nível médio	92
Tabela 20: Percepção dos docentes do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio quanto à sua escolha por parte de homens e mulheres.....	93
Tabela 21: Percepção dos docentes sobre as razões para o curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio ser tão pouco frequentado por homens	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEFET/SP	Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo
COTICAP	Colégio Técnico Industrial “Conselheiro Antônio Prado”
CNCT	Catálogo Nacional de Cursos Técnicos
CNE/CEB	Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica
CRE	Coordenadoria de Registros Escolares
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ES	Ensino Superior
ETEC	Escolas Técnicas Estadual do Centro Paula Souza
ETP	Ensino Técnico Profissionalizante
GEMAA	Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IF	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
IFRN	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
IFSP	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
LDBEN	Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
NER	Núcleo de Estudos da Religião
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNAES	Programa Nacional de Assistência Estudantil
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Jovens e Adultos
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SAAE	Serviço Autônomo de Água e Esgoto
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNIARA	Universidade de Araraquara
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	13
Breve Percurso Profissional.....	13
Definindo os Contornos da Pesquisa	14
Levantamento Bibliográfico	16
Periódico: Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (São Paulo) Volume 16, número 1.....	20
Título: Preconceito e Discriminação para além das salas de aula: sociabilidades e cultura juvenil no ambiente escolar.	21
Periódico: Revista do Instituto dos Estudos Brasileiros (São Paulo) número 62	21
Desenho da Pesquisa Realizada	21
Problema de Pesquisa	21
Objetivos	22
Objetivo Geral	22
Objetivos Específicos.....	22
Hipótese	22
Procedimentos Metodológicos e de Análise.....	22
Contribuições para a Melhoria da Educação Básica.....	27
Estrutura da Dissertação	28
1 - REFERENCIAL TEÓRICO E OUTRAS LEITURAS.....	29
1.1 Preconceito e Discriminação Segundo Theodor W. Adorno	29
1.2 Preconceito e Discriminação na Visão de Norberto Bobbio	32
1.3 O Processo de Aquisição dos Preconceitos Segundo José Leon Crochik	35
1.4 Outros Estudiosos da Temática.....	37
1.4.1 Os Silêncios que Envolvem o Preconceito Segundo Eliane Cavalleiro.....	38
1.4.2 Preconceito e Relações de Socialização na Escola, Segundo Jussara Nascimento dos Santos	40
1.4.3 Preconceito e Escolha de Profissões segundo Andreia de Almeida	41
2 - EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL MÉDIO: O CONTEXTO DA PESQUISA	45
2.1 Os Institutos Federais.....	48
2.2 O IFSP - Instituto Federal de São Paulo	49
2.3 O Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio	51
3- SITUAÇÕES DE DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO NA VISÃO DE ALUNOS E PROFESSORES DO CURSO TÉCNICO EM ALIMENTOS INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO.....	54
3.1 Perfil dos Alunos e Professores	55
3.1.1 Perfil dos Alunos.....	55
3.1.2 Perfil dos Professores.....	62
3.2 Percepção de alunos e Professores sobre o Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio.....	64

3.3 Percepção de Alunos e Professores Quanto à Discriminação e Preconceito no Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio	74
3.3.1 Percepção dos Alunos Sobre Discriminação e Preconceito no Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio	74
3.3.2 Percepção dos professores sobre discriminação e preconceito no curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio	87
3.4 Possibilidade de Realização de Ações para Mudar a Visão Vigente Acerca do Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, assim como, Acerca do Enfrentamento do Preconceito e Discriminação.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
APÊNDICES	109
Apêndice A	109
Apêndice B.....	117
Apêndice C.....	122
Apêndice D	124

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Breve Percorso Profissional

Licenciado (2001) e Bacharel (2002) em Geografia pela UNESP - Universidade Estadual Paulista, Campus de Rio Claro (SP), iniciei o exercício da docência no ano de 2002, na condição de professor substituto nas redes estadual e particular, na cidade de Santa Adélia (SP).

No ano de 2004, após aprovação em concurso público, ingressei e passei a lecionar na Escola Estadual Elísio de Castro, na pequena cidade de Taquaral (SP). Nesta unidade escolar, no ano de 2010, passaria a exercer a função de coordenador pedagógico do Ensino Médio.

Paralelamente a este trabalho, na cidade de Bebedouro, lecionei no Colégio IA e Colégio Anjo da Guarda, ambos da rede particular.

Preocupado com a minha formação e com as atribuições da coordenação pedagógica na rede estadual, no ano de 2011, iniciei um curso de pós-graduação *lato sensu* na USP – Universidade de São Paulo, o curso de Gestão do Currículo para Professores Coordenadores, cuja conclusão se daria no ano de 2012.

Em setembro de 2014, em razão de nova aprovação em concurso público e em virtude de exigência legal, tive de deixar todas as atribuições escolares citadas, para exclusivamente passar a me dedicar à docência no IFSP – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, onde tenho lecionado a disciplina de Geografia para os cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio (Alimentos, Informática e Agropecuária) e, onde também, concomitantemente, desempenhei a função de coordenador do Núcleo Comum, no período que se estendeu de novembro de 2014 a fevereiro de 2017.

Ao longo dessa minha trajetória como professor deparei-me com inúmeras situações que julgo apresentarem enorme relevância pedagógica e social. Uma delas diz respeito à manifestação de atitudes discriminatórias resultantes de preconceitos, cuja gênese remonta a distintas motivações, como, por exemplo, a religiosa, a racial, a regional, a de classe social, a de gênero, entre outras, sendo promovida por alunos e até mesmo por colegas docentes.

Tal situação motivou-me a refletir e a propor esta investigação, visando conhecer melhor as manifestações desta questão e encontrar meios para enfrentar tal conjuntura.

Definindo os Contornos da Pesquisa

Para que se possa ter claros os conceitos norteadores da pesquisa aqui relatada cumpre esclarecer, inicialmente, as concepções de *preconceito* e *discriminação*.

Na concepção do filósofo Bobbio (2002), o preconceito é tido como

[...] uma opinião ou conjunto de opiniões, às vezes até mesmo uma doutrina completa, que é acolhida acriticamente e passivamente pela tradição, pelo costume ou por uma autoridade de quem aceitamos as ordens sem discussão: “acriticamente” e “passivamente”, na medida em que a aceitamos sem verificá-la, por inércia, respeito ou temor, e a aceitamos com tanta força que resiste a qualquer refutação racional [...] (p. 103)

Já para Gomes citado por Cruz (2014) o preconceito é

[...] um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel significativo. Esse julgamento prévio apresenta como característica a inflexibilidade, pois tende a ser mantido sem levar em conta os fatos que o contestem [...] (p.158)

O preconceito representa, portanto, um julgamento premeditado, que interfere nas interações sociais e que pode, por vezes, se manifestar através de atitudes discriminatórias e estereótipos, que podem ser encarados como “[...] características atribuídas às pessoas baseada no fato delas fazerem parte de um grupo ou de uma categoria social” (PEREIRA, TORRES & ALMEIDA, 2003, p. 21).

Por discriminação, por sua vez, Sant’Ana (2005), lançando mão do Programa Nacional de Direitos Humanos (1998), entende

É o nome que se dá para a conduta (ação ou omissão) que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, tais como a raça, o sexo, a idade, a opção religiosa e outros. A discriminação é algo assim como a tradução prática, a exteriorização, a manifestação, a materialização do racismo, do preconceito e do estereótipo. Como o próprio nome diz, é uma ação (no sentido de fazer ou deixar de fazer algo) que resulta em violação dos direitos (p.63).

Já na compreensão de Coutinho (2006, p.13), discriminação pode ser entendida “[...] como um tratamento desequiparador que decorre de preferência ilógica, fundada em características de sexo, raça, cor, etnia, religião, origem e idade.”

Na essência, portanto, deduz-se que, discriminar seria definitivamente a efetivação do preconceito, a concretização deste, a sua eventual materialização, acarretando, evidentemente sofrimento social a outros.

Diante do fato de atos discriminatórios serem registrados no espaço escolar, notadamente entre os alunos, percebe-se que este ambiente, por sua natureza histórica e social, acaba por representar um terreno oportuno à sua reprodução, já que a escola, como aponta Candau (2003, p.24), “[...] é palco de diferentes relações sociais e reflete a diversidade cultural presente na sociedade”.

Admite-se, portanto, perante o exposto, que é inevitável que se concretizem, nas escolas, situações que façam surgir opressores e oprimidos.

Por mais que valores como a solidariedade, o respeito e a ética estejam presentes nos discursos da e sobre a escola, coexiste nela uma conjuntura antagônica que, na contramão, contribui para deteriorar as relações estabelecidas no ambiente escolar, prejudicando o processo ensino-aprendizagem ali empreendido, catalisando conflitos e prejudicando o cumprimento de sua função social.

Contudo, mesmo diante destas adversidades, numa atitude reflexiva, vislumbra-se que o ambiente escolar continue a ser um espaço bastante propício para o enfrentamento e a desconstrução destes preconceitos.

Espera-se que a realização desta investigação contribua para contemplar os pressupostos de Bobbio (2002), retomando a epígrafe desta Dissertação, uma vez que para este autor,

[...] os preconceitos nascem na cabeça dos homens. Por isso, é preciso combatê-los na cabeça dos homens, isto é, com desenvolvimento das consciências e, portanto, com a educação, mediante a luta incessante contra toda forma de sectarismo. (p.117)

É dentro desse contexto que, após uma investigação bibliográfica inicial, percebendo ser a temática bastante estudada nos diferentes níveis de ensino, mas pouco estudada, no que tange à educação profissional técnica de nível médio, foi possível caracterizar a relevância acadêmica e social desta investigação, que se propõe um estudo que tenha como norte conhecer as manifestações de preconceito e discriminação que acometem e afligem os estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFSP, alvos deste estudo.

Assim, interessa investigar qual a percepção do alunado e dos professores quanto ao preconceito e discriminação que possam estar presentes entre estes jovens, pelo fato de terem

optado por uma formação técnica específica – o curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio.

Especificamente, chama a atenção o fato de o mencionado curso ser frequentado, majoritariamente, por jovens mulheres. Por quais motivos este curso apresenta tal característica? Preconceito e discriminação estariam nos bastidores, de alguma forma presentes contribuindo para esta situação? Qual a percepção do alunado e dos professores quanto a este aspecto? Há consequências decorrentes desta conjuntura e quais são elas?

O levantamento bibliográfico inicial realizado, apresentado a seguir, permitiu notar que conjuntura similar foi investigada em diferentes contextos. Contudo, nota-se que pouca alusão foi encontrada no que diz respeito à modalidade de ensino supracitada, o que reforça a importância de um estudo com esta faceta. Assim, considera-se que esta pesquisa pode vir a oferecer contribuição ao conhecimento já acumulado sobre o assunto.

Levantamento Bibliográfico

Os temas (preconceito e discriminação) que se pretende estudar com este trabalho vêm sendo alvo de investigação científica há longa data e, em diferentes contextos, estudados por pesquisadores da área educacional.

Realizou-se levantamento de material bibliográfico por meio das bibliotecas digitais dos mais reconhecidos programas de pós-graduação *stricto sensu* do país (como se verá no Quadro 1 que organiza estes dados). Por meio deste foi possível encontrar vasta quantidade de teses e dissertações versando sobre os objetos de estudo deste trabalho, notadamente nos programas de pós-graduação em Educação ou áreas correlatas. O trabalho de levantamento bibliográfico tomou também como fonte a plataforma *SciELO*, na qual, novamente encontrou-se boa variedade de artigos acadêmicos, disponíveis via internet, que também versam sobre a temática *discriminação e preconceito*, bastante úteis à sustentação e realização deste trabalho.

De forma geral, nas situações relatadas acima, foram empregados como descritores, expressões combinadas relacionadas aos objetos de estudo em questão, com base nos seguintes **descritores**: *preconceito; discriminação; escola; ensino médio; gênero; cursos técnicos; educação profissional*.

Os resultados dessas buscas foram reunidos na Tabela 1 a seguir apresentada:

Tabela 1: Produção Acadêmica Pesquisada

Categoria	Pesquisas	Natureza do trabalho acadêmico			Total Parcial
		Dissertação	Tese	Artigos (SciELO)	
Preconceito Racial	Encontradas	10	6	6	22
	Selecionadas	5	1	1	7
Gênero	Encontradas	7	4	6	17
	Selecionadas	2	2	4	8
Formação Técnica Profissional	Encontradas	1	0	1	2
	Selecionadas	1	0	1	2
Preconceito/Discriminação	Encontradas	7	4	3	14
	Selecionadas	1	0	2	3
Total Geral		Encontradas			55
		Selecionadas			20

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016

Com base na Tabela 1 constata-se que foram encontrados, na área educacional, mediante a busca por meio das palavras-chaves supracitadas, 55 trabalhos entre teses, dissertações e artigos científicos, que puderam ser categorizados em 04 grupos de interesse para este trabalho, entre os quais 20 obras foram selecionadas para análise por serem, a priori, as mais próximas da pesquisa aqui relatada.

Nota-se, com a leitura da Tabela 1, que o preconceito racial e de gênero representam campos já bastante explorados. Por outro lado, como apontado anteriormente, percebe-se que o objeto deste estudo, no que diz respeito ao segmento de ensino em questão, apresenta-se ainda como uma lacuna a ser explorada, uma vez que apenas dois trabalhos foram encontrados versando sobre este tema neste segmento de ensino.

É importante salientar que a maior parte dos trabalhos encontrados com os descritores utilizados nos diferentes Bancos de Teses e Dissertações investigados apresentou temas que não estabeleciam nenhuma ligação com o foco de interesse desta pesquisa e, por isso, justifica-se não terem sido categorizados e posteriormente selecionados. Para efeito de esclarecimento, são listados a seguir, os principais temas encontrados nesses levantamentos e que foram devidamente descartados: *Correção de Fluxo; Currículo; Educação Sexual;*

Formação de Professores; Inclusão; Linguística; Livros Didáticos; Necessidades Especiais; Participação da Família na Escola; Robótica e Saúde.

Por fim, são apresentados a seguir, no Quadro 1, os dados-síntese dos 20 trabalhos selecionados nesse levantamento bibliográfico inicial, organizados segundo a base de pesquisa. As referências completas desses trabalhos encontram-se disponíveis no Apêndice D.

Quadro 1: Levantamento Bibliográfico - Teses, Dissertações e Artigos Científicos selecionados

Grupo 1 – Preconceito Racial	
Textos	Base de Pesquisa
<p>Autora: Jussara Nascimento dos Santos Título: Preconceito Racial em foco: uma análise das relações estabelecidas entre crianças negras não negras na educação infantil Dissertação/2013 Sobre a pesquisa: Neste trabalho a autora faz uso, como aporte teórico, da Teoria Crítica da Sociedade, especialmente as formulações sobre preconceito de Adorno, um autor relevante à fundamentação deste estudo.</p>	PUC-SP
<p>Autora: Risomar Alves dos Santos Título: Racismo, preconceito e discriminação: Concepções de professores Tese/2007 Sobre a pesquisa: Chamam a atenção neste trabalho os procedimentos metodológicos empregados pela autora: questionário e entrevista semi-estruturada. A consulta da obra se fez necessária para verificação de adequação destes procedimentos a este trabalho.</p>	PUC-SP
<p>Autora: Rachel de Oliveira Título: Relações Raciais na escola: uma experiência de intervenção Dissertação/1992 Sobre a pesquisa: Este trabalho retrata as dificuldades e os avanços de um grupo de professores negros para a introdução do debate sobre educação e relações raciais na escola, o que pode ser útil no sentido de fundamentar teoricamente este trabalho.</p>	PUC-SP
<p>Autora: Maria Aparecida Silva Título: Mulheres negras adolescentes no ensino médio. Discriminação e desafio Dissertação/2005 Sobre a pesquisa: Este trabalho emprega as entrevistas fechadas como recurso metodológico; a autora investiga a existência da estereotipagem das alunas negras nas escolas. Pode ser útil à pesquisa pelo fato da autora tratar da questão de gênero e da formação de estigmas entre jovens adolescentes do ensino médio.</p>	UNESP
<p>Autora: Fernanda Vasconcelos Dias Título: “Sem querer você mostra seu preconceito!”: um estudo sobre as relações raciais entre jovens estudantes de uma escola de ensino médio Dissertação/2011 Sobre a pesquisa: A pesquisa faz menção ao preconceito racial e utiliza como procedimento metodológico a observação participante em sala de aula. Chama a atenção o fato de a autora mencionar que evidenciou em sua pesquisa a naturalização do preconceito na escola.</p>	UFMG
<p>Autora: Marisa Adriane Dulcini Demarzo Título: Educação das relações étnico-raciais: aprendizagens e experiências de professoras em São Carlos – SP Dissertação/2009 Sobre a pesquisa: Este trabalho traz em sua análise importantes conceitos que serão úteis a este trabalho, como preconceito, discriminação e eventualmente racismo.</p>	UFSCar
<p>Autora: Isabel Cristina Fonseca da Cruz Título: A sexualidade, a saúde reprodutiva e a violência contra a mulher negra: aspectos de interesse para assistência de enfermagem Periódico: Revista da Escola de Enfermagem da USP</p>	SCIELO

<p>Data da Publicação: 2004 Sobre a pesquisa: Neste artigo a autora sugere que o racismo e o sexismo estão operantes por meio da omissão ou negligência do Estado, o que se relaciona com a realidade das escolas, onde se constatam pequena ou nenhuma proposição de ações sendo promovidas no sentido desconstruir tal realidade.</p>	
Grupo 2 – Gênero	
Textos	Base de Pesquisa
<p>Autora: Andréia de Almeida Título: Educação Profissional e relações de gênero: razões de escolha e a discriminação Dissertação/2015 Sobre a pesquisa: Neste trabalho a autora procura compreender como se dá a escolha profissional por parte do alunado; analisa também diferenças e semelhanças entre homens e mulheres, no que tange às demandas pessoais por uma formação profissional. Destaca-se ainda, que a autora busca evidenciar a existência ou não de discriminação, praticada ou sofrida, pelos alunos e alunas, num curso técnico majoritariamente frequentado por homens, o curso de Automação Industrial. Tal trabalho revela-se interessante a esta pesquisa, diante do fato de situações análogas serem evidenciadas, entre os alunos/alunas do curso Técnico de Alimentos Integrado ao Ensino Médio, curso este que, por sua vez, apresenta a característica de ser frequentado predominantemente por mulheres.</p>	PUC-SP
<p>Autora: Sira Napolitano Título: Gênero, Educação e Preconceito: uma pesquisa no curso de Serviço Social através da abordagem Psicossocial Dissertação/2002 Sobre a pesquisa: Este trabalho aborda a questão do preconceito de gênero num ambiente educacional, no caso, um curso superior notadamente frequentado por mulheres, o curso de Serviço Social. Acredita-se que um paralelo pode ser estabelecido com o curso de Alimentos em razão da citada característica.</p>	UNESP
<p>Autor: Vagner Matias do Prado Título: Entre ditos e não ditos: a marcação social de diferenças de gênero e sexualidade por intermédio das práticas escolares da Educação Física Tese/2014 Sobre a pesquisa: Neste trabalho o autor levanta questões sobre a expectativa criada acerca da homossexualidade no campo da prática da educação física na educação básica; traz ainda elementos que possibilitam compreender as questões de gênero que se apresentam no ambiente escolar.</p>	UNESP
<p>Autora: Eliana Célia Ismael da Costa Título: As novas formas de discriminação sexista: uma perspectiva da psicologia social. Tese/2005 Sobre a pesquisa: Neste trabalho a autora busca tratar da discriminação da mulher nas relações de trabalho; trata ainda da questão que envolve a criação de estereótipos da mulher no mercado de trabalho.</p>	UNICAMP
<p>Autoras: Fabiane Ferreira da Silva e Paula Regina Costa Ribeiro Título: Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher" Periódico: Revista Ciência & Educação (Bauru) - Volume 20, número 2 Data da publicação: 2014 Sobre a pesquisa: Este artigo despertou o interesse pelo fato das autoras tratarem do preconceito de gênero; verificou-se através do estudo que no meio acadêmico menções a piadas/brincadeiras de cunho sexista não são reconhecidas como preconceito. Tal fato chamou atenção por guardar similitude àquelas situações experimentadas pelos frequentadores do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio.</p>	SCIELO
<p>Autores: Sabrina Lucas Ribeiro de Freitas; Morgana Pontes Abreu; Gabriella Riad Iskandar Mesquita; Valéria de Sá Jaime; João Maurício Lucas Gordo e Luiz Antônio Franco da Silva. Título: Diferenças entre os gêneros na assistência técnica e extensão rural realizada por médicos veterinários: paradigma ou preconceito Periódico: Revista Ceres (Viçosa) Volume 61, número 1 Data da Publicação: 2014 Sobre a pesquisa: Neste artigo os autores buscam evidenciar a existência de preconceito de gênero com relação aos profissionais que atuam no ramo da zootecnia e da medicina</p>	SCIELO

veterinária, o que permitiu, uma vez mais, estabelecer um paralelo com o curso do IFSP, foco deste trabalho, em razão de suas peculiaridades.	
<p>Autor: Sergio Gomes da Silva Título: Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher Periódico: Revista Psicologia: Ciência e Profissão (Brasília) – Volume 30, número 3 Data da Publicação: 2010 Sobre a pesquisa: Neste artigo o autor tem por objetivo analisar a maneira como o preconceito, a discriminação e a intolerância constituíram, historicamente, predicativos da violência de gênero, trazendo para este debate a interpenetração de três módulos distintos: sexo/gênero, raça/etnia e classe social.</p>	SCIELO
<p>Autores: Marcos Mesquita Filho; Cremilda Eufrásio e Marcos Antônio Batista Título: Estereótipos de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos Periódico: Revista Saúde e Sociedade (São Paulo) – Volume 20, número 3 Data de publicação: 2011 Sobre a pesquisa: Neste artigo os autores revelam que a discriminação e violência contra as mulheres são fruto de representações distorcidas do gênero feminino. Relevante também é a indicação feita pelos autores de que a escola é um ambiente onde muito se constata evidências da manifestação do sexismo e a formação de estereótipos de gênero.</p>	SCIELO
Grupo 3 – Formação Técnica Profissional	
Textos	Base de Pesquisa
<p>Autor: José Vitório Sacilotto. Título: A indústria química e a qualificação da força de trabalho: a formação do técnico químico pelo COTICAP (1965-1980). Dissertação/1992 Sobre a pesquisa: Neste trabalho o autor investiga a qualificação da força de trabalho para a indústria química, partindo do pressuposto que o Estado é pressionado pelo capital a financiar a preparação de mão de obra através das escolas técnicas. Trata-se dum trabalho que abarca questões que envolvem o universo de estudantes de cursos técnicos no Brasil, nesse sentido, aproximando-se da realidade a ser investigada com este estudo.</p>	UNICAMP
<p>Autores: Thiago Luis de Andrade Barbosa; Ludmila Mourão Xavier Gomes; Tatiana Carvalho Reis e Maisa Tavares de Souza Leite. Título: Expectativas e percepções dos estudantes do curso técnico em enfermagem com relação ao mercado de trabalho Periódico: Revista Texto & Contexto – Enfermagem (Florianópolis) Volume 20, número especial Data da publicação: 2011 Sobre a pesquisa: O objetivo deste artigo é identificar as percepções e expectativas dos estudantes do curso Técnico em Enfermagem com relação ao mercado de trabalho. Ao fazê-lo os autores concluíram que há da parte do alunado uma baixa auto-estima; evidenciaram também que os mesmos queixam-se de preconceito.</p>	SCIELO
Grupo 4 – Preconceito/Discriminação	
Textos	Base de Pesquisa
<p>Autora: Ana Lúcia Valente Espósito Título: Preconceito e discriminação vistos por um grupo de crianças Dissertação/2009 Sobre a pesquisa: Com o propósito de investigar a temática a autora utiliza o método dos grupos focais, procedimento investigativo cujo emprego neste estudo foi considerado. A autora visa neste trabalho investigar de que forma um grupo de crianças compreende e vivencia o preconceito, a discriminação e o racismo na escola, considerando para tanto as diferenças étnicas existentes entre as crianças brancas e negras.</p>	PUC-SP
<p>Autoras: Jully Fortunato Buendgens e Aliciene Fusca Machado Cordeiro Título: Preconceitos na Escola: sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes no ensino médio Periódico: Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (São Paulo) Volume 16, número 1 Data da publicação: 2012 Sobre a pesquisa: As autoras, com este artigo têm por objetivo investigar os significados e</p>	SCIELO

sentidos atribuídos às situações de preconceito por adolescentes. No mesmo se distinguem vários tipos de preconceito; as autoras apontam ainda a necessidade de trabalhar a temática da diversidade e do preconceito com mais frequência no espaço escolar.	
Autores: Wilma de Nazaré Baía Coelho e Mauro Cezar Coelho. Título: Preconceito e Discriminação para além das salas de aula: sociabilidades e cultura juvenil no ambiente escolar. Periódico: Revista do Instituto dos Estudos Brasileiros (São Paulo) número 62 Data de publicação: 2015 Sobre a pesquisa: Neste artigo, os autores identificam na escola distintos tipos de preconceitos (de cor, raça, gênero e confissão religiosa) e apontam que a questão não é encarada como um objeto de ação educativa, a partir da evidência de que tais casos, quando registrados são tidos como um infringir as regras e, portanto apenas sujeitando seus autores a punições regimentais.	SCIELO

O breve levantamento de leituras realizado para organização desta Dissertação permitiu perceber que a temática do *preconceito*, especificamente quando considerado no contexto escolar, representa, para o campo das pesquisas em Educação, um universo já bastante explorado, contudo, longe de ser esgotado.

A temática em questão tem sido muito investigada, principalmente por meio de estudos que contemplam as questões raciais e de gênero, notadamente, nos segmentos da Educação Básica, ou seja, a partir das séries iniciais até o ensino médio.

Diante disso considerou-se ser necessária uma nova investigação, que pudesse contemplar lacunas que se apresentaram, principalmente, no campo daquelas instituições educacionais, que para além do ensino médio, oferecem ao jovem alunado, uma formação profissional técnica de nível médio, a exemplo das ETECs e dos IFs.

Desenho da Pesquisa Realizada

Problema de Pesquisa

A pergunta central norteadora da realização desta pesquisa é: *Como alunos concluintes e seus professores do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio percebem situações de preconceito e discriminação em relação a essa escolha profissional?*

Dessa pergunta central decorrem outras como:

- 1 – *Quais são essas situações? O que pensam das mesmas e como reagem a elas?*
- 2 – *O que leva os alunos a escolherem esse curso? Como professores e alunos vêem o exercício dessa profissão?*

Objetivos

Objetivo Geral

Investigar as percepções de alunos concluintes e professores quanto à presença do preconceito e discriminação enfrentados pelo alunado pelo fato de terem feito opção por uma formação profissional técnica de nível médio – o curso Técnico em Alimentos Integrado ao Médio.

Objetivos Específicos

1 – Aprender os motivos que norteiam a decisão do alunado na escolha do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio;

2 – Analisar a percepção dos professores e do alunado quanto às diferentes formas e manifestações de preconceito e eventual discriminação sofridas pelo fato de terem feito a opção pelo curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio.

Hipótese

Preconceito e discriminação são situações muito comuns em condições intra-escolares, como foi possível observar a partir da revisão bibliográfica. Constituem problemas sociais que nas escolas básicas encontram palco favorável à sua disseminação. Neste contexto, supõe-se que na realidade dos cursos técnicos integrados ao ensino médio encontram-se situações semelhantes. Assim a hipótese norteadora deste estudo está ligada à ideia de que o preconceito e discriminação – decorrentes da desinformação em relação à profissão (ou carreira) – são responsáveis por fazer do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio um curso majoritariamente frequentado por estudantes do sexo feminino.

Procedimentos Metodológicos e de Análise

Situado no âmbito da linha de pesquisa *Processos de Ensino*, este trabalho, de natureza qualitativa foi desenvolvido numa escola pública da rede federal de ensino técnico¹.

¹ O Projeto de Pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Araraquara - UNIARA (via Plataforma Brasil) tendo sido aprovado sob o número CAAE 65390817.8.0000.5383.

O presente estudo, de caráter descritivo e exploratório foi realizado conforme definição de Selltiz *et al.* (1965). Para esses autores, na pesquisa descritivo-exploratória, os dados coletados visam descrever pessoas, situações, ambientes e acontecimentos sob estudo, podendo incluir depoimentos, entrevistas, observações, análise de documentos, materiais, práticas e rotinas. Ou seja, visam, especificamente, maior aproximação, caracterização e descrição de objetos de pesquisa ainda pouco conhecidos.

Assim, a opção por fazer um estudo exploratório-descritivo ocorreu pelas finalidades deste tipo de estudo:

(1) para adquirir familiaridade com um fenômeno, ou obter novos discernimentos sobre ele; muitas vezes para a formulação de um problema mais preciso de pesquisa, ou para desenvolver hipóteses; (2) para representar com exatidão as características de um especial indivíduo, situação ou grupo (com ou sem hipóteses iniciais determinadas, sobre a natureza destas características); (3) para determinar a frequência com que algo ocorre ou com que uma coisa está relacionada à outra (geralmente, porém nem sempre, a uma hipótese inicial específica); (4) para analisar uma hipótese de uma relação causal entre variáveis.” (SELLTIZ *et al.*, 1965, p. 61)

Além disso, este estudo permite intensificar a familiaridade do pesquisador com o fenômeno que ele deseja investigar, possibilitando:

[...] esclarecer conceitos; estabelecer prioridades para pesquisas posteriores; colher informações sobre possibilidades práticas para realizar pesquisas em ambientes da vida real; fornecer um recenseamento de problemas considerados urgentes, por pessoas que trabalham em um determinado setor de relações sociais. (SELLTIZ *et al.*, 1965, p.62)

Assim, o estudo exploratório pode ser considerado, como afirmam Selltiz e outros (1965, p.63), como “[...] um passo inicial num contínuo processo de pesquisa”. Dessa forma, no caso da pesquisa aqui relatada, este tipo de estudo possibilitou a compreensão de diferentes aspectos do problema investigado, por meio dos depoimentos dos agentes envolvidos (professores e alunos), gerando análises e novos questionamentos sobre a temática.

Nesta pesquisa, optou-se, ainda, pela aplicação do **questionário**.

Segundo Giovanni (2009), o **questionário** constitui instrumento para a coleta de dados nas pesquisas científicas em educação, não só quantitativas, mas também qualitativas, com base em relato escrito dos respondentes, sobre crenças, opiniões, sentimentos, motivações, razões, etc. Pode ser o procedimento principal ou complementar na coleta dos dados.

O uso do questionário, conforme a autora permite estabelecer uma relação de interação entre quem pergunta e quem responde, na qual o respondente tem maior confiança

no anonimato e maior liberdade de resposta. Trata-se de um instrumento, ainda de acordo com Giovanni (2009), que pode tornar mais rápida a coleta dos dados, atingindo um número maior de respondentes em menos tempo. Mas isso exige cuidados, uma vez que muitas pessoas resistem a escrever. Entre eles a autora aponta:

- Usar linguagem e frases simples e diretas;
- Utilizar redação típica, padronizada, adequada aos respondentes;
- Evitar termos difíceis/ em desuso/ que gerem diferentes interpretações;
- Evitar redação e termos que induzam as respostas;
- Evitar frases muito longas;
- Evitar perguntas tendenciosas;
- Observar sequência das perguntas e interferências mútuas;
- Observar a importância da editoração e espaços adequados para respostas;
- Levar em conta a necessidade de critérios para seleção dos respondentes (que referências dispõem sobre os fatos/questões em estudo?);
- Cuidar da localização, acesso e conforto das pessoas para responder;
- Observar a necessidade de confronto com registros/documentos/outros depoimentos.

Além disso, a autora alerta para possíveis perdas na devolução dos questionários dependendo do “percurso” entre pesquisador e pesquisados. Ou seja, influencia muito na porcentagem de retorno: quem envia, o tipo de solicitação, a linguagem utilizada, uma forma de apresentação atraente, a facilidade de preenchimento e devolução, e até os motivos que os sujeitos têm para responder (GIOVANNI, 2009).

Em relação às entrevistas realizadas com o grupo de alunos, cabe esclarecer, ainda segundo Giovanni (2009) que tal procedimento quando empregado numa pesquisa científica têm interessantes peculiaridades que muito contribuem ao trabalho de levantamento de dados, tais como:

- a possibilidade de entrevistador e entrevistados estarem face a face, o que permite, na prática, a direta interlocução entre as partes envolvidas no procedimento;
- uma maior flexibilidade para entrevistador e entrevistados, seja na condução da entrevista, elaboração de perguntas e respostas, esclarecimento de eventuais dúvidas, entre outros aspectos;
- a oportunidade de observação das reações dos respondentes pelo entrevistador;

- a possibilidade de registro, desde que autorizado, em áudio/vídeo do procedimento de entrevista;
- a natureza relacional/interativa entre as partes, comprometida, por exemplo, no procedimento de aplicação dos questionários;
- o importante movimento reflexivo proporcionado pelo procedimento que lhe atribui inclusive caráter formativo.

Contudo, alerta a autora que, assim como os questionários, o procedimento de entrevistas pode ser negativamente afetado, em um trabalho como este, em razão de uma série de situações, de riscos e cuidados, que necessitam ser previamente conhecidos, a exemplo de:

- uma suposta relação de poder/hierarquia, entre entrevistador e entrevistados, afetar às respostas concedidas;
- a mútua avaliação realizada pelas partes influenciar os rumos, as respostas, o procedimento em sua essência;
- a tendência dos entrevistados, por vezes, de concordar com o entrevistador, ou com o que eles imaginam serem as expectativas do entrevistador;
- a chance de esbarrar em questões éticas e/ou “desabafos” da parte do entrevistado;
- o respeito ao entrevistado no que tange ao tempo predeterminado para a entrevista;
- a garantia aos entrevistados do sigilo e do anonimato;
- a necessidade de o entrevistador estar sempre atento, impedindo que uma “atenção flutuante” comprometa o sucesso do procedimento, entre outros aspectos que poderiam ser mencionados.

Assim, mediante o exposto até o momento, estabelecem-se os seguintes **passos** como norteadores à realização desta pesquisa:

- a) Levantamento bibliográfico;
- b) Seleção de trabalhos e respectivas leituras;
- c) Levantamento e seleção da escola e sujeitos da pesquisa;
- d) Construção de **questionários** para a coleta de dados e aplicação destes junto ao público alvo – **uma turma de alunos concluintes do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio** (20 alunos) de uma escola pública federal (IFSP) e **seus 15 professores, do ano de 2017** (responderam ao questionário apenas os alunos e professores que aceitaram participar da pesquisa, assinando o Termo de Assentimento e entregando o

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos pais – no caso dos alunos, que têm todos 16 anos ou mais);

e) A aplicação do questionário aos alunos foi feita em sala de aula, no horário de aula dos alunos, com o consentimento do Coordenador de Curso e do Professor responsável pela aula;

f) Os Termos (Assentimento e Consentimento) foram entregues a todos os alunos com uma semana de antecedência;

g) Os professores receberam Termo de Consentimento e Questionário, via formulário eletrônico e tiveram uma semana para respondê-los, na escola ou em suas residências;

h) Seleção de 06 alunos para **entrevista coletiva com pequeno grupo de alunos** e construção de roteiro norteador para a mesma. Foram selecionados apenas os alunos que, ao responderem o questionário, afirmaram estar disponíveis para a entrevista e entregaram, devidamente assinados, os Termos de Assentimento e de Consentimento Livre e Esclarecido específicos para a entrevista em pequeno grupo. Nessa seleção foram incluídos 02 meninos (que se autodeclararam: branco – 01 e pardo – 01) e 04 meninas (autodeclaradas: brancas – 02 e negras – 02), de acordo com suas respostas à etapa do questionário;

i) A entrevista em pequeno grupo, com características de grupo focal (tal como definido por GATTI, 2005), foi realizada com os alunos, em data previamente agendada com eles e com a escola, por meio do Coordenador de Curso, no horário imediatamente anterior ao início da aula, sem a presença de professores. A dinâmica desse tipo de entrevista consistiu em conduzir as interações e a conversa entre os participantes, com base em uma ou mais questões-foco, com o objetivo de captar, a partir das trocas entre os membros do grupo, conceitos, emoções, atitudes, crenças, reações, experiências, pontos de vista sobre a temática em questão;

j) Para registro da entrevista em pequeno grupo foi usada apenas a gravação em áudio, com o consentimento dos participantes;

k) O questionário e o roteiro norteador da entrevista foram construídos com base nas questões, objetivos, hipóteses e conceitos norteadores da pesquisa, bem como foram testados por meio do exame e avaliação dos mesmos por pesquisador experiente da área - a orientadora (**Apêndice A** – Questionário aos alunos; **Apêndice B** – Questionário aos Professores; **Apêndice C** – Roteiro norteador da entrevista em pequeno grupo com alunos);

l) Os dados obtidos foram mapeados e organizados em quadros-síntese e tabelas;

m) Análise dos resultados foi realizada com base nas questões, objetivos e hipótese de pesquisa, nos apoios teóricos e no confronto com resultados de outras pesquisas já realizadas, tomando-se o cuidado de usar nomes fictícios e/ou números para fazer referência aos sujeitos da pesquisa (alunos ou professores) e à instituição;

Contribuições para a Melhoria da Educação Básica

A partir deste estudo em razão da transversalidade da temática, espera-se contribuir com os diferentes profissionais da docência no sentido de enfatizar a importância da promoção de práticas pedagógicas diferenciadas e autonomizantes, comprometidas com o enfrentamento de questões sociais e que proporcionem aos nossos alunos o aprimoramento da ideia e prática de cidadania.

Espera-se ainda, mais especificamente, obter subsídios que proporcionem o enfrentamento do preconceito e da discriminação nas escolas, possibilitando às mesmas se tornarem ambientes onde o convívio entre seus atores seja marcado pela harmonia, respeito e valorização das diferenças que enriquecem nossa sociedade.

Prevêem-se benefícios importantes, tanto para a instituição, quanto para os professores e alunos envolvidos na pesquisa, uma vez que:

- a pesquisa permitiu aos alunos falarem sobre o processo escolar vivido, sua percepção e reconhecimento de situações de discriminações;
- a instituição passará a ter disponíveis informações específicas decorrentes da Dissertação e seus resultados, ou seja, as percepções dos principais agentes envolvidos nesse processo: professores e alunos, possibilitando identificar (instituição e agentes envolvidos) a identidade educativa que envolve o curso e seus sujeitos.

Destaca-se, ainda, que foram previstos riscos quanto à possibilidade das manifestações dos alunos expressarem críticas a situações e práticas em sala de aula ou na escola, gerando desconfortos entre professores/alunos/direção. Nesse aspecto, as seguintes medidas preventivas foram tomadas:

- Deixou-se claro que a intenção da pesquisa não era avaliar alunos e professores do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, mas sim ajudar os alunos e professores a perceberem, reconhecerem, analisarem e compreenderem possíveis situações de preconceito e discriminação, suas motivações e características, conscientizando tais agentes e pondo em destaque a importância dos aspectos formativos envolvidos;
- Utilizou-se uma linguagem que orientasse a atenção dos agentes para ações formativas decorrentes da compreensão dessas situações, suas características e intenções;

– Chamou-se a atenção para o fortalecimento da identidade de curso e formação que essa compreensão confere a todos os envolvidos;

– Conduziram-se as ações de pesquisa e coleta de dados de forma a fortalecer nos sujeitos o conhecimento sobre o tema, o processo de afirmação de identidade e segurança de todos os envolvidos.

Tendo em vista, principalmente, a formação e a faixa etária dos alunos do ensino médio, espera-se que este estudo possa contribuir à produção de conhecimento na área da Educação em relação aos aspectos em estudo, contribuindo para melhoria das relações intra-escolares e práticas pedagógicas do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio e demais cursos oferecidos pela instituição, tendo em vista o comprometimento com o respeito às diferenças e o combate a todo tipo de discriminação no espaço escolar.

Estrutura da Dissertação

Finalmente, resta acrescentar a esta Introdução, que a Dissertação está organizada em 03 seções. O primeiro deles apresenta os apoios teóricos da pesquisa e outras leituras realizadas de pesquisadores e estudiosos da área. Na segunda seção estão reunidas informações sobre o contexto da pesquisa: a educação profissional de nível médio no Brasil e o IFSP, alvo do estudo no interior do Estado de São Paulo, com destaque para o curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio. A terceira seção, por sua vez, traz os dados coletados e sua análise, retratando especialmente as percepções de alunos e professores acerca do tema estudado. Encerrando esta Dissertação apresentam-se as Considerações Finais, as Referências Bibliográficas e os Apêndices.

1 - REFERENCIAL TEÓRICO E OUTRAS LEITURAS

Nesta seção, apresenta-se o referencial teórico empregado para a discussão dos dados e o mesmo fundamenta-se basicamente nas contribuições de Adorno (1995), Bobbio (2002), Crochik (1996 e 1997), Cavalleiro (2003), Santos (2013) e Almeida (2015)

Assim vejamos.

1.1 Preconceito e Discriminação Segundo Theodor W. Adorno

É importante a contribuição da obra de Adorno (1995) à realização deste trabalho. Este autor, de longa data, já vinha apontando em seus escritos, que nossa sociedade vem se pautando por uma “consciência coisificada”, cuja característica primordial, segundo o mesmo, era o fetichismo da/pela técnica. Em suma, para Adorno, as pessoas apresentam uma clara tendência a sobrevalorizar muito mais as coisas, futilidades materiais, do que, essencialmente compreender e valorizar o outro.

Trata-se esta situação de um condicionante bastante preocupante, uma vez que, dentro de uma conjuntura social como a atual, pressupõe-se que, no próprio convívio social, as relações entre as pessoas se vejam relegadas a uma importância secundária.

Neste sentido, urge enfrentar tal contexto, já que se julga ser o mesmo, um dos responsáveis diretos pela propagação e força com que se disseminam o preconceito e a discriminação, objetos de estudo deste trabalho, em meio à nossa sociedade, uma vez que como aponta Adorno (1995, p.126), há uma forte tendência dos indivíduos em apresentar uma “identificação cega com o coletivo”, aderindo e se apropriando de pressupostos carregados de equívocos, que uma vez naturalizados passam a pautar suas vidas comunitárias.

A leitura de Adorno (1995) aponta ser este um árduo caminho a ser percorrido, pois, nas palavras do autor, carregadas de certo ceticismo, combatê-lo significaria “[...] o mesmo que ser contra o espírito do mundo”, dada a forma com que tais questões se encontram arraigadas na sociedade em função dum quadro de “alienação social” que aparenta ter contaminado a coletividade, condenando-a a uma situação de “não-emancipação”, denotando desta forma, um quadro de passividade por parte das pessoas, no qual, segundo este autor “[...] nada lhes resta senão se adaptar à situação existente, se conformar”, além de “[...] abrir mão da subjetividade autônoma a que remete a ideia de democracia”, sobrevivendo “[...] apenas na medida em que abdicam seu próprio eu”.

Diante de tal quadro, o caminho a ser trilhado, seria, portanto, na perspectiva deste autor, aquele que conduzisse à “formação cultural”² e, conseqüentemente, à autonomia, à autodeterminação dos indivíduos, ou seja, uma trajetória a ser percorrida na direção de garantir condições de fortalecimento da subjetividade e da capacidade de autorreflexão, superando assim o que o autor denomina de “pseudoformação” – um fenômeno que, na sua essência acarretaria numa verdadeira inércia dos indivíduos e da sociedade diante da problemática conjuntura social.

Para Adorno (1996, p. 389), pseudoformação se refere à formação cultural que “[...] agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede” Trata-se de “[...] expressão típica da sociedade de massas”, uma vez que, “[...] apesar de toda ilustração e de toda informação que se difunde (e até mesmo com sua ajuda) a semiformação, ou pseudoformação, [...] passou a ser a forma dominante da consciência atual” . Ou ainda, trata-se do que o próprio autor denomina como “[...] educação baseada na obliteração da consciência, na negação das possibilidades emancipatórias dos indivíduos e na reificação das relações entre eles”.

Ou seja, Adorno nos ajuda a entender as relações sociais de dominação que estão presentes na sociedade e que acabam influenciando a formação dos indivíduos. Para esse autor a pseudoformação está ligada à interiorização da pseudocultura gerada pela indústria cultural, que transforma a cultura em mercadoria – e que, por sua vez, produz a falsa consciência. Assim, enquanto a formação é a interiorização da cultura, a pseudoformação é a interiorização acrítica da pseudocultura.

Afirma o autor, que este caminho pode levar à condição de “barbárie”. Um exemplo concreto disto, apresentado por Maar no Prefácio do livro de Adorno, *Educação e Emancipação* (1995, p. 14), seria a experiência da Alemanha, na primeira metade do século passado, onde “[...] o nazismo se constituiria num exemplo acabado deste componente de dominação da educação, resultado necessário e não acidental do processo de desenvolvimento da sociedade em suas bases materiais”. Na concepção deste autor, viu-se àquela ocasião, “[...] a ciência se converter em força produtiva social”, ou seja, o conhecimento, enquanto produto historicamente edificado, àquela época e até mesmo hoje, se prestaria, essencialmente, a

² Para Adorno (1995, p.63) formação cultural se refere “justamente aquilo para o que não existem à disposição hábitos adequados; ela só pode ser adquirida mediante esforço espontâneo e interesse, não pode ser garantida simplesmente por meio da frequência de cursos, e de qualquer modo estes seriam do tipo ‘cultura geral’. Na verdade, ela nem ao menos corresponde ao esforço mas sim, à disposição aberta, à capacidade de se abrir a elementos do espírito apropriando-os de modo produtivo na consciência, em vez de se ocupar com os mesmos unicamente para aprender, conforme prescreve um clichê insuportável”.

atender às demandas dos representantes do que ele convencionou chamar “capitalismo tardio”, obedecendo, portanto a uma “racionalidade produtivista”, ou seja, ao interesse das elites, para o qual, invariavelmente “[...] o sentido ético dos processos formativos e educacionais vaga à mercê das marés econômicas”, contribuindo desta forma para instabilidade social.

Neste ínterim, por consequência, constituir-se-ia uma verdadeira “crise de formação”, que viria a culminar numa “grave crise social da sociedade moderna”, evidenciada até hoje, aparentemente com consequências menos drásticas que o genocídio, mas que, silenciosas e carregadas de maldade, ainda se fazem muito presentes, uma vez que a lógica capitalista continua a se impor, sendo determinante e fortemente influenciadora dos rumos sociais e educacionais (MAAR, in: ADORNO, 1995, p.15).

A educação, neste sentido, estaria se prestando à formação técnica, científica, mas apresentando-se visivelmente desacompanhada de um comprometimento com a formação cultural, privilegiando assim os interesses de uma minoria burguesa, em detrimento das possibilidades de desempenhar seu importante papel em relação “[...] à formação da consciência de si, ao aperfeiçoamento moral, à conscientização” (MAAR, in: ADORNO, 1995, p.15).

Tal conjuntura social e educacional, evidentemente, poderia ser então encarada como uma das condições responsáveis por tão marcante “desumanização” dos indivíduos que, tanto lastro tem dado à deterioração das relações sociais, haja vista a permanência e relevância do objeto deste estudo e, muito favorecendo desta forma à manutenção do *status quo*.

Transformar os sujeitos então se torna imprescindível para a reversão de tal quadro. Mas para tanto, se faz necessário optar por um processo determinado e este deve perpassar por uma proposta de “educação crítica” como indica Adorno (1995), que se apresente atualmente (em tempos de “escola sem partido”³) como subversiva, direcionada à

³ Projeto de lei 193/2016, de autoria do senador Magno Malta (PR-ES), que inclui entre as diretrizes e bases da educação nacional o programa Escola sem Partido. Esse programa, que tem ganhado defensores e críticos nos últimos tempos, existe desde 2004 e foi criado por membros da sociedade civil, como uma reação contra práticas no ensino brasileiro que eles consideram ilegais: *a doutrinação política e ideológica em sala de aula e a usurpação do direito dos pais dos alunos sobre a educação moral e religiosa dos seus filhos*. Na contramão dessa ideia, estudiosos especialistas em educação criticam tal programa, afirmando que nada na sociedade é isento de ideologia, e que o Escola Sem Partido, na verdade, é uma proposta carregada de conservadorismo, autoritarismo e fundamentalismo religioso. Ver a respeito:

PINHEIRO NETO, Othoniel. *As múltiplas inconstitucionalidades e equívocos dos projetos de lei “Escola sem Partido”*, 2016. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/46182/as-multiplas-inconstitucionalidades-e-equivocos-dos-projetos-de-lei-escola-sem-partido>

SANTANA, Ana Elisa. *Escola sem Partido: entenda o que é o movimento que divide opiniões*. Agência Brasil. 20/07/2016. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2016/07/20/escola-sem-partido-entenda-o-que-e-o-movimento-que-divide-opinioes.htm>

“contradição e para a resistência” e que esteja comprometida com a ousadia de enfrentar aquilo que aí está posto e que historicamente não tem permitido a constituição de uma nova história.

Nessa perspectiva, vislumbra-se a ideia de que os espaços escolares possam ser ainda ambientes bastante propícios à empreitada inerente à desconstrução das questões postas (discriminação e preconceito), verdadeiros “tabus”. Mais do que isso, considera-se que tais ambientes possam vir a proporcionar, notadamente entre os mais jovens, a passagem para aquela condição que Adorno (1995, p.142) chamou de “emancipação” que “significa o mesmo que conscientização, racionalidade”, ou seja, na qual a Educação ali promovida possa, como afirma o próprio autor, servir à “produção de uma consciência verdadeira” e de um “juízo independente”, concebendo-se, assim, cidadãos menos influenciáveis e manipuláveis/manipulados e mais autônomos, racionais, reflexivos, conscientes, senhores de si mesmos.

A Escola, como instituição de marcante penetração social, propondo-se a isto, estará, portanto, segundo Adorno (1995), com esta concepção educacional, dando grande contribuição à “desbarbarização da humanidade”, atendendo à exigência primária que o autor coloca à Educação: “[...] que Auschwitz não se repita [...]”.

1.2 Preconceito e Discriminação na Visão de Norberto Bobbio

A contribuição do italiano Bobbio se apresenta também bastante pertinente à sustentação deste trabalho.

Para este autor, “[...] o preconceito pertence à esfera do não racional, ao conjunto das crenças que não nascem do raciocínio e escapam de qualquer refutação fundada num raciocínio” (BOBBIO, 2002, p.103), ou seja, na sua essência o mesmo pode ser concebido como uma opinião errônea, mas que, por vezes é tomada por verdadeira e, da mesma maneira, segundo o autor aponta, pode esta noção adquirir algumas formas de distinção.

Bobbio (2002) indica ainda que

[...] a força do preconceito depende geralmente do fato de que a crença na veracidade de uma opinião falsa corresponde aos meus desejos, mobiliza minhas paixões, serve aos meus interesses. Por trás da força de convicção com que acreditamos naquilo que o preconceito nos faz acreditar está uma razão prática e, portanto, justamente em consequência desta razão prática, uma predisposição a acreditar na opinião que o preconceito transmite. (p.104).

Neste sentido, pode-se então compreender, de acordo com os apontamentos feitos acima, a razão de Bobbio afirmar ser o preconceito “[...] um erro mais tenaz e socialmente mais perigoso”, dificilmente “corrigível”, já que na moderna sociedade, onde impera a lógica capitalista, marcada por rivalidades e competitividades acirradas por um lugar de destaque no cenário social, dificilmente se consegue ser bem sucedido no enfrentamento daquelas questões que fomentam os preconceitos, uma vez que as pessoas tendem em resistir a mudar suas concepções, receosas de serem prejudicadas num contexto onde o interesse/sucesso financeiro particular é imperativo.

Bobbio (2002) aponta ainda, que os indivíduos preconceituosos apresentam esta mencionada característica por “prevenção”, ou seja, a predisposição à assimilação de um preconceito se dá mais facilmente naqueles indivíduos que enxergam numa dada situação uma condição à sua autoproteção, a sua sobrevivência, o atendimento particular de seus interesses sejam lá quais forem.

No sentido de melhor elucidar a noção de preconceito, o autor aponta que existem diversas formas de distingui-lo. Por exemplo, podemos distinguir os preconceitos individuais e coletivos. Por *preconceito individual*, Bobbio (2002, p.105) entende “[...] as superstições, as crenças mais ou menos idiotas no azar, na maldição, no mau olhado[...]”, ou seja, parafraseando o autor, são “crenças mais ou menos inócuas”.

Interessa nesta pesquisa, muito mais o seu entendimento de *preconceito coletivo*, pois para este autor, estes são “[...] aqueles que são compartilhados por um grupo social inteiro e estão dirigidos a outro grupo social” (BOBBIO, 2002, p.105).

Bobbio (2002) afirma que o perigo do *preconceito coletivo* reside “[...] no modo distorcido com que um grupo social julga o outro” e, portanto, nas prováveis consequências advindas desta situação, que podem culminar na discriminação, no desprezo, na violência de um grupo para com o outro.

Bobbio indica que, via de regra, o “juízo distorcido” tende a apresentar reciprocidade entre as partes, o que significa, na prática, que os membros de um grupo passam a apresentar maior identificação entre si, quanto mais inclinação apresentem em reconhecer o outro como diverso, diferente, hostil e, em razão disso, passem a discriminá-lo, não aceitá-lo, recusando com este o diálogo e a sua compreensão.

Outro importante apontamento deste autor se refere ao seu entendimento de *discriminação* – a principal consequência do preconceito de grupo ou coletivo. Para Bobbio, (2002, p.108), inicialmente, a “[...] discriminação se funda num mero *juízo de fato*, isto é, na

constatação da diversidade entre homem e homem, entre grupo e grupo”. Concordamos com o autor neste aspecto, pois os homens são, realmente, diferentes entre si, são distintos numa infinidade de condições. Não há, pois, aqui, juízo discriminante.

Todavia, para efeito deste trabalho, interessa, a definição do autor sobre discriminação como *juízo de valor*, isto é, nesse caso, exemplifica o autor, o perigo ocorre quando “[...] dos dois grupos diversos, um seja considerado bom e o outro mau, ou que um seja considerado civilizado e outro bárbaro, um superior e outro inferior”. Dessa forma, basicamente, essa situação descrita da discriminação como juízo de valor, condiz com a situação experimentada no âmbito da instituição alvo desta pesquisa, envolvendo os frequentadores dos diferentes cursos oferecidos pela mesma.

Segundo Bobbio (2002, p.108), [...] “um juízo desse tipo introduz um critério de distinção não mais factual, mas valorativo, que como todos os juízos de valor é relativo, historicamente ou mesmo subjetivamente condicionado”. Nesta equivocada perspectiva emerge uma falsa hierarquização entre os grupos, onde negros e mulheres, por exemplo, podem ter seus papéis sociais relativizados, numa suposta “relação superior-inferior”, na qual os critérios de valor que determinam a posição de cada ator social são desconhecidos ou simplesmente resultantes históricos/culturais de alguma forma ou expressão do preconceito, uma vez que, como aponta o autor: “[...] “as desigualdades entre os homens têm uma origem social [...]”, já que, segundo este raciocínio a “[...] natureza fez os homens iguais e a civilização os tornou desiguais [...]”.

Relevante ainda para este estudo é a consideração que Bobbio faz acerca do que ele mesmo chama de “questão feminina”.

É bastante óbvio que entre os homens e as mulheres existem inúmeras diferenças naturais, anatômicas, por exemplo.

Contudo, com este trabalho, verifica-se que, para além do que Bobbio convencionou chamar “desigualdades naturais”, prevalece ainda, em meio a nossa sociedade, uma situação, na qual, segundo o autor, “[...] o preconceito nasce da superposição à desigualdade natural de uma desigualdade social que não é reconhecida como tal” (BOBBIO, 2002, p.113). Ou seja, trata-se de um quadro onde as “desigualdades sociais” tendem a ser vistas como naturais, num contexto, por exemplo, em que as mulheres, longe de serem consideradas uma minoria, são colocadas numa posição de importância secundária, situação esta inadmissível a uma sociedade que se espera democrática.

Esta investigação, enfim, busca compreender, com base nas considerações realizadas, entre outros aspectos, como tem se dado o jogo relacional, entre os diversos atores, no interior

de uma instituição de ensino, entre os diferentes grupos que a frequentam e num contexto em que manifestações de preconceito e discriminação já foram registrados, como apontado anteriormente no bojo da Introdução desta Dissertação.

1.3 O Processo de Aquisição dos Preconceitos Segundo José Leon Crochik

Este autor, em seu trabalho *Preconceito, Indivíduo e Sociedade* busca analisar “o preconceito a partir de suas dimensões psíquicas e sociais”.

No interior desta obra, o autor busca apresentar as características dos indivíduos predispostos ao preconceito, com base num estudo de Adorno de 1965, intitulado *La Personalidade Autoritária*. Nesse trabalho, Crochik (1996) aponta que o preconceito

[...] se instala no desenvolvimento individual como um produto das relações entre os conflitos psíquicos e a estereotipia do pensamento – que já é uma defesa psíquica contra aqueles – e o estereótipo, o que indica que elementos próprios à cultura estão presentes. (p.47)

Nesse sentido, no imaginário do senso comum, portanto, advindos da própria cultura, perpassando gerações, estariam aquelas ideias que vão alimentar as mais distintas facetas assumidas pelo preconceito e manifestadas pelos preconceituosos, com relação a uma série de objetos.

Corroborando à compreensão da afirmativa anterior, na obra *Preconceito, Indivíduo e Cultura*, Crochik (1997, p.11), indica que “[...] aquilo que leva o indivíduo a ser ou não preconceituoso pode ser encontrado no seu processo de socialização, no qual se transforma e se forma como indivíduo” e sugere

[...] se o processo de socialização só pode ser vivenciado pelo indivíduo, as formas, os instrumentos e os conteúdos pertencem à cultura, o que significa que a relação entre os indivíduos é sempre mediada por aquela e que, portanto, o indivíduo é fruto desta mediação (p.13)

Desta forma, infere-se, portanto que, historicamente, no processo de apropriação da cultura, seriam transmitidos também os preconceitos que, por sua vez, irracionalmente seriam assimilados e legitimados pelos indivíduos, passando a ser inconscientemente reproduzidos e retransmitidos, deturpando desta forma o convívio entre os diferentes, uma vez que, nesta lógica, tendem os indivíduos a manifestar rejeição, estranheza, ojeriza àquilo e àqueles que desconhecem ou abdicam de conhecer, uma vez que já se apropriaram de um determinado juízo de valor outrora concebido, ou seja, nas palavras do autor, já tomaram para si, como natural, aquilo que foi “socialmente imputado” (CROCHIK, 2013, p.22).

Nesse contexto, diante da ideia do autor de que o preconceito é interiorizado durante o processo de socialização, acredita-se que, no interior do espaço escolar, por intermédio das práticas que podem ser ali promovidas, possam ser criadas condições pedagógicas/educacionais propícias à desconstrução dos preconceitos edificados entre seus frequentadores, mediante a “experiência e reflexão”, que segundo Crochik seriam as “bases da constituição do indivíduo, em sua relação com a cultura” (CROCHIK, 1997, p.13). Ações desacompanhadas de reflexão e a fragilidade das experiências, nas instituições percorridas por estes indivíduos, onde são registradas a maior parte dos eventos inerentes à socialização, nesse caso, em especial a Escola, seriam, portanto, responsáveis por não permitir a estes indivíduos a possibilidade de pensar sobre si e sobre os outros, impedindo-os de galgar um caminho que lhes permita a definitiva ruptura, ou seja, na sua essência, uma condição a ser fundada que lhes seja garantidora da desmistificação dos estereótipos e preconceitos.

Espera-se que esta investigação permita identificar caminhos que possam indicar esta direção.

Acerca dos *estereótipos*, Crochik (1997, p.18), afirma que o “estereótipo não se confunde com o preconceito, mas é um de seus elementos”. De acordo com o autor, o estereótipo

[...] é um produto cultural que nasce no próprio processo de adaptação do homem à natureza, que na nossa cultura implicou uma dominação a mais, visto que o poder entre os homens – exercido inicialmente pela força – transformou-se em violência sublimada, propagada pelas palavras na própria divisão social do trabalho (CROCHIK, 1996. p.52).

Tal concepção, se trazida para o contexto desta investigação, pode ser empregada no sentido de compreender as razões que levam parte do alunado que frequenta cursos técnicos de nível médio a ser vítima de discriminação por parte de seus pares, pois, no entendimento deste autor “[...] a (des)valorização dos objetos do preconceito provém da divisão do trabalho, da hierarquia social estabelecida, das necessidades sociais do mundo do trabalho” (CROCHIK, 1996. p.54)”, ou seja, das equivocadas ideias que estabelecem falsas hierarquias, falsas noções de importância e equivocados juízos de valor, distinções essas que, na sua essência, inexistem.

Dentro do contexto citado acima, o autor, em sua obra, didaticamente, nos traz uma amostra de situação que parece ser muito pertinente aos propósitos deste trabalho. Segundo o autor, (1997, p. 20) no (per)curso usual de nossas vidas “[...] quando temos que decidir sobre [...] qual profissão escolher, utilizamos o comportamento economicamente racional calcado na fórmula custos/benefícios”, e tal tomada de decisão pode ser, portanto, muito influenciada,

por uma extensa gama de variáveis, muitas delas carregadas de equívocos, preconceitos, profundamente arraigados em nossa sociedade, a exemplo do estereótipo de gênero⁴.

Assim sendo, numa ação marcada pelo imediatismo, pela carência de reflexão e por fortes pressões externas, dos familiares, por exemplo, onde os processos psíquicos são/foram fortemente influenciados/determinados, não pela racionalidade (que se espera do cidadão autônomo, emancipado), mas por imperativos inerentes à lógica do mercado, teríamos, portanto, condicionantes que podem se tornar decisivos ao afloramento e acirramento da competitividade entre os grupos, entre os indivíduos, fazendo ativar, desta forma, os preconceitos e, conseqüentemente, a sua materialização, a discriminação.

Nota-se, diante do exposto, ser cada vez mais relevante o papel da Educação, pois como afirma Crochick (2013, p.143) “[...] nas sociedades atuais, caracterizadas pela dominação expressa pelo capital, mas não só por ele, a educação deve proporcionar a formação de consciências que combatam toda forma de injustiça social”. Todavia, tal empreitada se mostra difícil, haja vista que, como cita o próprio autor, muito do que se tem visto, na realidade, são espaços escolares contribuírem em oposição a estes pressupostos, ou seja, contribuindo para a “[...] formação de indivíduos padronizados, competitivos e não críticos” – o que acaba por revelar as contradições inerentes ao processo educacional.

1.4 Outros Estudiosos da Temática

Embora as autoras apresentadas a seguir, Eliane Cavalleiro e Jussara Nascimento dos Santos – focalizem em seus estudos o segmento da Educação Infantil, justifica-se a sua inclusão neste trabalho pela leitura que fazem da temática do preconceito no ambiente escolar e no segmento citado em especial, uma vez que, como menciona o próprio Adorno (1995, p.120), “[...] conforme os ensinamentos da psicologia profunda, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância [...]”, ressaltando desta maneira, a importância de se conhecer mais este tão importante período da vida escolar dos jovens com seus desdobramentos e reforça “[...] a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância [...]”.

Uma vez assimilada tal concepção, eventualmente, espera-se que, por meio destas contribuições, se possa constituir um arcabouço teórico que permita melhor compreender a

⁴ Estereótipo de gênero: é uma expressão que se refere a: “(...) um grupo estruturado de creencias sobre los atributos personales de mujeres y hombres (...) Dichas creencias pueden implicar una variedad de componentes incluyendo característica físicas y apariencia u ocupaciones y presunciones sobre la orientación sexual (COOK & CUSACK, 2010, p. 23).

manutenção e manifestações dos preconceitos também na faixa etária e etapa escolar abarcados por este trabalho.

1.4.1 Os Silêncios que Envolvem o Preconceito Segundo Eliane Cavalleiro

Eliane Cavalleiro, em sua obra intitulada *Do silêncio do lar ao silêncio escolar – Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil (2003)*, afirma buscar com seu trabalho “[...] compreender como se tem desenvolvido o processo de socialização dessa geração de sujeitos e que mundo lhe está sendo posto para ser interiorizado” (CAVALLEIRO, 2003, p.11) principalmente “[...] no que tange ao reconhecimento da diferença étnica numa sociedade envolta em um manto de ‘democracia racial’ [...]”, como é o caso da sociedade brasileira.

De forma análoga, acredita-se que propósito semelhante também possa ser alcançado com esta pesquisa, uma vez que, conhecendo-se a percepção de alunos e professores quanto a manifestações de preconceito e atitudes de discriminação no ambiente escolar que frequentam, eventualmente, seja possível conceber considerações acerca dos processos socializadores que estão contribuindo à edificação destes sujeitos sociais.

Enquanto esta autora pautou seu trabalho investigativo por um caminho que pretendia permear questões étnico-raciais na Educação Infantil, neste trabalho, a priori, buscou-se compreender aspectos intrínsecos a eventuais manifestações de preconceito e atitudes discriminatórias entre os jovens adolescentes frequentadores de um curso técnico integrado ao ensino médio, numa escola da rede federal de ensino, numa cidade média do interior do Estado de São Paulo, possivelmente transitando por um campo onde muito provavelmente surgirão sensíveis questões ligadas ao preconceito e discriminação relativos à classe social, raça, gênero, entre outros.

Evidenciada tal conjuntura tem-se reforçado o ideário que espera da escola, que esta possa e deva assumir papel de protagonista, pois dela se tem a expectativa (mas não somente dela) da contribuição em prol da edificação de um novo modelo de socialização pautado no reconhecimento e respeito às diferenças, à diversidade.

A autora, contudo, aponta, em suas considerações diante das evidências levantadas com seu trabalho de pesquisa, que na realidade as escolas brasileiras podem estar caminhando em direção oposta a estes pressupostos, uma vez que, segundo ela, “[...] ao se achar livre do preconceito e da discriminação, a escola tem perpetuado desigualdades de tratamento e minado efetivas oportunidades igualitárias a todas as crianças” (CAVALLEIRO, 2003, p.99),

uma vez que para ela, “[...] o novo membro da sociedade interioriza um mundo já posto, que lhe é apresentado com uma configuração já definida, construída anteriormente à sua existência”.

Desta forma, a atuação da escola é então colocada em xeque; a escola neste sentido, pouco estaria conseguindo contribuir para modificar o padrão histórico e tradicional da sociedade brasileira. Para esta autora, o trabalho escolar estaria se apresentando carente de um maior engajamento e reconhecimento daquelas questões com forte implicação social. Pior ainda, para a mesma, os atores da escola estariam, com sua postura profissional, agindo de forma que os conflitos experimentados no interior desta instituição estariam sendo naturalizados, tendo a sua gravidade relativizada, resultando na confirmação de tal situação. Em suas palavras:

[...] o modo como essas educadoras concebem o cotidiano escolar e as relações interpessoais nele estabelecidas dificulta a percepção dos conflitos étnicos e, inclusive, a realização de um trabalho sistemático que propicie a convivência multiétnica, já que para elas esse problemas inexistem (CAVALLEIRO. 2003, p.46)

É evidente, portanto, estarmos diante de um quadro que requer ser urgentemente alterado. Neste sentido, a autora, afirma que:

[...] a experiência escolar amplia e intensifica a socialização da criança. O contato com outras crianças de mesma idade, com outros adultos não pertencentes ao grupo familiar, com outros objetos de conhecimento, além daqueles vividos pelo grupo familiar vai possibilitar outros modos de leitura do mundo. (CAVALLEIRO, 2003, p.17)

Ou seja, segundo a autora, apesar de termos evidências de um quadro atualmente nebuloso, a instituição escolar, pelas suas peculiaridades e vivências que pode proporcionar, tem muito a positivamente contribuir, por meio das experiências ali concebidas para o crescimento e desenvolvimento das crianças, jovens e de todos os atores desse ambiente.

Nesse sentido, portanto, engajados no propósito da promoção de uma transformação social, da edificação de uma nova realidade a partir da e na escola, compartilham-se das idéias desta autora, para quem a Educação tem de ser encarada como “[...] um dos principais fatores de desenvolvimento da cidadania” já que segundo a mesma, “[...] só por meio dela é possível desmistificar as grandes contradições que nos são peculiares” a exemplo do preconceito e da discriminação, situações estas que fragilizam as relações interpessoais dentro e fora do espaço escolar.

1.4.2 Preconceito e Relações de Socialização na Escola, Segundo Jussara Nascimento dos Santos

Realizada nos anos de 2011 e 2012, a pesquisa de Jussara Nascimento dos Santos, resultou numa dissertação concluída em 2013, junto ao programa de Mestrado em Educação, da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP).

Neste trabalho, Santos (2013) teve por objetivo investigar as relações que eram estabelecidas entre crianças negras e não negras, de 5 e 6 anos, da Educação Infantil, numa escola de São Paulo. Pretendia a autora, através da observação de rotinas cotidianas estabelecidas por estas crianças, dentro e fora da sala de aula, verificar a ocorrência do preconceito racial no interior do espaço escolar.

Para tanto a autora utilizou-se dos procedimentos da observação sistemática direta e da aplicação do teste sociométrico. Pode, desta forma, coletar os dados necessários à sua pesquisa, que lhe permitiram concluir que as crianças negras padeciam de maior rejeição que as não negras, no âmbito das relações de socialização empreendidas habitualmente na escola, principalmente nos aspectos inerentes ao estudo, sendo considerável também a pouca aceitação deste grupo no campo da afetividade e beleza.

Santos (2013) constatou ainda que as crianças desde muito cedo tinham contato com o preconceito, pois, muito rotineiramente se evidenciavam na escola, comentários depreciativos associados à negritude, que acabam por culminar num quadro de constrangimento às vítimas destes comentários.

Pode, contudo, verificar que, apesar da existência do preconceito manifestado em suas relações, que as crianças, via de regra, durante o dia a dia se relacionam relativamente bem, o que nos dá margem a inferir que padrões histórico-sociais que marginalizam ao negro, não foram ainda completamente interiorizados, podendo, então serem desmistificados, pois, como indica Santos (2013, p. 21), pautando-se nos pressupostos de Adorno (2011), se incentivada/estimulada [...] a ação reflexiva ocorrida desde a primeira infância, certamente contribuirá a desbarbarização [...], ou seja, à desconstrução de preconceitos e estereótipos responsáveis por tão desconfortáveis situações no convívio social.

Apesar de destoar deste trabalho, em razão de lidar com outro público alvo e de tratar especificamente do preconceito racial, o trabalho de Santos (2013) ofereceu importantes subsídios a esta empreitada, uma vez que, à semelhança desta iniciativa, conta também com o

aporte teórico da Teoria Crítica da Sociedade, notadamente a contribuição de Adorno, assim como de Crochik, autores com os quais pactuamos de seu ideário.

1.4.3 Preconceito e Escolha de Profissões segundo Andreia de Almeida

Datada de 2015 e de autoria de Andreia de Almeida, a dissertação intitulada *Educação Profissional e relações de gênero: razões de escolha e discriminação* objetivava compreender os aspectos mais diretamente responsáveis pela definição da escolha profissional, por parte dos jovens alunos e alunas, constatando ainda se neste processo existiriam diferenças e/ou semelhanças entre homens e mulheres nesta trajetória da formação profissional.

Focalizando as relações de gênero e aspectos relacionados à profissionalização, visava ainda evidenciar se havia ou não discriminação, praticada por homens e/ou mulheres, num curso técnico majoritariamente masculino.

No que tange ao levantamento dos dados, a autora, utilizou-se da aplicação de questionários junto aos frequentadores(as) do curso e tal qual a proposta deste trabalho, fez uso em seu referencial teórico, dos pressupostos da Teoria Crítica da Sociedade, onde Adorno e outros autores balizam uma importante linha de pensamento no campo das ciências sociais.

Nesta sua contribuição, Almeida (2015), utilizando-se do Censo de Educação Superior de 2011, salienta que os dados trazidos por esta publicação revelam um Brasil caracterizado por uma constrangedora divisão social do trabalho, onde surge como um dos mais funestos e latentes cenários, o fato de termos em nosso país uma notória “divisão sexual do trabalho” no processo de profissionalização, condição esta, que a priori poderá ser ratificada com esta pesquisa.

Almeida (2015, p. 42), ao focar tal conjuntura [...] reconhece que não é ao acaso que mulheres e homens ocupam determinadas profissões e, conseqüentemente, determinadas áreas e status social com maior ou menor prestígio. Para a autora, tal situação, traz na sua essência, definitivamente, o entendimento de que há uma “[...] organização histórica do que é masculino e feminino [...]”, ou seja, há um constructo histórico, sociocultural, segundo o qual, especificamente nesse caso, a idéia de gênero, se apresenta como determinante nas questões inerentes à profissionalização, sendo também, influentes à verificação de manifestações de preconceito e atitudes discriminatórias. Salienta ainda a autora, para além da questão de gênero, que outros aspectos, como classe social e relações étnico-raciais, compõem também

importantes dimensões a terem suas influências compreendidas no que diz respeito às definições do futuro profissional. Para fins deste estudo, compartilharemos com esta autora da noção de gênero, surgida na década de 1970, resultante da influente ação dos movimentos feministas. Ou seja, segundo Almeida (2015),

[...] para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos (p.43).

Reforçando a natureza de trabalhos como este que aqui se propõe, ainda tratando dos aspectos que envolvem as relações de gênero, Almeida (2015, p.57) evoca a Silva⁵, para quem estudos desta monta “[...] só têm real valor à medida que, desnaturalizando as desigualdades, contribua para uma efetiva transformação nas relações entre homens e mulheres, equalizando essas relações”, uma vez que, como traz a própria autora em seu trabalho e como indica a análise dos dados coletados nesta pesquisa, tais relações estão distantes de serem harmoniosas, sendo, na realidade, reveladoras de uma série de estereótipos e preconceitos.

A autora atribui significativa importância ao equacionamento das questões de gênero que permeiam a realidade escolar, e aponta para a atenção que deve ser dada à participação masculina, uma vez que, em sua acepção, afirma que, “[...] se é fundamental transformar o que é ser mulher, não é menos importante a elaboração de uma nova masculinidade” (ALMEIDA, 2015, p.57), sendo necessária para tanto, a promoção de uma educação comprometida com a transformação social.

Ainda em alusão à ideia da divisão sexual do trabalho, Almeida (2015, p. 58) aponta que a Escola é co-responsável pela manutenção deste quadro e, neste sentido, reforça a importância de “[...] avaliar a influência dos estereótipos sexuais na educação, bem como a persistência das características da sociedade patriarcal”. Tais ponderações devem ser feitas também no bojo desta pesquisa, uma vez que vão ao encontro de seus objetivos e das evidências já levantadas.

Realizado numa unidade do IFSP, nos mesmos moldes desta pesquisa, o trabalho de Andreia de Almeida revelou, após questionar aos estudantes, que num universo de vinte e cinco (25) estudantes, sendo doze (12) mulheres, a maior parte das alunas respondentes (8) do curso Técnico em Automação Industrial indicou ter sofrido discriminação, sendo que seis (6)

⁵ ALMEIDA (2015) se refere aqui a: SILVA, Tânia Maria Gomes da. Trajetória da Historiografia das mulheres no Brasil. Revista Politeia: História e Sociedade. Vitória da Conquista, v.8, nº 1, 2008, p. 223-231.

destas indicaram terem sido alvo desta manifestação por conta de sua condição de mulher, neste que é um curso majoritariamente frequentado por homens, constatação esta que esteve acompanhada da indicação de várias outras formas de discriminação.

Chama a atenção, ainda, o fato de cinco (05) das respondentes terem indicado ter sofrido discriminação em decorrência de sua escolha profissional, o que, no entendimento da autora, revela ainda a manutenção de uma “[...] noção de que existem atividades voltadas a cada gênero” (ALMEIDA, 2015, p.74), revelando assim que alguns cursos técnicos e eventualmente superiores apresentam-se socialmente reconhecidos como destinados aos homens. Segundo Almeida (2015, p.93) pode-se perceber nitidamente nesta conjuntura “[...] a construção social do ‘ser homem’ e do ‘ser mulher’ enraizada na sociedade, e como esse fato ainda direciona não só as escolhas profissionais, mas influenciam essa elaboração”.

Percebe-se, portanto, diante do exposto, que há uma razoável proximidade entre esta pesquisa e o trabalho de Almeida (2015), uma vez que conjuntura similar é evidenciada no curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio da mesma rede de instituições, já que neste curso, em oposição ao curso de Automação Industrial é muito superior o número de matrículas e de frequentadores do sexo feminino, assim como é notável a evasão de alunos do sexo masculino, como poderá ser observado adiante a partir dos dados elencados pela Tabela 3.

Novamente, por guardar similitude com este trabalho, interessam-nos, os aspectos levantados pela autora, no que diz respeito à opção dos estudantes pela educação profissional. Os dados levantados indicam que os homens fazem a opção pelo curso de Automação Industrial, majoritariamente, por apresentarem identificação e por ambicionarem a possibilidade de experimentar a ascensão social associada a uma boa remuneração. Por sua vez, as estudantes do sexo feminino, indicaram ser mais importante nesta sua opção a qualidade associada ao curso técnico em questão e à possibilidade de continuidade dos estudos. Ressalta, todavia a autora que:

[...] apesar de estarem cursando uma área que as prepararia para a indústria, o interesse profissional das alunas direciona-se para outras áreas, o que pode indicar futuramente a desistência/abandono do curso ou a mudança de área (ALMEIDA, 2015, p.93).

Tal situação se apresenta bastante reveladora, pois indica que há condicionantes negativamente interferindo, no que tange ao grupo das mulheres, quanto à identificação com o

curso, à permanência na área, dentre outros aspectos, revelando a discriminação e preconceito de gênero enfrentados no curso.

Diante do exposto, cabe salientar a importância de se enfrentar tais condicionantes, visando otimizar o aproveitamento da oportunidade experimentada por estes alunos(as), uma vez que, a maior parte destes, principalmente as mulheres, indica desfrutar de um curso de boa qualidade, tendo ainda a percepção de estarem aptos para o ingresso no mundo do trabalho.

2 - EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL MÉDIO: O CONTEXTO DA PESQUISA

[...] a estruturação da educação básica e da educação profissional foi marcada por uma dualidade, historicamente construída, na qual os filhos das elites e os filhos da classe trabalhadora seguiam percursos educacionais distintos: os primeiros cursavam o curso primário como preparação para o ensino superior e os segundos os cursos profissionalizantes (Villela, 2017, p.27).⁶

Historicamente, a educação profissional no Brasil, cujos currículos pautavam-se por uma pedagogia tecnicista, se prestou à capacitação da mão de obra, ou seja, ao atendimento dos imediatistas interesses financeiros das elites burguesa e industrial. Hoje, após várias reformas e diante do fato deste modelo ter se apresentado falível em proporcionar garantias às camadas mais populares da possibilidade de ruptura de sua condição socioeconômica e cultural, pode-se afirmar que a educação profissional tem representado para a sociedade brasileira uma oportunidade de qualificação para o trabalho que permita, sim, ainda o ingresso dos jovens e atendimento imediato das demandas do mundo do trabalho. Mas, para além disso, representa uma oportunidade de formação, que pode possibilitar aos cidadãos a constituição de um verdadeiro capital humano, haja vista, que na modalidade Integrada ao Ensino Médio a formação oferecida ao alunado, ao menos em tese, pode ultrapassar o simples aprendizado de um ofício, apresentando-se com um caráter holístico, que melhor pode ser convencionada por *educação politécnica*⁷, de tal forma que se possa com esta proporcionar um salto qualitativo aos educandos, superando a mencionada dualidade que caracterizou o histórico contexto educacional deste país. Contudo, há de se mencionar, que tal conjuntura aparenta estar ameaçada, uma vez que se encontra em curso neste país uma conservadora “Reforma do Ensino Médio⁸” que pode, dada as suas peculiaridades,

⁶ Vale ressaltar que esta referência ao estudo de Villela (2017) – *A subjetividade docente e o processo de implementação do ensino médio integrado no IFSP campus Barretos* – tem a intenção de remeter o leitor a esta autora e suas fontes, para consulta à história da educação profissional no Brasil.

⁷ Por educação politécnica entende-se a formação integral do indivíduo, abrangendo todos os aspectos da vida produtiva, cultural e social. Essa educação seria capaz de desenvolver no estudante o espírito crítico e reflexivo, propiciando a plena compreensão da realidade vivenciada, a fim de transformá-la. A educação politécnica visa à preparação do cidadão, visa à formação humana em todas as suas dimensões: físico, mental, intelectual, afetivo, estético, político e prático, combinando estudo e trabalho. O caminho para se chegar à politécnica seria a consolidação do ensino médio integrado (FRIGOTTO, CIVIATTA e RAMOS, 2005).

⁸ Em 22 de setembro de 2016, passados exatos 22 dias da posse definitiva de Michel Temer como presidente da República, após o impeachment de Dilma Rousseff, em um processo conturbado e carregado de dúvidas sobre sua legalidade e legitimidade que o levou a ser chamado de golpe, é exarada a Medida Provisória (MP) nº 746/2016. Conforme descrito na Exposição de Motivos, o texto encaminhado ao Congresso Nacional almeja “dispor sobre a organização dos currículos do ensino médio, ampliar progressivamente a jornada escolar deste nível de ensino e criar a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral”

comprometer o sucesso duma proposta educacional que se encontrava ainda em consolidação, uma vez que, pautada num ideário que reduz a formação básica, em razão da não obrigatoriedade da oferta de áreas específicas do conhecimento ao alunado do Ensino Médio, como a Sociologia e a Filosofia, pode tal reforma, como indicam Lemos *et al* (2017, p.457) tornar “[...] cada vez mais distante para os setores populares a concretização de um modelo de educação que objetive formar o homem na sua dimensão omnilateral.”, assim como, robustecer a já mencionada dualidade histórica inerente à educação no Brasil.

E o que dizem os números sobre esse nível e modalidade de ensino?

De acordo com o Suplemento Educação e Qualificação Profissional, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada em 2014 e cujos resultados foram divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), somente no início de 2017, frequentavam o ensino médio no Brasil, àquela ocasião, 9 milhões de estudantes.

Dentro desse grupo, no cenário nacional, 812 mil estudantes estavam frequentando um curso técnico de nível médio, correspondendo desta forma a um conjunto de 9% desse total de estudantes. No âmbito da região Sudeste, onde se insere o campus do IFSP que serviu de cenário à pesquisa realizada, o número de frequentadores da modalidade de ensino em questão alcançou o patamar de 10,6% do número total de estudantes.

Este documento revelou ainda que, nas regiões Norte e Sudeste, a participação em cursos técnicos, no que tange aos sexos, apresentou-se bastante próxima, em oposição, à região Sul, onde se verificou uma frequência superior dos homens em relação às mulheres, como pode ser observado na Tabela 2 apresentada a seguir:

(BRASIL, 2016a). Alguns dos aspectos presentes no texto da MP nº 746 chamaram imediata atenção da mídia, em especial duas situações: a extinção da obrigatoriedade de quatro disciplinas — Sociologia, Filosofia, Artes e Educação Física — e a possibilidade de atribuição do exercício da docência a pessoas com “notório saber” em alguma especialidade técnico-profissional. Se, por um lado, a ampla exposição midiática colocou na ordem do dia o debate sobre a reforma, por outro, a ênfase nesses dois aspectos escondeu outros de igual ou maior relevância: a pretensão de alterar toda a estrutura curricular e de permitir o financiamento de instituições privadas, com recursos públicos, para ofertar parte da formação. Ao longo de quatro meses a MP esteve no centro do debate e trouxe à tona muitas das controvérsias e disputas que cercam o ensino médio brasileiro na atualidade, mas que resultam de um processo que se arrasta já há algum tempo (FERRETI & SILVA, 2017, p.386-7)

Tabela 2: Percentual de estudantes de curso técnico de nível médio, na população de estudantes de curso de ensino médio, de 15 anos ou mais de idade (%) - 2014

Sexo e cor ou raça	Percentual de estudantes de curso técnico de nível médio, na população de estudantes de curso de ensino médio, de 15 anos ou mais de idade (%)					
	Total	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Total (1)	9,0	4,5	8,3	10,6	10,6	6,2
Sexo						
Homens	8,8	4,5	7,4	10,5	11,1	5,4
Mulheres	9,2	4,6	9,0	10,7	10,1	7,0
Cor ou raça						
Branca	10,1	4,3	8,3	11,0	11,5	8,0
Preta ou parda	8,2	4,7	8,3	10,2	8,2	5,1

Fonte: Suplemento Educação e Qualificação Profissional - 2014, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) IBGE (BRASIL, 2017)

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), os cursos técnicos de nível médio em nosso país podem ser oferecidos de forma articulada ao ensino médio, de três maneiras distintas, nos formatos *integrado*, *concomitante* e *subsequente*. A saber:

Art. 36-B. A educação profissional técnica de nível médio será desenvolvida nas seguintes formas: (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

I - articulada com o ensino médio; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

II - subsequente, em cursos destinados a quem já tenha concluído o ensino médio. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 36-C. A educação profissional técnica de nível médio articulada, prevista no inciso I do **caput** do art. 36-B desta Lei, será desenvolvida de forma: (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

I - **integrada**, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, efetuando-se matrícula única para cada aluno; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

II - concomitante, oferecida a quem ingresse no ensino médio ou já o esteja cursando, efetuando-se matrículas distintas para cada curso, e podendo ocorrer: (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

a) na mesma instituição de ensino, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

b) em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

c) em instituições de ensino distintas, mediante convênios de intercomplementaridade, visando ao planejamento e ao desenvolvimento de projeto pedagógico unificado. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008) (BRASIL, 1996). (grifo do pesquisador)

No que diz respeito a este trabalho, interessa-nos evidenciar, dentre as modalidades de ensino supracitadas, os aspectos inerentes àquela que apresentou maior interesse por parte do alunado em nível nacional, a *modalidade integrada*, que em 2014, alcançou quase metade das matrículas efetuadas na educação profissional técnica de nível médio (44,6%), e que é aquela que justamente corresponde à oferecida no campus de realização deste trabalho.

Vale salientar que na modalidade integrada o aluno possui, em seu vínculo com a instituição educacional, no caso o IFSP, uma única matrícula, que lhe garante, a possibilidade de cursar o Ensino Médio estruturado em conjunto com o curso técnico de sua opção e cuja diplomação possui validade nacional, garantindo-lhe as habilitações exigidas tanto ao ingresso num curso superior como à atuação profissional na respectiva área de sua especialização.

2.1 Os Institutos Federais

Instituição centenária que outrora recebeu distintas denominações, o Instituto Federal atualmente está presente em todas as unidades da federação, com a intenção declarada de contribuir à qualificação e à formação de profissionais, de nível técnico e superior, que poderão atuar nos mais diferentes espectros setoriais da economia brasileira.

Oficialmente criados pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, os Institutos Federais, de acordo com esta legislação, em seu Art. 6, têm por finalidades e características:

I - ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional;

II - desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais;

III - promover a integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e educação superior, otimizando a infra-estrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão;

IV - orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal;

V - constituir-se em centro de excelência na oferta do ensino de ciências, em geral, e de ciências aplicadas, em particular, estimulando o desenvolvimento de espírito crítico, voltado à investigação empírica;

VI - qualificar-se como centro de referência no apoio à oferta do ensino de ciências nas instituições públicas de ensino, oferecendo capacitação técnica e atualização pedagógica aos docentes das redes públicas de ensino;

VII - desenvolver programas de extensão e de divulgação científica e tecnológica;

VIII - realizar e estimular a pesquisa aplicada, a produção cultural, o empreendedorismo, o cooperativismo e o desenvolvimento científico e tecnológico;

IX - promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente as voltadas à preservação do meio ambiente. (BRASIL, 2008)

De acordo com esta mesma legislação são ainda objetivos dos Institutos Federais, explicitados em seu artigo 7º:

I - ministrar educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados, para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos;

II - ministrar cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores, objetivando a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização de profissionais, em todos os níveis de escolaridade, nas áreas da educação profissional e tecnológica;

III - realizar pesquisas aplicadas, estimulando o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas, estendendo seus benefícios à comunidade;

IV - desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, e com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos;

V - estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional;

VI - ministrar em nível de educação superior:

a) cursos superiores de tecnologia visando à formação de profissionais para os diferentes setores da economia;

b) cursos de licenciatura, bem como programas especiais de formação pedagógica, com vistas na formação de professores para a educação básica, sobretudo nas áreas de ciências e matemática, e para a educação profissional;

c) cursos de bacharelado e engenharia, visando à formação de profissionais para os diferentes setores da economia e áreas do conhecimento;

d) cursos de pós-graduação lato sensu de aperfeiçoamento e especialização, visando à formação de especialistas nas diferentes áreas do conhecimento; e

e) cursos de pós-graduação stricto sensu de mestrado e doutorado, que contribuam para promover o estabelecimento de bases sólidas em educação, ciência e tecnologia, com vistas no processo de geração e inovação tecnológica. (BRASIL, 2008)

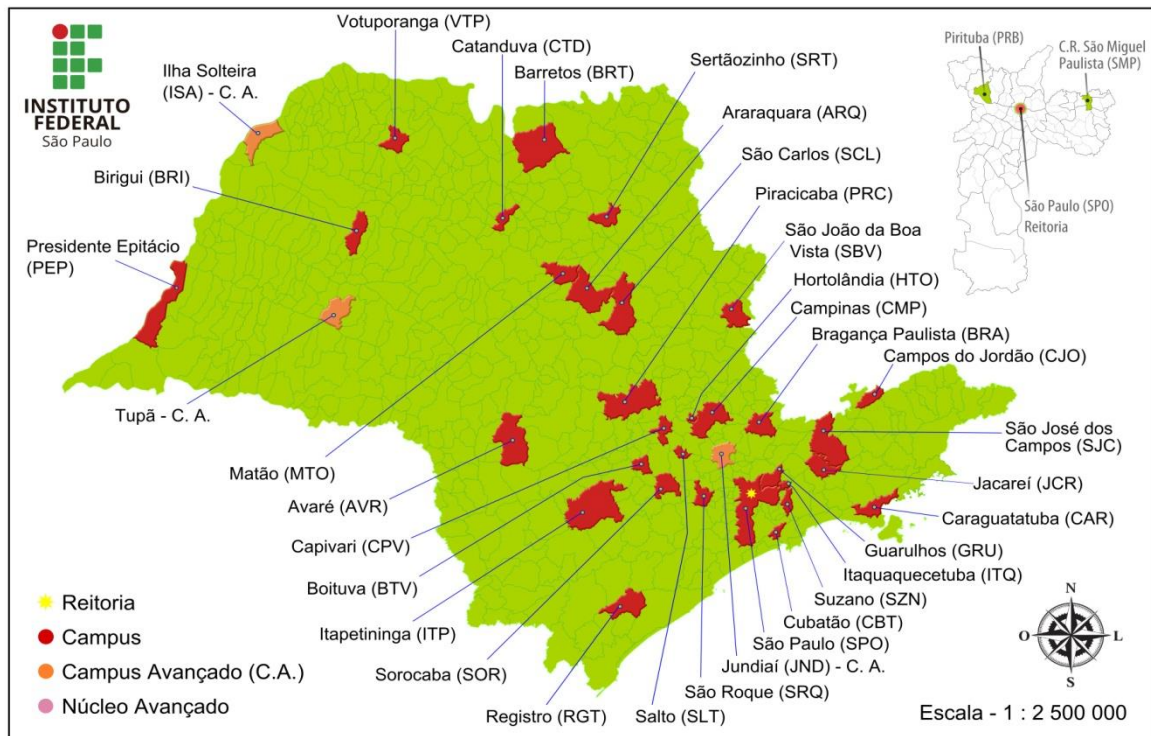
2.2 O IFSP - Instituto Federal de São Paulo

Criado oficialmente ao final de 2008, por meio da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, em substituição ao Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo – CEFET/SP, o IFSP – Instituto Federal de São Paulo, se destaca hoje neste Estado por apresentar 36 unidades em funcionamento e 1 em implantação, distribuídas geograficamente

por quase todas as regiões do Estado, sendo caracterizado como instituição de educação superior, básica e profissional.

A distribuição geográfica desta instituição pelo Estado de São Paulo pode ser observada na Figura 1, a seguir:

Figura 1: Distribuição geográfica dos campi do IFSP – Instituto Federal de São Paulo
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Mapa dos Câmpus - 2017



Elaboração cartográfica: Leandro Henrique da Silva. Arte Final: Vitor Hugo de Rosa. Softwares: Philcarto / Inkscape
Fonte: SIMEC/IBGE/PRE, outubro 2017.

Visando atender às particularidades econômicas do Estado e de suas regiões os cursos oferecidos por esta instituição, via de regra, almejam atender às “vocações econômicas” das mesmas, qualificando para o trabalho, desta forma, por meio dos cursos oferecidos, os indivíduos, para que possam “atender às demandas do moderno mundo do trabalho”.

Dentro desta perspectiva é que se definiu oferecer o curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio no campus que oferecerá o suporte geográfico desta pesquisa.

Localizada no interior de São Paulo, a cidade que abriga o campus em que foi realizada esta pesquisa, tem forte vocação voltada à atividade agropecuária e agroindústria, justificando-se assim, a oferta do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio,

visando qualificar indivíduos para o trabalho, numa perspectiva técnica e tecnológica, contribuindo assim para o atendimento das demandas regionais no segmento do agronegócio, destacadamente nos setores frigorífico, citricultor, canavieiro, entre outros.

Além do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, o campus em questão oferece ainda outros dois cursos na modalidade integrada, os cursos de Agropecuária e Informática. Além destes, oferece também dois cursos técnicos nas modalidades subsequente/concomitante, os cursos de Eventos e Agronegócio. No que diz respeito à modalidade de Ensino Superior são oferecidos neste campus, os cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Tecnologia em Gestão de Turismo, Licenciatura em Química e Bacharelado em Agronomia.

O campus de realização desta pesquisa possui prédio próprio localizado em um terreno cedido pela prefeitura local, cujo terreno alcança os 20.000 m². Seu conjunto edificado apresenta prédios com padrão escolar, contendo 3 blocos interligados, cuja a área construída é de 5.778,49 m², fazendo-se ainda presente, além das salas de aula, os setores administrativos, laboratórios, biblioteca, todos em bom estado de conservação e devidamente equipados para o atendimento dos cursos supracitados. Em 2016, foi construído o ginásio poliesportivo e no mesmo ano num prédio próximo ao campus, cedido pela prefeitura local, passou-se a oferecer almoço diário gratuito aos alunos do ensino médio integrado. Ainda em 2016, foi edificado o segundo campus desta unidade do IFSP, na zona rural, com área de 488.670 m² e área construída de 8.027 m², onde são atendidos os cursos inerentes ao eixo agrícola deste campus.

2.3 O Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio

O curso **Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio**, escolhido para servir como base para este estudo, está contemplado, de acordo com o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT), atualizado em sua última edição pela Resolução CNE/CEB N° 1, de 5 de dezembro de 2014, no eixo tecnológico *Produção Alimentícia* (BRASIL, 2016).

De acordo com este documento espera-se que o concluinte deste curso possa, em sua atuação profissional:

- Planejar e coordenar atividades relacionadas à produção alimentícia e à aquisição e manutenção de equipamentos;
- Executar e supervisionar o processamento e conservação das matérias-primas e produtos da indústria alimentícia e bebidas;
- Realizar análises físico-químicas, microbiológicas e sensoriais;

- Implantar programas de controle de qualidade;
- Realizar a instalação e manutenção de equipamentos, a comercialização e a produção de alimentos e,
- Aplicar soluções tecnológicas para aumentar a produtividade e desenvolver produtos e processos. (BRASIL, 2014, p.164)

Atualmente, este curso técnico é oferecido na modalidade integrada ao ensino médio, em três campus do IFSP, todos eles localizados no interior de São Paulo. De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) destes campi, anualmente são oferecidas 160 novas vagas, cujo ingresso aos cursos é possibilitado aos concluintes do ensino fundamental e se dá por meio da realização de processo seletivo. No campus em questão são oferecidas 40 vagas, num curso de tempo integral, estando certa a ampliação para a oferta de 80 vagas para o ano letivo de 2018. Neste campus, o curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio apresenta uma carga horária total de 3.733 horas; destas 2.533 horas correspondem às disciplinas da base nacional comum e 1.200 horas são referentes à formação profissional. Tal carga horária está distribuída ao longo de 3 anos, cada um destes contabilizando 200 dias letivos.

A análise dos PPCs – Projetos Pedagógicos deste curso (IFSP, 2014, 2015 e 2016), das três unidades desta instituição que o oferecem, também permitiu deduzir que todos eles salientam ser de grande importância, para além da qualificação do alunado ao trabalho, garantir meios para se alcançar o propósito de oferecer a estes jovens “uma formação cidadã, crítica, garantidora de autonomia e pautada pela responsabilidade social e ambiental”.

Por fim, utilizando-se de dados fornecidos pela Coordenadoria de Registros Escolares (CRE), deste campus, pode-se através da tabela 3 abaixo verificar, a evolução de matrículas no curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio e a distribuição de alunos por sexo, referente à turma de alunos concluintes em 2017, justamente aquela selecionada para a participação neste trabalho. Para efeito de comparação, cabe ressaltar que esta unidade do IFSP, no início do segundo semestre de 2017, atendeu a 10 turmas, dos três cursos técnicos integrados ao ensino médio oferecidos pelo campus, que juntas totalizavam nesta modalidade de ensino, na ocasião, 344 alunos.

Tabela 3: Evolução de matrículas da turma do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio ingressante em 2015 (2015-2017)

Variáveis (Ano Letivo)	Categorias	Frequência (n)	Total de alunos
2015	Feminino	38	43
	Masculino	05	
2016	Feminino	21	26
	Masculino	05	
2017	Feminino	19	22
	Masculino	03	

Fonte: Coordenadoria de Registros Escolares (CRE) do campus alvo da pesquisa

A análise da Tabela 3 permite constatar que em todo período, desde o ingresso dos alunos em 2015, as mulheres foram predominantes no curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio. Nota-se ainda grande evasão ao longo do período analisado, sendo a perda de alunos superior a 50%, uma vez que, quando da realização desta pesquisa, mais dois (2) alunos já haviam solicitado transferência desta para outra unidade escolar, fazendo com a turma de concluintes deste curso se apresentasse àquele momento composta por 18 mulheres e 2 homens.

3 - SITUAÇÕES DE DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO NA VISÃO DE ALUNOS E PROFESSORES DO CURSO TÉCNICO EM ALIMENTOS INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO.

Nesta seção são apresentados os dados obtidos com os 18 alunos e 12 professores após aplicação dos questionários. São expostos ainda dados obtidos, após realização de entrevistas, com pequeno grupo de alunos (06 alunos). Cabe destacar, que apenas dois (2) alunos e três (3) professores deixaram de responder aos questionários. É oportuno ainda mencionar que de modo a garantir-lhes a privacidade e preservação de sua identidade, quando da referência aos agentes que colaboram à realização desta empreitada, optou-se por utilizar as expressões em itálico *Aluno e Prof* acompanhadas de um algarismo arábico com o intuito de distingui-los.

A aplicação destes questionários possibilitou obter informações socioeconômicas, informações acerca da trajetória escolar dos alunos e profissional dos professores; impressões acerca do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, assim como a percepção destes atores quanto a situações de discriminação e preconceito neste curso e nesta instituição, além de prognósticos acerca do futuro profissional e opiniões sobre o que fazer diante de situações de preconceito e discriminação. A realização de entrevista com pequeno grupo de 06 alunos, por sua vez, possibilitou elucidar dúvidas surgidas durante a análise dos dados levantados quando da aplicação dos questionários, assim como levantar novos aspectos eventualmente ausentes quando da realização da etapa citada, uma vez que com maior liberdade para se expressarem, puderam os alunos participantes retificar e/ou ratificar aspectos outrora mencionados, assim como trazer à luz novas situações e impressões acerca dos aspectos pesquisados.

A análise desses dados obtidos se deu com base na seguinte grade de análise:

Quadro 2: Eixos de análise para a pesquisa

Conceitos	Questões	Objetivos	Hipótese
Discriminação e Preconceito X Ação da escola segundo: Bobbio (2002) Cruz (2014) Pereira, Torres & Almeida, (2003) Coutinho (2006) Candau (2003) Adorno (1995) Crochik (1996) Cavalleiro (2003)	Como alunos concluintes e seus professores do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio identificam e reconhecem situações de discriminação e preconceito em relação a essa escolha profissional? Quais são essas situações? O que pensam das mesmas e como reagem a elas? O que leva os alunos a escolherem esse curso? Como professores e alunos vêm o exercício dessa profissão?	Investigar a percepção de alunos concluintes e professores quanto ao preconceito e discriminação sofridos pelo alunado pelo fato de terem feito opção por uma formação técnica profissionalizante específica – o curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio Apreender os motivos que norteiam a decisão do alunado na escolha do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio; Analisar a percepção dos professores e do alunado quanto às diferentes formas e manifestações de preconceito e eventual discriminação sofridas pelo fato de terem feito a opção pelo curso de Alimentos.	Preconceito e discriminação são situações muito comuns em condições intra-escolares, como foi possível observar a partir da revisão bibliográfica. Constituem problemas sociais que nas escolas básicas encontram palco favorável à sua disseminação. Neste contexto, supõe-se que na realidade dos cursos técnicos integrados ao ensino médio encontram-se situações semelhantes. Assim a hipótese norteadora deste estudo está ligada à ideia de que o preconceito e discriminação – decorrentes da desinformação em relação à profissão – são responsáveis por fazer do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio um curso majoritariamente frequentado por estudantes do sexo feminino.

Para esta dissertação, de forma a facilitar a análise e interpretação destes dados, os mesmos foram compilados, categorizados e inseridos em tabelas como poderá ser observado a seguir.

3.1 Perfil dos Alunos e Professores

Neste item estão reunidos os dados referentes aos perfis dos alunos e professores participantes desta pesquisa.

3.1.1 Perfil dos Alunos

A Tabela 4, a seguir, reúne os dados referentes ao perfil socioeconômico dos alunos frequentadores do último ano do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio. Nela poderão ser observados aspectos ligados ao sexo, idade, cor, moradia, número de pessoas residentes na moradia, renda familiar e auxílio financeiro obtido para a realização do curso.

Tabela 4: Perfil dos Alunos – Caracterização da amostra quanto ao sexo, idade, aspectos étnico-raciais, moradia e renda familiar.

Variáveis	Categorias	Frequência (n)
Sexo	Feminino	16
	Masculino	02
Idade	16 anos	08
	17 anos	09
	18 anos	01
Cor autodeclarada	Branco	06
	Negro	03
	Pardo	08
	Indígena	01
Moradia	Casa/Apartamento Próprio	12
	Casa/Apartamento Alugado	05
	Outro (Chácara)	01
Número de pessoas na casa	Até 3 pessoas	05
	Entre 4 e 6 pessoas	13
Renda Familiar ¹	1 a 2 SM	12
	2 a 5 SM	05
	5 a 10 SM	01
Auxílio Financeiro para o curso	Sim	09
	Não	09

¹ **SMs:** Salários Mínimos; Salário Mínimo correspondente a R\$ 937,00, valor vigente partir de 01/01/2017, de acordo com o Decreto presidencial 8.948/2016.

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados obtidos na pesquisa

A partir da análise desta tabela, pode-se observar que se trata, esta turma de alunos concluintes do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, de uma turma caracterizada por um marcante predomínio de mulheres. Num universo de dezoito (18) alunos(as) respondentes, ampla maioria é representada por jovens do sexo feminino (16), sendo apenas dois (02) os representantes do sexo masculino. O universo feminino representa, portanto, quase 90% desta turma de concluintes, situação esta, que guarda similitude com aquela já analisada por meio do trabalho de Pereira *et al.* (2013), que teve como o cenário o IFRN – Campus Pau dos Ferros, onde no mesmo curso de Alimentos, contudo sendo analisados os níveis Integrado, Subsequente e PROEJA, constatou-se que os frequentadores do sexo feminino respondiam por 65,5% do total do alunado.

Cabe ainda mencionar, que situação similar também foi evidenciada por Almeida (2015), quando esta autora, ao realizar seu trabalho junto aos alunos do curso Técnico em Automação Industrial, do IFSP Campus Guarulhos, constatou que o mesmo era majoritariamente frequentado por alunos do sexo masculino, o que, diante dos fatos expostos permite pressupor, que há de certo uma conjuntura histórico-cultural por influenciar o subjetivo dos indivíduos quando da tomada de decisão da área e/ou da carreira a ser seguida por estes jovens.

Segundo Almeida (2015) a conjuntura acima mencionada ilustra, ainda hoje, a persistência no Brasil, do que ela chamou de uma ‘divisão sexual do trabalho’. Ainda neste

sentido, como apontam Silva & Ribeiro (2014, p. 450), dadas estas particularidades, verificar-se-ia, também, com relação ao curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, se constituir aquilo que estas autoras chamaram de “gueto feminino”, analogamente a alguns cursos superiores e/ou carreiras, como outrora mencionado por Felício (2010, p.49), por elas citadas, a exemplo da Enfermagem, da Linguística, da Nutrição, do Serviço Social, entre outros.

Do ponto de vista da faixa etária, quando da aplicação do questionário aos participantes desta pesquisa, pode-se observar que não há disparidade idade/série, uma vez que, à exceção de um aluno, já com 18 anos, todos os demais (17) indicaram possuir entre 16 e 17 anos, idade essa, aquela esperada para cursar e conseqüentemente concluir esta etapa da escolaridade básica.

Na perspectiva dos aspectos étnico-raciais, nota-se o predomínio daqueles alunos autodeclarados pardos e negros, que representaram, respectivamente, 08 e 03 alunos. Dado o fato de que, quando da realização desta pesquisa, tal turma apresentava em sua totalidade, 20 alunos, pode-se afirmar que a condição de relativo equilíbrio constatada neste aspecto pode ser supostamente explicada pela adoção, por parte desta instituição, para ocupação das vagas oferecidas em seus cursos, de iniciativas vinculadas a políticas governamentais de ações afirmativas⁹, condição esta que pode também estar associada ao quadro exposto nos parágrafos que se seguem.

⁹ Ações afirmativas são políticas focais que alocam recursos em benefício de pessoas pertencentes a grupos discriminados e vitimados pela exclusão sócio-econômica no passado ou no presente. Trata-se de medidas que têm como objetivo combater discriminações étnicas, raciais, religiosas, de gênero ou de casta, aumentando a participação de minorias no processo político, no acesso à educação, saúde, emprego, bens materiais, redes de proteção social e/ou no reconhecimento cultural. Entre as medidas que podemos classificar como ações afirmativas podemos mencionar: incremento da contratação e promoção de membros de grupos discriminados no emprego e na educação por via de metas, cotas, bônus ou fundos de estímulo; bolsas de estudo; empréstimos e preferência em contratos públicos; determinação de metas ou cotas mínimas de participação na mídia, na política e outros âmbitos; reparações financeiras; distribuição de terras e habitação; medidas de proteção a estilos de vida ameaçados; e políticas de valorização identitária. Sob essa rubrica podemos, portanto, incluir medidas que englobam tanto a promoção da igualdade material e de direitos básicos de cidadania como também formas de valorização étnica e cultural. Esses procedimentos podem ser de iniciativa e âmbito de aplicação público ou privado, e adotados de forma voluntária e descentralizada ou por determinação legal.

A ação afirmativa se diferencia das políticas puramente antidiscriminatórias por atuar preventivamente em favor de indivíduos que potencialmente são discriminados, o que pode ser entendido tanto como uma prevenção à discriminação quanto como uma reparação de seus efeitos. Políticas puramente antidiscriminatórias, por outro lado, atuam apenas por meio de repressão aos discriminadores ou de conscientização dos indivíduos que podem vir a praticar atos discriminatórios.

No debate público e acadêmico, a ação afirmativa com frequência assume um significado mais restrito, sendo entendida como uma política cujo objetivo é assegurar o acesso a posições sociais importantes a membros de grupos que, na ausência dessa medida, permaneceriam excluídos. Nesse sentido, seu principal objetivo seria combater desigualdades e dessegregar as elites, tornando sua composição mais representativa do perfil demográfico da sociedade. (Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa – GEMAA, (2011).

Na sequência, percebe-se que, predominantemente, são estes jovens provenientes de famílias cuja condição de moradia mais representativa foi a casa própria (12 alunos). Cabe destacar o aspecto, que a maior parte destes alunos (13) indicou habitar residências que abrigavam entre 04 e 06 pessoas, aspecto este que pode ser relevante, uma vez que pode levar a inferir, a ocorrência de um enfrentamento, por parte de suas famílias, de razoável vulnerabilidade financeira, uma vez que 12 alunos indicaram que a renda de suas famílias não ultrapassa 02 salários mínimos.

Tal condição de vulnerabilidade financeira aparenta ser confirmada pelos dados que encerram a tabela 4, onde se vê que metade dos alunos respondentes indicou receber algum auxílio financeiro ofertado por esta instituição no âmbito do seu Programa de Auxílio de Permanência vinculado ao PNAES - Programa Nacional de Assistência Estudantil¹⁰. Cabe aqui mencionar que tal auxílio é concedido a estes alunos após inscrição dos mesmos em programas de auxílio oferecidos pela instituição, sendo contemplados pelos mesmos, posteriormente à aferição de documentação pessoal por parte de equipe especializada do IFSP. Pressupõe-se também, a partir destas informações, que ao menos neste curso, tem o IFSP, conseguido oferecer oportunidade de qualificação para o trabalho a uma parcela da sociedade que em tese experimenta uma condição de vulnerabilidade socioeconômica, o que pode significar, portanto, ao menos em parte, o cumprimento da função social que se espera dessa instituição educacional.

A Tabela 5, a seguir, traz em destaque, por sua vez, aspectos inerentes à **escolaridade e ocupação dos pais** dos alunos participantes desta pesquisa.

¹⁰ Instituído pelo decreto nº 7.234, DE 19 DE JULHO DE 2010, “(...) o Plano Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes) apóia a permanência de estudantes de baixa renda matriculados em cursos de graduação presencial das instituições federais de ensino superior (Ifes). O objetivo é viabilizar a igualdade de oportunidades entre todos os estudantes e contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico, a partir de medidas que buscam combater situações de repetência e evasão.

(...) O Pnaes oferece assistência à moradia estudantil, alimentação, transporte, à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche e apoio pedagógico. As ações são executadas pela própria instituição de ensino, que deve acompanhar e avaliar o desenvolvimento do programa”. (BRASIL, 2010).

Tabela 5: Perfil dos Pais e/ou Responsáveis quanto à escolaridade e profissão

Variável	Categoria	Pai	Mãe
Escolaridade¹	Não possui	01	0
	1ª a 4ª – EF	02	02
	5ª a 8ª – EF	03	02
	EM Incompleto	01	01
	EM Completo	03	04
	ES Incompleto	01	0
	ES Completo	04	06
	Pós-graduação	01	01
	ETP Incompleto	0	0
	ETP Completo	0	0
	Não Sei	02	02
	Ocupação Profissional	Frequência	
Pai	Educador Físico	01	
	Funcionário SAAE	01	
	Mecânico	03	
	Policial	04	
	Escrevente	01	
	Pintor	01	
	Microempresário	01	
	Operador de Máquinas Pesadas	01	
	Eletricista	01	
	Professor coordenador	01	
	Professor	01	
	Açougueiro	01	
	Operador de Máquinas	01	
Mãe	Bancária	01	
	Do lar	02	
	Gari	02	
	Nada	01	
	Doméstica	03	
	Coordenadora Cultural	01	
	Diarista	01	
	Secretaria	01	
	Professora	01	
	Policial	01	
	Telefonista	01	
	Técnica em Radiologia	01	
Comerciante	01		
Educadora	01		

¹ **EF:** Ensino Fundamental; **EM:** Ensino Médio; **ETP:** Ensino Técnico Profissionalizante; **ES:** Ensino Superior

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados obtidos na pesquisa

Da análise desta tabela é possível constatar que 1/3 dos pais, mães e/ou responsáveis destes 18 alunos não completaram sequer o ensino médio. Tal número é relativamente expressivo, mas não surpreendente, dado o fato da escolaridade média dos brasileiros com 25 anos ou mais de idade, ter alcançado o patamar, em 2015, de apenas 7,9 anos de escolaridade,

o que na prática não corresponderia sequer ao ensino fundamental completo (BRASIL, 2016, p.65)

Pode-se destacar também, que menos de 1/3 dos pais, mães e/ou responsáveis destes alunos possui escolaridade em nível superior, aspecto que também merece destaque, uma vez que se trata de índice relativamente baixo, diante de uma maior oferta de possibilidades de ingresso em curso superior experimentada pela sociedade brasileira nas últimas décadas.

Do ponto de vista da ocupação profissional nota-se que a quase totalidade dos pais desempenha uma atividade profissional desvinculada dos afazeres domésticos, dado que apenas 02 mães foram apontadas como desempenhando a função “do lar”. São ocupações profissionais muito diversificadas, sendo o setor terciário o mais representado, destacando-se ainda, que nenhuma das atividades dizia respeito ao setor primário.

Cabe ressaltar também o aspecto das mulheres (mães e/ou responsáveis) serem detentoras, de acordo com os dados obtidos nesta pesquisa, de um tempo de escolaridade média superior à apresentada pelos homens. Tal situação, aliada ao fato de quase a totalidade de indicações feitas pelos alunos/as (14) apontarem que estas mães e/ou responsáveis desempenham uma atividade profissional extradomiciliar, que não a “do lar”, permite inferir que o fenômeno da “emancipação feminina”, que ganhou força no Brasil com a “segunda onda do movimento feminista” (Costa, 2005), a partir nos anos 1960 e principalmente dos anos 1970, ainda se encontra em curso, mas já indicando aspectos destacáveis.

A Tabela 6, na sequência, traz à luz informações inerentes à **trajetória escolar** dos alunos participantes desta pesquisa. Traz ainda informações relacionadas à sua impressão quanto aos objetivos do ensino médio e ensino técnico. Por fim, ilustra aspectos ligados à formação complementar obtida e/ou em obtenção por parte destes alunos ao longo de seu percurso escolar.

Tabela 6: Percurso escolar dos alunos e percepções quanto aos objetivos do Ensino Médio e Técnico.

Variável	Categoria	Frequência	
Ensino Fundamental	Integralmente Particular	04	
	Integralmente Pública	13	
	Parcialmente Pública	01	
Ensino Médio	Objetivos¹	Ingressar no Ensino Superior	13
		Ingressar no mercado de trabalho	03
		Ampliar conhecimentos	05
		Preparar para concursos	01
		Sem resposta	01
		Resposta Inadequada ²	03
Ensino Técnico	Objetivos¹	Ingressar no mercado de trabalho	12
		Ampliar conhecimentos	03
		Introduzir à vida acadêmica	01
		Ajudar a escolher um curso superior	01
		Ajudar a escolher uma profissão	02
		Oportunizar “ <i>algo após o ensino médio</i> ”	01
		Respostas Inadequadas ²	03
Formação complementar	Inglês	03	
	Espanhol	01	
	Preparatório para o ENEM	06	
	Informática	01	
	Manicure	01	
	Não realizou/Não está realizando	06	

¹O total não se refere ao número de alunos respondentes (18), mas sim ao número de aspectos mencionados

²Respostas não condizentes com a pergunta realizada foram consideradas inadequadas

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados obtidos na pesquisa

Observando a Tabela 6 é possível notar que a maior parte dos alunos respondentes (13) teve sua trajetória escolar totalmente vinculada a escolas da esfera pública, sejam elas municipais ou estaduais e, no atual contexto, totalmente na esfera federal.

No que diz respeito à sua percepção quanto aos objetivos inerentes à etapa escolar do Ensino Médio, predominante é a percepção destes alunos (13) quanto ao fato de este representar um percurso a ser percorrido no sentido de se obter o êxito, de alcançar a possibilidade de dar continuidade aos estudos mediante o ingresso no Ensino Superior.

Com relação aos objetivos do Ensino Técnico, modalidade que cursaram de forma integrada ao Ensino Médio nesta instituição, segundo a maior parte destes alunos (12), o mesmo tem por finalidade principal, garantir a qualificação necessária e demandada para o ingresso no mercado/mundo do trabalho¹¹. Chama a atenção aqui o fato de apenas 01 aluno/a

¹¹ Interessa-nos para fim desta empreitada a compreensão de Ciavatta (2012, p. 34-35) acerca da noção de mundo/mundos do trabalho fundamentada na contribuição de Hobsbawm. Para esta autora “o conceito de mundo de trabalho, portanto, inclui as atividades materiais, produtivas, assim como todos os processos de criação cultural que se geram em torno da reprodução da vida. Queremos, com isso, evocar o universo complexo que, à custa de enorme simplificação, reduzimos a uma das suas formas históricas aparentes, tais como a profissão, o produto do trabalho, as atividades laborais, fora da complexidade das relações sociais que estão na base dessas ações. Apenas enfocando o trabalho na sua particularidade histórica, nas mediações específicas que lhe dão forma e sentido no tempo e no espaço, podemos apreendê-lo ou apreender o mundo do trabalho na sua

ter indicado que o curso técnico dentre seus objetivos poderia “ajudar a escolher um curso superior”, donde se supõe que, eventualmente, na concepção destes jovens, pouco significativa é a identificação com os cursos técnicos oferecidos por esta instituição, assim como uma possível correlação, do curso técnico que frequentam, com o curso superior e/ou carreira profissional almejada pelos mesmos, como poderá ser inclusive observado na Tabela 8, onde apenas 02 alunos fizeram tal indicação, evidenciada, por exemplo, através menção do Aluno 8.

Quero fazer Engenharia de Alimentos, pois eu amo o curso e gosto de exatas... (Aluno 8)

No que tange à formação complementar obtida e/ou em obtenção por estes jovens, nota-se que o apontamento mais marcante, com 06 indicações, foi o *Preparatório para o ENEM*, confirmando, portanto, a prioridade dada por estes alunos à continuidade dos estudos em nível superior, bem como indicando certo desinteresse pela área da formação profissional por estes frequentada, já que chama a atenção o fato de nenhum destes alunos ter feito menção a qualquer curso de formação complementar vinculado à área e/ou curso técnico por eles cursado. Os dados obtidos, contudo, não permitem identificar se esta situação se deve de fato ao desinteresse pela área e/ou curso por eles frequentado, ou à reduzida e/ou inexistente oferta de cursos de formação complementar nesta área pela instituição de ensino em questão.

3.1.2 Perfil dos Professores

A Tabela 7, a seguir, traz as informações obtidas por meio das respostas dadas aos questionários, pelos 12 docentes do IFSP que, no ano letivo de 2017, lecionaram para a turma de concluintes do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio.

Tais dados revelam o perfil destes docentes quanto a: sexo, idade e tempo de exercício na docência, sendo este último aspecto também evidenciado quanto ao exercício da docência na instituição e cursos por ela oferecidos. A Tabela 07 traz ainda informações

historicidade, seja como atividade criadora, que anima e enobrece o homem, ou como atividade aviltante, penosa ou que aliena o ser humano de si mesmo e dos produtos de seu trabalho.

Nesta perspectiva, distingue-se o mundo do trabalho, da noção de mercado de trabalho, que numa perspectiva economicista, de acordo com Teodoro & Santos (2011, p.154) tem o trabalho [...] tipificado apenas como emprego, destituído de suas funções criativas e humanizadoras.” Portanto, uma perspectiva simplificadora e conservadora que obscurece uma série de situações conflituosas, que se estabelecem no contexto das relações de trabalho, por exemplo e que convertem, na prática, o trabalhador, em um simples empregado e consequentemente, dentro da lógica vigente ele também, em uma simples mercadoria.

referentes ao segmento de atuação dos docentes no curso, ilustrando se os mesmos representam no âmbito deste curso, o núcleo comum ou à área técnica, responsável pelas disciplinas inerentes à formação profissional.

Tabela 7: Perfil dos docentes quanto ao sexo, idade, tempo de carreira docente, tempo de exercício de docência no IFSP, tempo de exercício de docência no curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino

Variáveis	Médio. Categorias	Frequência
Sexo	Feminino	07
	Masculino	05
Idade	26 a 30 anos	03
	31 a 40 anos	07
	Mais de 41 anos	02
	Até 5 anos	04
Tempo de Carreira Docente	6 a 10 anos	04
	Mais de 10 anos	04
	Até 1 ano	05
Tempo de Exercício da Docência no IFSP	De 1 a 3 anos	03
	Mais de 3 anos	04
	Até 1 ano	05
Tempo de Docência no curso Técnico em Alimentos Integr. ao Ensino Médio	De 1 a 3anos	03
	Mais de 3 anos	04
	Área Técnica	05
Segmento de Atuação no curso	Núcleo Comum	07

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados obtidos na pesquisa

Com base na observação dos dados da Tabela 07 é possível constatar que a turma de concluintes do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, no ano de 2017, apresentou um número maior de docentes do sexo feminino (07).

O exame destes dados permite ainda mencionar que estes docentes possuem uma idade média pouco superior aos 35 anos e um tempo de exercício da docência que gira em torno da média de 8,5 anos, o que permite afirmar se tratarem de docentes ainda relativamente jovens, apenas 04 deles ainda iniciantes na carreira docente e os demais com experiência profissional.

Estes docentes, com exceção dos (02) contratados em regime de substituição aos docentes afastados, dedicam-se exclusivamente a lecionar nesta instituição.

Em sua maioria (08), lecionam nesta instituição e para este curso num período relativamente curto, no máximo 03 anos, o que dá margem a inferir ainda estarem se adaptando à Instituição, ao curso, aos seus alunos e às particularidades inerentes a cada um destes.

Por fim, dentre os respondentes a esta pesquisa, os docentes inerentes ao chamado Núcleo Comum, representaram a maioria, o que já era esperado, em razão das disciplinas intrínsecas ao Ensino Médio superarem na sua totalidade aquelas inerentes à formação profissional oferecidas simultaneamente durante o semestre.

3.2 Percepção de alunos e Professores sobre o Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio

A Tabela 8, apresentada a seguir, traz as principais motivações elencadas pelos alunos que os levaram a buscar este curso no IFSP. Traz ainda a avaliação qualitativa que estes alunos fazem do ensino médio e ensino técnico recebidos nesta instituição, assim como indicações quanto às suas expectativas com relação ao seu futuro profissional.

Tabela 8: O curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio na visão dos alunos

Variável	Categoria	Frequência
Motivação ¹	Recomendação dos pais e/ou familiares	04
	Identificação com a área	02
	Possibilidade de experimentar a ascensão profissional/pessoal	04
	Boa probabilidade de ingresso no mercado de trabalho	06
	Satisfação pessoal	01
	Qualidade do Ensino Médio	12
	Proximidade de minha residência	01
	O fato de ser uma instituição pública de ensino	02
Avaliação do Ensino Médio	Ótimo	14
	Bom	04
Avaliação do Curso Técnico	Ótimo	06
	Bom	09
	Regular	03
Expectativas acerca do futuro profissional	Não tem expectativa de atuar na área	10
	Possui a expectativa de atuar na área	02
	Atuar temporariamente na área para alcançar outros objetivos	01
	Respostas genéricas sem vinculação a qualquer área de atuação	05

¹O total não se refere ao número de alunos respondentes (18), mas sim ao número de aspectos mencionados

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados obtidos na pesquisa

A análise da Tabela 8 permite verificar que, majoritariamente, a principal motivação indicada pelo alunado que realiza o curso em questão, nesta sua passagem pelo IFSP, tem a ver com o fato de estes estarem em busca da suposta *Qualidade do Ensino Médio*, uma vez que esta indicação foi feita por 12 dos 18 respondentes. Tal situação revela, aparentemente, que a maioria destes alunos não possui identificação/interesse pelo curso técnico e/ou área que está frequentando, condição esta que poderá ser também constatada a partir da análise da Tabela 10, onde, se registrou, explicitamente, que apenas um (01) aluno indicou apresentar identificação com o curso de Alimentos.

Retomando a Tabela 8, corroborando os aspectos mencionados, nota-se que poucas menções foram feitas às motivações *Identificação com a Área* (02) e *Boa Probabilidade de Ingresso no Mercado de Trabalho* (06). A mencionada conjuntura aparenta guardar estreita relação com a impressão que estes discentes possuem acerca dos objetivos do Ensino Médio, como indicado anteriormente, em que estes afirmaram crer, majoritariamente, que o mesmo *deveria preparar para o ingresso num curso superior*.

A avaliação que fazem destes cursos, se não serve para comprovar tal aspecto, ao menos reforça as suposições mencionadas, uma vez que a avaliação feita pelos mesmos foi predominante *Ótima* (14) e *Boa* (09), respectivamente, para o ensino médio e o curso técnico, ofertados por esta instituição.

Ainda neste sentido, com intuito novamente de reforçar tal aspecto, no que tange às expectativas profissionais, 10 dos 18 alunos indicaram não possuir perspectivas de, futuramente, atuar na área cuja formação profissional receberam conjuntamente ao Ensino Médio.

Diante do exposto, em resposta a um dos objetivos deste trabalho, pode-se então inferir que, majoritariamente, quando buscam estudar nesta instituição, os alunos estão, predominantemente, interessados na suposta qualidade que associam ao Ensino Médio ofertado por esta instituição, em detrimento da formação profissional obtida, o que é ilustrado inclusive pelos apontamentos do Aluno 16 e do Aluno 1, respectivamente, como pode ser observado a seguir:

Eu tinha que fazer uma escolha, porque eu acho que nessa escola o que sempre foi forte foi o ensino médio e eu sabia que tinha fazer um curso técnico por que não tem a opção de fazer só o médio, sem o técnico. Aí eu tentei informática não deu certo e fiz o Alimentos. (Aluno 16)

Minha mãe sabia que o ensino médio aqui era bom e ela queria que eu estudasse aqui... mas tinha que fazer o curso técnico. Aí falei pra ela escolher qualquer um então... ela escolheu Alimentos, fiz o vestibulinho e acabei passando e hoje estou aí... (Aluno 1)

A formação profissional obtida por estes jovens, portanto, de acordo com seus apontamentos, é tida na verdade como um apêndice compulsório à formação que almejam (o Ensino Médio) o que, nas indicações de alguns destes, poderá apenas ter, eventualmente, alguma importância temporária quanto ao seu futuro profissional, como indicam abaixo o Aluno 11 e o Aluno 9, respectivamente:

Se eu conseguir um emprego na área de Alimentos, aí sim... mas até eu me formar na faculdade. Aí eu posso trabalhar na área de Alimentos, porque se eu conseguir trabalhar nessa área, aí eu vou ganhar mais do que se fosse um vendedora de loja. (Aluno 11)

Nesse período da faculdade até pode ser. Mas só enquanto estiver na faculdade, por que aí sim, após a faculdade aí vou sim, deixar essa área e vou para a área que vou me formar... então nesse momento sim, para ter uma renda. (Aluno 9)

Tal aspecto ganha força também nas afirmações dos docentes que vão ao encontro dessas evidências na análise da Tabela 9, apresentada no próximo item.

Constata-se na Tabela 9, que na percepção dos docentes, também é predominante a noção de que seu alunado tem por prioridade, nesta instituição de ensino, cursar o Ensino Médio, como bem ilustram o Prof 4 e o Prof 6:

Acredito que o interesse da maioria dos alunos em estudar no IFSP surgiu devido a necessidade de cursar um ensino médio de boa qualidade, em uma instituição pública e principalmente gratuita. Assim, os alunos escolheram, dentre os três cursos oferecidos, aquele que possuíam maior afinidade (Prof 4)

De um modo geral, a escola pública de nível médio tem uma qualidade ruim, com muitos problemas (falta de professores, por exemplo) e as escolas particulares de boa qualidade possuem um preço elevado. Nesse sentido, muitos estudantes que buscam uma boa educação e que seja pública e gratuita optam por estudar no IFSP. Como não há somente um ensino médio regular, todos eles devem escolher um curso técnico e acabam escolhendo aquele que mais se identificam, mesmo que não queiram seguir carreira na área. (Prof 6)

Tabela 9: Percepção dos docentes quanto às principais motivações que levaram os alunos a optarem pelo curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio do IFSP

Variável	Categoria	Frequência
Motivação ¹	Recomendação dos pais e/ou familiares	08
	Identificação com a área	03
	Possibilidade de experimentar a ascensão profissional/pessoal	02
	Boa probabilidade de ingresso no mercado de trabalho	01
	Satisfação pessoal	01
	Qualidade do Ensino Médio	11
	Proximidade de sua residência	03
	O fato de ser uma instituição pública de ensino	08
TOTAL		37

¹O total não se refere ao número de professores respondentes (12), mas sim ao número de aspectos mencionados.

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados obtidos na pesquisa

Pode-se destacar ainda, que para os docentes deste curso e instituição se faz importante no processo motivacional destes jovens, em sua escolha pelo IFSP, a opção “o fato

de ser uma instituição pública de ensino” (08), como foi inclusive indicado pelo Prof 6 na citação acima realizada.

Cabe mencionar ainda, que na percepção dos docentes é relevante também, no ingresso destes jovens no IFSP, a opção “*Recomendação dos pais e/ou responsáveis*” (08), o que pode remeter a uma série de interpretações, entre elas, novamente, a falta de identificação com o curso/área, além de uma carência por parte destes alunos de um “juízo independente” (Adorno, 1995) quanto às decisões inerentes à sua futura formação escolar, o que pode ser fruto, eventualmente, de uma suposta imaturidade por vezes comum aos jovens desta faixa etária, na condição de concluintes do ensino fundamental, entre outras especulações.

Além disso, vale ressaltar que a busca por algumas destas informações até o momento apresentadas pode aparentar inicialmente distanciar-se do cerne deste trabalho, mas se justifica a partir dos pressupostos de Adorno (1995) quando este afirma que

[...] junto com sua identidade e potencial de resistência, as pessoas também perdem suas qualidades, graças a qual têm a capacidade de se contrapor ao que em qualquer tempo novamente seduz ao crime. Talvez elas mal tenham condições de resistir quando lhes é ordenado pelas forças estabelecidas que repitam tudo de novo, desde que apenas seja em nome de quaisquer ideais de pouca ou nenhuma credibilidade (p. 121)

Adorno, neste apontamento faz menção à relevância do papel da Educação na “formação cultural” dos indivíduos no sentido de evitar a repetição da barbárie, a repetição de Auschwitz, mas seu raciocínio pode ser neste momento tomado por empréstimo para estabelecer uma vinculação entre a evidente crise identitária que se constata entre o alunado que participou desta pesquisa a fim de estabelecer relações entre esta e os propósitos deste trabalho.

É possível supor que esta notável falta de vínculo, de identificação com a área de Alimentos, aliada ao excesso de finalidade (cursar um ensino médio de qualidade para posteriormente desfrutar de seus resultados), interfira negativamente nos processos responsáveis por conduzir estes discentes ao desenvolvimento da noção de identidade profissional e identificação com o curso em questão e, conseqüentemente, prejudicando sua constituição como sujeitos sociais.

Para efeito deste raciocínio, toma-se aqui a noção proposta por Cavalleiro (2003, p.19), para quem a identidade é [...] “um dos resultados mais importantes da constituição social do sujeito”. Nestes termos, Cavalleiro (2003, p.19) indica que “[...] a identidade é concebida como um processo dinâmico que possibilita a construção gradativa da personalidade no decorrer da existência do indivíduo [...]” e conclui indicando que “[...] a

identidade resulta da percepção que temos de nós mesmos, advinda da percepção que temos de como os outros nos vêem”.

Nota-se, diante do exposto até o momento, que majoritariamente, o alunado tem apresentado uma inclinação a não criar laços com o curso, de não se apropriar do mesmo, não se vendo como parte deste processo que prevê a formação integrada dos alunos e, passam, portanto, a vagar à mercê de frustrações, uma vez que alguns destes sujeitos constroem, inclusive, representações negativas do curso, da área técnica e, por consequência, de si mesmos, como pode ser evidenciado nos depoimentos do Aluno 13 e do Aluno 14

Quero ter uma boa vida financeira e emocional, saber conciliar os problemas com as soluções. Quero sair daqui e nunca mais precisar estudar algo relacionado com Alimentos. (Aluno 13)

Porque não me interessa por essa área, não me identifico com o curso, mas o curso em si é bom, aprende muita coisa da área. (Aluno 14)

Perante o quadro apresentado permite-se supor que, uma vez instituída esta condição de não-identidade pelo alunado, muito mais delicado fica o enfrentamento daquelas situações de eventual preconceito, que se pretende investigar com este trabalho, dado que, se estabelece, desta forma, uma condição de passividade, de uma desmobilização coletiva, de inércia por parte dos sujeitos diante desta questão, pois como indicou Adorno (1995), os indivíduos ao perderem ou sequer constituírem sua identidade, poderão perder sua capacidade de resistência, praticamente abdicando de seu protagonismo enquanto sujeitos sociais, em se contrapor àquilo que lhes represente um obstáculo, uma ameaça. Mais do que isso, tal fato, passa até mesmo a interferir negativamente neste quadro, pois uma vez alheios a tal condição, estes jovens tenderiam até mesmo a naturalizar tal conjuntura, conforme afirma Cavalleiro (2003, p.17), para quem cada indivíduo socializado em nossa cultura “[...] poderá internalizar representações preconceituosas a respeito desse grupo sem se dar conta disso, ou até mesmo se dando conta por acreditar ser o mais correto”.

É o que aparenta indicar a afirmação do Aluno 9:

Eu acho que das questões assim... do curso em si...eu mesma já sofri muito tipo de preconceito com relação ao curso, mas sobre isso eu nunca fui, acho que falar sobre isso...porque se torna tão comum, uma coisa tão cotidiana que você não liga tanto né...acaba passando despercebido... (Aluno 9)

Cabe aqui mencionar que estes aspectos ainda vão ser alvo de uma análise mais acurada mais adiante.

Ainda no que tange à interpretação das informações mencionadas, trazidas pela Tabela 9, estabelecendo-se um paralelo com o trabalho de Almeida (2015), contudo agora buscando compreender as motivações do alunado ao buscar o IFSP, pode-se constatar que, nessas duas situações, tais motivações apresentam-se distintas.

Esta autora, em seu trabalho constatou que, ao buscarem o curso Técnico em Automação Industrial, os discentes do sexo masculino, o buscavam prioritariamente por identificar-se com a área/curso, assim como, enxergavam que, por meio deste, poderiam experimentar a ascensão social. Já as discentes do sexo feminino indicavam buscar este curso em virtude da qualidade que associavam ao mesmo e também em razão de almejarem dar continuidade aos estudos.

É necessário ressaltar aqui que os cursos mencionados são oferecidos em modalidades distintas. Enquanto o curso de Alimentos, alvo deste trabalho, se apresenta na modalidade integrada ao ensino médio, o curso de Automação Industrial, do IFSP – Campus Guarulhos é oferecido nas modalidades concomitante e subsequente, atendendo, portanto, desta forma, parcelas distintas da população, uma vez que, nestas modalidades oferecidas pelo campus Guarulhos, os cursos são ofertados no período noturno, podendo atender àqueles alunos que já concluíram o ensino médio, assim como alunos que, frequentando outras escolas, estejam cursando ao menos o segundo ano do ensino médio. Trata-se, portanto, de universos distintos, com faixas etárias que podem ser também distintas, o que talvez permita compreender as razões dos objetivos do alunado se apresentar tão dissonantes.

A Tabela 10, a seguir, traz as razões apresentadas pelos alunos concluintes do curso de Alimentos, que os levaram a não optar pelos outros cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio, oferecidos neste campus do IFSP, os cursos de Agropecuária e Informática.

Tabela 10: Razões para não cursar Agropecuária ou Informática – Percepção dos alunos

Categoria¹	Frequência (n)
Não identificação com os cursos	16
Identificação com o curso de Alimentos	01
Percepção equivocada quanto ao curso	01
Influência dos amigos na tomada de decisão	01

¹O total não se refere ao número de alunos respondentes (18), mas sim ao número de aspectos mencionados
Fonte: Elaborado pelo autor com os dados obtidos na pesquisa

Chama a atenção na Tabela 10, o fato de 16 discentes terem indicado não possuir identificação com os outros dois cursos oferecidos pela Instituição; contudo, é intrigante o fato de que, quando questionados anteriormente, apenas 02 discentes terem indicado que a motivação que os levou ao IFSP foi a identificação com a área/formação profissional em Alimentos. A situação levantada, novamente aparenta cancelar a ideia de estes jovens estarem no IFSP quase que exclusivamente em busca de desfrutar da suposta qualidade atribuída ao Ensino Médio oferecido em conjunto com este curso técnico. Tal contexto faz surgir uma lacuna a ser eventualmente pesquisada: tal condição estaria sendo também evidenciada nos outros dois cursos técnicos integrados ao ensino médio oferecidos por esta instituição? Uma eventual repetição desta condição, se evidenciada, revelar-se-ia preocupante, pois poderia significar entre outras coisas, por exemplo, prejuízos ao atendimento do mundo do trabalho uma vez que os egressos estariam simplesmente descartando a formação profissional recebida ou, ainda, o insucesso da formação integrada a que se propõe esta instituição, já que o alunado, supostamente, estaria priorizando [...] “uma concepção de educação equivocada, na qual se substitui o todo (formação integral) pela parte (aprovação no vestibular)” (BRASIL, 2007, p.25), como inclusive observaram alguns docentes, a exemplo do Prof 8:

Grande parte dos alunos busca o curso para ter uma boa formação no ensino médio (gratuito e de qualidade) para poder estar preparado para o vestibular. (Prof 8)

A Tabela 11, a seguir, traz informações inerentes à percepção dos professores quanto ao fato de os alunos do curso de Alimentos darem, em sua opção em estudar no IFSP, prioridade ao ensino médio regular, em detrimento da formação profissional em Alimentos.

Pode-se observar que, majoritariamente, as menções feitas pelos docentes (10) corroboram com as impressões já elencadas acerca das motivações indicadas pelos discentes para estar estudando no IFSP.

Cabe ressaltar, contudo, que para além da impressão acima citada, destacaram também os docentes (07) ser importante não dissociar a qualidade do ensino médio e do ensino técnico responsável pela formação profissional destes jovens, como bem ilustra a frase do Prof 5:

O Ensino Técnico em Alimentos do IFSP oferece formação de qualidade tanto no que se refere ao currículo do ensino médio normal quanto à formação técnica. (Prof 5)

Tabela 11: Percepção dos docentes quanto à opção/prioridade dos alunos pelo Ensino Médio em detrimento da formação profissional em Alimentos.

Variável	Categoria	Frequência
Crê que a opção dos alunos pelo EM de qualidade sobrepõe-se à opção pelo curso técnico em Alimentos ¹	Não	02
	Sim	10
	Falta de afinidade com a área	04
	Desconhecimento do perfil do curso	02
	Ensino Médio e técnico de qualidade	07
TOTAL		25

¹O total não se refere ao número de professores respondentes (12), mas sim ao número de aspectos mencionados
Fonte: Elaborado pelo autor com os dados obtidos na pesquisa

Por fim, ainda dentro desta perspectiva que vem sendo analisada, a Tabela 12, a seguir, traz à luz a visão expressa pelos docentes, quanto ao futuro profissional dos alunos concluintes do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio.

Tabela 12: Visão dos docentes acerca da relação entre o curso e o futuro profissional dos alunos concluintes do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio

Categoria ¹	Frequência (n)
Qualidade do corpo docente garante preparo geral e profissional	05
Formação geral e técnica articulam teoria e prática na área de Alimentos	04
Resposta Inadequada	04
Base para o vestibular e curso superior (não necessariamente na área de Alimentos)	02
Amplia a empregabilidade	02

¹O total não se refere ao número de docentes respondentes (17), mas sim ao número de aspectos mencionados
Fonte: Elaborado pelo autor com os dados obtidos na pesquisa

Os professores, quando questionados quanto ao sucesso na continuidade dos estudos e/ou na vida profissional, foram unânimes em afirmar que seu alunado possui à sua disposição uma série de condicionantes bastantes propícios ao seu êxito em quaisquer trajetórias que possam resultar em suas vidas, posteriormente à experiência nesta instituição de ensino.

Para além de uma visão otimista, as afirmações dos docentes se sustentam em aspectos que, quando experimentados conjuntamente, tendem a ser determinantes do chamado “sucesso escolar”, com destaque, por exemplo, das menções feitas com relação à qualificação do corpo docente, condições de infraestrutura da instituição e boa qualidade do ensino (independente deste ser inerente ao ensino médio ou área técnica). Salientam, novamente, que o interesse do alunado recai prioritariamente sobre as disciplinas do Ensino Médio em razão do seu interesse no vestibular e, fazem ressalva importante, quanto aos desafios a serem superados no sentido de concretização dessas perspectivas, como pode ser observado a seguir, respectivamente, nas menções realizadas pelos professores Prof 1 e Prof 12:

Os alunos, em sua maioria, demonstram interesse em cursos superiores independentemente de serem ligados ao curso técnico de Alimentos. Os

mesmo focam seus estudos em áreas do chamado Núcleo Comum visando um futuro vestibular. (Prof1)

Este IF apresenta excelente equipe de profissionais, ótima infraestrutura física e amplo conjunto de recursos. Essas são dimensões que impactam diretamente no sucesso escolar dos educando. Entretanto, considerando nosso público alvo, as questões metodológicas, melhores estratégias para suprir as já conhecidas defasagens, excesso de carga horária, além de desenvolver hábitos e motivação para o estudo nos estudantes são ainda desafios homéricos a serem enfrentados. (Prof 12)

Há, por outro lado, docentes com relativa dificuldade em apresentar uma projeção quanto ao futuro de seu alunado, como é o caso do Prof 2, docente recentemente efetivado na instituição e que, por ventura, ainda pode desconhecer as características dos cursos técnicos integrados ao ensino médio, condição esta que difere da do Prof 3, que mesmo, sendo docente mais experiente, lecionando há anos no curso, não conseguiu, efetivamente, realizar uma projeção em relação ao futuro profissional dos alunos. As respostas de ambos, apresentadas a seguir, revelam-se inadequadas à pergunta formulada:

Todo conteúdo encontra-se interligado (Prof 2)

O curso possui grade profissionalizante com ênfase em Ciências da Natureza (Prof 3)

Já a Tabela 13 traz no seu bojo, as razões identificadas pelos professores que lecionam para os concluintes do curso Técnico em Alimentos Integrados ao Ensino Médio, para explicar a opção dos alunos em cursar os técnicos em Informática e Agropecuária em detrimento do curso de Alimentos.

Tabela 13: Razões para cursar Agropecuária ou Informática em detrimento do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio – Percepção dos docentes

Categoria¹	Frequência
Afinidade com as áreas de Informática e Agropecuária	07
Desconhecimento da área de Alimentos	02
Mercado de Trabalho	04
Valorização Profissional	01
Direcionamento dos pais	01
Cultura e economia local/regional	04
Estereótipos do curso de Alimentos	01
Respostas Inadequadas ²	02
TOTAL	22

¹O total não se refere ao número de professores (12), mas sim ao número de aspectos mencionados

²Respostas não condizentes com a pergunta realizada foram consideradas inadequadas

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados obtidos na pesquisa

Pode-se observar, por meio dos dados da Tabela 13, que não há entre os docentes um consenso quanto às razões que levam os alunos a escolherem cursar os cursos de Agropecuária e Informática, em detrimento do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, uma vez que suas indicações apresentam-se pulverizadas em meio a 7 categorias distintas.

Dentre estas categorias, aquela que recebeu a maior quantidade de indicações dos docentes (07) remete ao fato dos jovens optarem pelos cursos de Agropecuária e/ou Informática por possuírem identificação/afinidade com estas áreas, como justifica, por exemplo, com seus apontamentos, o Prof 6:

Para cursar agropecuária o estudante deve gostar de realizar trabalhos rurais, seja com produção vegetal ou animal. Aqueles alunos que não se identificam com ambiente rural não fariam este curso. Muitos acabam escolhendo o curso de informática porque e já estão acostumados ao uso do computador tem facilidades, gostam de jogos virtuais etc. (Prof 6)

Outras duas categorias, na sequência, receberam 04 indicações cada uma por parte dos docentes e são aquelas que fazem menção às categorias *mercado de trabalho* e *cultura economia/local* e cujas indicações vão ao encontro dos apontamentos do Prof 11:

Talvez uma das razões possa estar relacionada com a oferta de trabalho para os que optarem seguir essa carreira de imediato. Pensando no contexto da nossa região, por mais que o curso de Alimentos tenha uma demanda regional, os integrados em Agropecuária e Informática apresentam uma oferta mais ampla. (Prof 11)

Não há, por parte dos docentes, qualquer menção direta à possibilidade dos alunos optarem por cursar Agropecuária e/ou Informática, em razão de, porventura, ao optarem pelo curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, tornarem-se alvo de alguma forma de preconceito. Há sim, por outro lado, a menção de um docente que procura relacionar a opção por estes dois cursos, em virtude dos jovens alunos, apresentarem uma equivocada visão quanto ao perfil do curso de Alimentos e de seu egresso, o que pode ser compreendido como uma visão estereotipada com relação a este curso, condição que aparentemente se comprova com a análise dos relatos de docentes a seguir.

A frase do Prof 4, por exemplo, apresentada a seguir, permite mais claramente evidenciar o aspecto destacado:

Um ponto que deve ser considerada é o desconhecimento por grande parte dos alunos ingressantes sobre o curso Técnico em Alimentos. Muitos alunos imaginam que o curso enfoque apenas a área nutricional e gastronômica e desconhecem o foco em engenharia do curso. Acredito que este seja um fator que influencie até mesmo na maior procura por pessoas do sexo feminino em comparação ao sexo masculino.

3.3 Percepção de Alunos e Professores Quanto à Discriminação e Preconceito no Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio

3.3.1 Percepção dos Alunos Sobre Discriminação e Preconceito no Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio

A Tabela 14, a seguir, traz em seu bojo, indicações feitas pelos concluintes do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, quanto à sua percepção acerca de situações de discriminação e preconceito que tenham vivenciado ou presenciado em razão dos aspectos elencados nesta tabela na coluna das variáveis.

Tabela 14: Percepção dos alunos quanto à discriminação e preconceito

Variáveis	Categorias	Frequência
Crê na existência de preconceito em relação aos cursos técnicos e seus frequentadores	Não	05
	Sim	13
	Desvalorização do profissional técnico	02
	Preconceito de Gênero	04
	Desconhecimento das atribuições profissionais	03
	Respostas Inadequadas ¹	04
Já sofreu preconceito e/ou discriminação por fazer um curso técnico	Não	15
	Sim	03
	Falta de conhecimento acerca do perfil/atuação do técnico em Alimentos	03
Discriminado por frequentar o curso técnico em Alimentos ²	Não	09
	Sim	09
	Machismo	01
	Desvalorização do profissional técnico	02
	Desconhecimento das atribuições profissionais	07
	Comprometimento da formação do EM regular	01
Crê na existência de preconceito no mundo do trabalho em razão de possuir apenas formação técnica ¹	Não	10
	Sim	08
	Curso superior é mais bem visto pelo mundo do trabalho	04
	Visão equivocada quanto a capacidade intelectual do profissional técnico	01
	Respostas Inadequadas	03

¹Respostas não condizentes com a pergunta realizada foram consideradas inadequadas

²O total não se refere ao número de alunos respondentes (18), mas sim ao número de aspectos mencionados.

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados obtidos na pesquisa

A análise da Tabela 14 permite verificar que a maioria dos alunos (13) indicou acreditar na existência de preconceito com relação aos cursos técnicos e seus frequentadores. As razões mais indicadas para tanto, contudo, segundo os mesmos, apresentam-se pulverizadas em meio a três condições, assim categorizadas: preconceito de gênero¹² (04); desconhecimento das atribuições profissionais (03) e desvalorização do profissional técnico (02).

Estas situações indicadas pelo alunado podem ser mais nitidamente ilustradas com as seguintes afirmações nas respostas aos questionários/entrevista:

Porque falam que o curso de Alimentos é só para meninas e quando entram meninos eles são rotulados de homossexual. (Aluno7)

Me zoavam também porque eu tava num curso de meninas. Como a maioria era de meninas me zoavam... falavam que era um curso de menina.(Aluno 15)

...a vai pra boca do fogão; sai daqui cozinheira... (Aluno 8)

Quando você terminar o curso vai trabalhar no McDonald's. (Aluno 1)

O curso técnico não tem piso salarial (sic) e fazer curso técnico não contribui para ter um serviço melhor (Aluno 8)

Observa-se aqui, por meio destes exemplos, a manifestação do preconceito. Na frase do aluno 7, por exemplo, consegue-se perceber como afirma Bobbio (2002, p.18) que o preconceito pode se manifestar através de uma [...] “crença não crítica, mas aceita como absoluta”, pois como indicou este aluno, na concepção de muitos indivíduos o curso de Alimentos é para meninas e, portanto, se algum menino estiver entre estas, irrefutavelmente, ele será rotulado como homossexual.

Coelho & Silva (2015, p. 688), por sua vez, indicam entender o preconceito como [...] “uma crença prévia sobre algo ou alguém, especialmente vinculado a uma ideia de inferioridade”. Também aqui a manifestação destes alunos contempla essa compreensão, por exemplo, quando analisamos a frase do Aluno 1. Ao indicar que o egresso do curso de Alimentos terá como alternativa profissional trabalhar numa famosa de rede de *fast foods*, o autor desta ideia, implicitamente está contemplando o jogo relacional de equivocadas noções de hierarquia social, uma vez que, no seu entendimento, provavelmente ele ocupará, em razão de sua formação e/ou do curso que frequenta nesta instituição, um posto de trabalho mais reconhecido e valorizado pela sociedade. Trata-se, de um quadro, como afirma Crochick

¹² Preconceito de gênero: é uma expressão que se refere aos: “(...) discursos e as práticas sociais que inferiorizam ou excluem as mulheres em função do seu sexo” (Silva & Ribeiro, 2014, p. 454).

(1997, p.12) onde [...] “as idéias sobre o objeto do preconceito não surgem do nada, mas da própria cultura”, num contexto histórico, muito influenciado pela lógica do capital, pela ideologia capitalista.

Nota-se também, nos apontamentos realizados pelos alunos a manifestação do preconceito de gênero, contudo, tal condição será abordada mais especificamente neste trabalho quando da análise do conteúdo da Tabela 16.

Na sequência, quando questionados sobre terem sido alvo de alguma situação de discriminação, dentro ou fora da instituição que frequentam, por estar realizando um curso que lhes garante formação profissional, o curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, majoritariamente (15 alunos) indicaram **não** ter passado por esta experiência. Tal fato chama a atenção, pois expõe uma contradição com a indicação anteriormente feita, em que a maioria do alunado indicou acreditar na existência de preconceito com relação aos cursos técnicos e seus frequentadores. Essa intrigante situação, entretanto, não surpreende, pois pode ser reveladora da enorme dificuldade dos indivíduos em se posicionar criticamente diante dos problemas sociais que diretamente lhes atingem, como é o caso do preconceito, da discriminação, do racismo, por exemplo.

Esta conjuntura aparentemente confusa não se mostra inédita, uma vez que estudos anteriormente realizados indicam que no Brasil, situações difusas como estas já se apresentaram em outros estudos, a exemplo do que já foi evidenciado num estudo de Cavalleiro (2003) que mostra a naturalização das situações de preconceito e discriminação pelos indivíduos e a dificuldade em reconhecê-las como tais. Segundo a autora falta um “olhar crítico por parte do aluno”, que lhe permita notar ter sido alvo de discriminação.

Vale ainda mencionar aqui, dados que reafirmam esta tendência ao revelar que “apesar de 89% dos sujeitos investigados dizerem haver preconceito de cor contra negros no país, só 10% reconhecem ter preconceito” (SCHWARCZ, 2001, p.77).

Entre os depoimentos dos alunos alvos da pesquisa aqui relatada há frases que indicam que os alunos do curso de Alimentos sofrem preconceito, mas que também são preconceituosos com relação aos colegas dos outros cursos. Cabe, portanto, mencioná-las aqui:

Todos sofrem algum tipo de preconceito... é uma competição entre os cursos, um curso quer ser melhor que o outro, todos sofrem algum tipo de preconceito, a gente por ser as cozinheiras, eles por carpir e os outros por ficar arrumando computador, então são os anti-social, os nerds...(Aluno 11)

Às vezes a escola começa a cheirar muito, cheira esterco esse tipo de coisa... e o pessoal de Agro está quietinho na sala deles...e aí a gente esses Agro

são os fedidos da escola...qualquer fedô (sic) que tem a culpa é deles...(Aluno 1)

É porque eu acho que a gente tem preconceito com a gente mesmo... Eu acho que o preconceito tem que ser acabado primeiramente na gente...porque eu nunca fui reclamar no núcleo porque eu também ‘zoo’ o agro, a gente também ‘zoa’ o agro...(Aluno 11)

E eu também tenho um pouco de preconceito, não agora, porque agora eu conheço o meu curso, eu sei que eu não sou cozinheira, só que a gente mesmo tem preconceito com os outros cursos... então a gente leva tudo meio que na brincadeira.(Aluno 11)

Quando questionados terem sido discriminados por frequentar o curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, metade dos respondentes indicou já terem **sim** sofrido algum tipo de discriminação. Predominantemente, a indicação mais apontada pelos alunos (07) faz menção ao *Desconhecimento das Atribuições Profissionais*. De acordo com os apontamentos feitos pelos alunos, tais situações de discriminação indicam algum tipo de associação entre este curso e/ou atribuições do egresso do mesmo à atividade da culinária, ou seja, ao ato de cozinhar, como pode ser observado por meio das menções feitas pelos seguintes alunos:

...a vai pra boca do fogão; sai daqui cozinheira... (Aluno 12)

... acham que nosso curso é cozinhar e “lugar de mulher é na cozinha” (Aluno 14)

Por que não sei cozinhar e faço curso técnico em Alimentos (Aluno 8)

Você não é técnica em Alimentos, vai fazer arroz... (Aluno 11)

Houve ainda, uma menção realizada por um dos discentes, categorizada como *Machismo*. Optou-se por trazê-la, neste momento, pois a expressão que foi empregada pelo jovem, acabou por contemplar os demais aspectos já citados e exemplificados, como pode ser observado a seguir:

A população é machista; diziam que estou fazendo um curso para ficar na cozinha. Disseram também que meu curso não garantia um futuro favorável. (Aluno 1)

Encerrando a análise da Tabela 14 pode-se perceber que a maioria dos alunos (10) não acredita na possibilidade de imposição de alguma forma de preconceito com relação aos indivíduos, pelo fato destes serem portadores exclusivamente de uma formação profissional de nível técnico. Tal aspecto pode ser alvo de questionamento, uma vez que o mesmo pressupõe um prognóstico, já que não é resultado de uma condição já experimentada por estes

jovens, mas sim de uma condição hipotética, fruto de previsões realizadas por estes alunos. Contudo, em oposição ao aspecto explicitado, cabe destacar que 08 alunos, quase a metade dos respondentes, indicaram acreditar na possibilidade do preconceito trazer desconfortos aos portadores de uma formação profissional de nível técnico, como indicaram acreditar os seguintes Alunos:

Porque o curso técnico oferece uma formação mais básica que uma faculdade; as empresas esperam pessoas melhor formadas. (Aluno 1)

Porque na hora de ver o currículo, a preferência é daquele que tem mais estudo. (Aluno 15)

O curso técnico não tem piso salarial e fazer curso técnico não contribui para arrumar um serviço melhor (Aluno 8)

As frases dos alunos acima citadas, vão ao encontro das reflexões de Adorno (1995, p.161), quando este diz ser necessário “[...] desacostumar as pessoas de se darem cotoveladas”, uma vez que para este autor estas tais situações “[...] constituem uma expressão da barbárie [...]”. Para esse autor, nesta conjuntura, verifica-se quão difícil é contribuir com estes indivíduos no sentido de garantir-lhes possibilidades de auto-reflexão, que lhes garantam a oportunidade de edificar o sentimento de empatia com relação ao outro, uma vez que desde cedo e sempre, estes jovens são condicionados e alienados no sentido de atender às rigorosas exigências vinculadas a uma lógica insana, marcada pela competitividade acirrada, inerente aos pressupostos do mercado e à lógica capitalista.

Diante do que foi exposto até o momento pode-se, então, afirmar que, diante dos posicionamentos do alunado, o desconhecimento das atribuições profissionais representa o vetor fundamental para as manifestações de preconceito e discriminação.

Nota-se, que segundo o alunado, uma das razões responsáveis pelas manifestações de preconceito e discriminação é a equivocada associação do curso Técnico em Alimentos ao papel social da mulher, refletindo, portanto, aspectos inerentes àquilo que se convencionou chamar estereótipo de gênero e machismo¹³.

Estes aspectos obviamente estão intrinsecamente associados ao que tem sido apontado como *desconhecimento das atribuições do profissional egresso do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio*, mas permitem pressupor que, no imaginário coletivo ou senso comum, numa “identificação cega com o coletivo”, como atesta Adorno (1995), estejam, desde já, provavelmente contribuindo à consolidação de uma imagem

¹³ O machismo é definido como um sistema de *representações simbólicas*, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher (DRUMONT, M.P., 1980, p.81)

equivocada, do curso de Alimentos, calcada no machismo, o que pode em tese, contribuir para a constituição, por parte das pessoas, de uma visão estereotipada com relação a este curso e seus frequentadores, provocando manifestações de preconceito e atitudes discriminatórias em relação aos frequentadores do mesmo, assim como, eventualmente, resultando no desinteresse dos jovens do sexo masculino por esta área e até mesmo entre as jovens do sexo feminino, como já previa a hipótese deste trabalho, uma vez que, diante deste cenário, numerosas e equivocadas são as associações com relação a este curso e o perfil do seu egresso, como pode ser notado nas afirmações dos Alunos 16 e 12, apresentadas a seguir:

Eu acho que foi ruim porque isso influenciou tanta gente na escolha, porque influencia né... a maioria dos meninos não escolheu Alimentos...porque quando meu irmão foi fazer o vestibulinho pra cá, ele não queria escolher Alimentos justamente por isso. E também quando a gente sabia que ia ser uma sala só de meninas e que ia ser totalmente diferente, então, acho que isso influencia bastante. (Aluno 16)

Porque quando você entra aqui é basicamente assim... Agro é para menino, Alimentos é para menina e informática para os dois. (Aluno 12)

Eu acho assim... como a Aluno 16 falou isso influencia muito nossa escolha – Ah...eu não vou fazer Agro porque isso é para menino. Eu não vou fazer Alimentos porque isso é coisa para menina, então eu acho que é uma coisa que influencia bastante. (Aluno 12)

Ainda neste contexto, mediante a análise de alguns depoimentos dos alunos respondentes, como nos casos elencados a seguir, já é possível constatar evidências daquilo que Bobbio (2002) estabeleceu como discriminação enquanto *juízo de valor*, uma vez que com base nestas manifestações já se torna possível identificar, no jogo relacional estabelecido entre o alunado dos diferentes cursos oferecidos por este campus, alguns sinais do estabelecimento de falsas hierarquias, como bem ilustram as falas dos seguintes alunos:

Aluno 11: “É uma competição entre os cursos, um quer ser melhor que outro... um fala, você carpe e outro fala você cozinha o que eu como... e aí fica nisso”.

Aluno 8: “Porque eles não conhecem o curso e acham que vamos aprender a ‘cozinha’ (sic) e o que o curso não tem valor nenhum”

Pois, aparenta ser que os cursos de agropecuária e informática não dão tanto valor ao curso de Alimentos (Aluno 6)

A Tabela 15, por sua vez, reúne as respostas do alunado quanto ao testemunho ou enfrentamento de situações de discriminação e preconceito no interior do campus do IFSP.

No intuito de melhor compreender tal fenômeno estas possíveis ocorrências foram categorizadas em sete grupos, a saber: econômica/ financeira; religiosa; étnico-racial; gênero; homossexualidade; origem familiar e /ou social e atributos físicos.

Tabela 15: Preconceito e/ou discriminação no IFSP, na percepção dos alunos do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio

Tipos de preconceito/discriminação	Sim	Não	Total
Econômico/financeiro ¹	06	11	17
Religioso	12	06	18
Étnico-racial ¹	10	07	17
Gênero ¹	09	08	17
Ser ou ter sido identificado como homossexual	07	11	18
Origem familiar e social	05	13	18
Atributos físicos	10	08	18

¹O total não se refere ao número de alunos respondentes (18), uma vez um sujeito não respondeu aos aspectos destacados

A partir da observação dos dados reunidos na Tabela 15 pode-se constatar que, no âmbito desta unidade educacional do IFSP, numerosas e distintas são as manifestações de preconceito e atitudes discriminatórias registradas.

Percebe-se, com base nos apontamentos realizados pelo alunado, que todas as categorizações estabelecidas receberam alguma menção. As três categorias menos citadas foram aquelas que faziam menção à discriminação *Econômica/financeira*; *Ser ou ter sido identificado como homossexual* e *origem familiar e social*, que receberam, respectivamente, 06, 07 e 05 indicações por parte dos respondentes.

Por outro lado, merecem destaque as menções feitas às seguintes categorias: *religioso*, *étnico-racial*, *gênero* e *atributos físicos*, cujas menções de ocorrência responderam respectivamente, por 12, 10, 09 e 10 das indicações.

Tais evidências corroboram com as ideias de Coelho & Silva (2015, p. 688), para quem não se pode de forma alguma realizar “[...] a dissociação do preconceito e da discriminação presentes na escola, daqueles vivenciados na sociedade mais ampla”, uma vez que, como indicaram estes autores, a escola é “[...] um espaço de sociabilidades e de cruzamentos de culturas”, como instituição que reflete o contexto histórico, político e econômico e se constitui como um universo múltiplo, diverso e complexo. De acordo com estes autores, os dados apresentados pela Tabela 14 ilustram, muito claramente, uma “[...] interdependência escola-sociedade e sociedade-escola que impacta as relações de sociabilidades, positiva e negativamente, vivenciadas pelos estudantes intra e extra escola [...]

(COELHO & SILVA, 2015, p.688). Ou seja, mais uma vez retomando os escritos de Candau (2003, p. 24) anteriormente citados: ao refletir sobre as relações sociais e a diversidade cultural, assim como sobre os antagonismos advindos destas relações, percebe-se quanto a escola acaba por se apresentar como um microcosmo que reproduzirá, no seu bojo, todas as inúmeras questões sociais que acometem a coletividade.

Diante dos dados apresentados pela Tabela 15, deve ser dado destaque ao número de menções (12) realizadas com relação ao preconceito e/ou discriminação de motivação religiosa, fato este que pode sinalizar consequências negativas de uma forte e recente tendência social, que reflete uma maior pulverização dos credos religiosos¹⁴, em detrimento do predomínio do catolicismo que caracterizou o Brasil até meados da década de 1980, podendo ilustrar, desta forma, sinais de intolerância ao pluralismo/diversidade religiosa, como pode ser observado nas afirmações dos Professores 4 e 8:

Os alunos criaram grupos denominados 'Barrosas de Cristo' e 'Bond'. Houve claramente uma discriminação pelos dois lados. (Prof 4)

Já vi brincadeiras quanto ao fato de algumas alunas serem evangélicas (Prof 8)

Verifica-se, desta forma, uma questão de pesquisa a ser mais adequadamente investigada, uma vez que, com os dados aqui levantados não é possível tecer análise mais aprofundada acerca dessa questão.

Cabe ainda, dentro deste contexto, destacar que, apesar de serem predominantes as indicações ao preconceito e/ou discriminação de motivação religiosa realizadas por parte do alunado, em nenhum momento, tal condição foi por estes mencionada no sentido de exemplificar a ocorrência de problemas no âmbito desta instituição. Deve-se ainda mencionar, como poderá ser visto mais adiante, na Tabela 17, que a percepção de alunos e professores no que tange a este aspecto apresentou grande discrepância, confirmada com os dados desta mesma tabela, onde se observará que do total de professores respondentes, apenas 02 docentes relataram ter presenciado manifestações de preconceito e/ou discriminação desta natureza, o que pode eventualmente sugerir, como indicam Crusoé *et al* (2014, p. 192) que aos olhos dos docentes tais situações “[...] já se cristalizaram de tal forma que passam a se constituir como práticas naturais”.

14 A esse respeito consultar: MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. *Debates do NER*. Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013

Também se pode neste momento destacar as menções associadas ao preconceito/discriminação relacionados aos *atributos físicos* – 10 dos 18 alunos indicaram a existência desse tipo de preconceito no questionário, ainda que não tenham mencionado exemplos específicos, permitindo desta forma salientar a importância da realização de futuros estudos a esse respeito.

No que tange às menções feitas ao preconceito e/ou discriminação de caráter *étnico-raciais* as 10 menções realizadas pelo alunado não surpreendem, pois vão ao encontro dos estudos de Cavalleiro (2003, p.34) para quem “[...] o racismo é um problema que está presente no cotidiano escolar, que fere e marca, profundamente, crianças e adolescentes negros”. Tal constatação se insere num contexto, no qual negros e pardos, invariavelmente são atingidos por manifestações racistas, apesar de supostamente, como afirma Cavalleiro (2003, p.12), a sociedade brasileira estar “envolta em um manto de ‘democracia racial’”.

Ao tratar de questões inerentes ao racismo na escola, Carvalho (2005, p.78) indica que no Brasil e em diversos países latino-americanos a classificação racial “[...] é fluida e variável, com a possibilidade de se ultrapassar a linha de cor em decorrência da combinação entre aparência e *status* social”.

A mencionada citação se faz importante no contexto desta pesquisa, pois permite compreender as menções feitas pelos discentes e docentes às categorias de preconceito e/ou discriminação de ordem *econômico/financeira, origem familiar e social e atributos físicos*, uma vez que, tal confusão de noções, pode eventualmente justificar os raros apontamentos realizados no sentido de exemplificar, de ilustrar a ocorrência destas manifestações.

Retomando a questão do preconceito e/ou discriminação étnico-racial, dentro deste contexto, cabe destacar a referência dos discentes a um caso de racismo registrado na instituição, quando da realização do procedimento de entrevista com eles. Na oportunidade, a Aluna 11, afirmou:

Teve outro caso que o menino..., ele sofreu racismo. Isso aconteceu nos corredores, falaram que ele era..., como é que é macaco, escravo, que ele tinha que apagar a lousa e tipo a escola, não tomou uma providência. Eu acho que a escola deu uma advertência pros (sic) meninos... (Aluna 11)

O apontamento feito pela aluna revela a manifestação do que Bobbio (2002) indicou ser o preconceito coletivo. A atitude discriminatória relatada, promovida por um grupo de alunos com relação a outro indivíduo, seja ele negro ou pardo, simbolicamente ilustra, como mostra este autor, a forma distorcida com que um grupo social realiza seu julgamento com relação a outro, culminando numa atitude de desprezo, de violência, neste caso, não violência

física, mas violência verbal. Verifica-se, portanto, na sua essência, com a situação descrita, a reprodução, no âmbito institucional, a concretização de uma ação discriminatória historicamente consagrada na sociedade brasileira.

Faz-se necessário dizer novamente, que não surpreende a ocorrência de tais atos na escola, mas, surpreende sim, de acordo com o depoimento da aluna (que durante a entrevista teve a concordância de seus pares), a postura adotada pela Instituição, até onde se soube – a aplicação de uma advertência aos alunos autores da atitude racista.

Aparentemente, pode-se apontar aqui, que a Escola eximiu-se de suas atribuições, indo, desta forma, ao encontro de uma constatação já verificada por Cavalleiro (2003, p. 68) já que a Instituição absteve-se do “[...] necessário papel da escola em perceber o problema e buscar estratégias para a sua superação [...]”.

Não se podem determinar, aqui ao certo, com base apenas no relato do alunado, quais seriam e a natureza das providências tomadas pela Instituição em resposta à ocorrência supracitada, mas, pode-se indicar sim, com base no apontamento da Aluna 9, a seguir, que da parte do alunado coube/houve a iniciativa de se tratar esta questão de uma forma alternativa às punições regimentais, como pode ser observado no relato abaixo. Numa decisão unilateral a Instituição optou por cercear a proposição feita pelos alunos, desperdiçando desta forma uma interessante oportunidade de “pedagogizar” a questão, oportunizando um momento de reflexão à coletividade escolar acerca da situação (tão importante à superação da “pseudoformação”), o que lhe garantiria, para, além disso, a chance de reforçar os princípios de uma gestão participativa/compartilhada, tão essenciais à resolução salutar das questões intra-escolares e à consolidação da democracia, culminando, desta forma, na repetição de um quadro outrora já verificado por Cavalleiro (2003, p.48) no qual “[...] a pluralidade étnica da sociedade e, principalmente do espaço escolar constitui um tema que parece não ter importância para o desenvolvimento do trabalho escolar”.

[...] deu uma advertência ‘pros’ (sic) meninos, mas assim, a gente no pátio mesmo, a gente tentou fazer uma conversa com os alunos sobre preconceito e a Escola barrou a gente disso, a gente não pode fazer uma roda no intervalo pra gente conversar sobre isso... (Aluna 9)

Pode-se afirmar, diante da situação exposta, de acordo com Adorno (1995, p.79) que ao optar pelo “ocultamento da realidade” a instituição deixou de aproveitar uma oportunidade importantíssima de “formação”, pois foi desperdiçada àquela ocasião, pela instituição, a chance de proporcionar à comunidade escolar a oportunidade de “pensar problematicamente

conceitos como estes que são assumidos meramente em sua positividade, possibilitando adquirir um juízo independente e autônomo a seu respeito”.

Cavalleiro (2003, p.35), diante de uma conjuntura como esta questiona: “A Escola está preparada para lidar com a questão étnica? A escola está formando ou conformando os indivíduos a uma realidade já estabelecida, não possibilitando, assim a alteração dessa realidade?”

Pergunta-se aqui, além disso, se a Escola está preparada para lidar também com outras questões, como a homofobia, o preconceito de gênero, entre outras, ou diante destas, tem descumprido com um dos seus papéis e desta forma contribuído para que se estabeleçam as condições que, segundo Adorno (1995), podem culminar na “barbárie”.

Por fim, na análise da Tabela 15, ainda é possível constatar, mediante as indicações realizadas pelo alunado, evidências do preconceito e/ou discriminação de *gênero*, cuja abordagem será feita adiante. Apesar de ter sido citada na resposta aos questionários, por um grupo minoritário, a categoria *Ser ou ter sido identificado como homossexual*, também receberá um destaque específico mais adiante, quando da análise da tabela 17, em razão de, quando da realização das entrevistas, tal aspecto ter recebido razoável destaque da parte dos participantes em virtude duma situação experimentada nesta unidade escolar.

A Tabela 16, por sua vez, traz informações referentes à percepção do alunado quanto a aspectos inerentes à presença majoritária de mulheres no curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, assim como sua impressão acerca das atribuições do profissional egresso deste curso, do ponto de vista do sexo/gênero.

Tabela 16: Percepção dos alunos quanto à escolha do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, por homens e mulheres

Variável	Categoria	Frequência
O curso oferece formação mais destinada às mulheres	Não	16
	Sim	02
Razões para o curso de Alimentos ser pouco frequentado por homens ¹	Desconhecimento do curso/ Machismo/Visão Estereotipada	20
	Preconceito	02
	Falta de Interesse	01
	Preferência por outros cursos	01

¹O total não se refere ao número de alunos respondentes (18), mas sim ao número de aspectos mencionados

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados obtidos na pesquisa

A análise da Tabela 16 permite perceber que, majoritariamente, na concepção dos alunos (16), o curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, não apresenta uma formação, cujas atribuições profissionais, encaixem-se, mais adequadamente ao perfil das mulheres.

Na verdade, de acordo com estes alunos, cujas menções totalizaram juntas 20 indicações, como pode também ser observado nesta Tabela 16, o desconhecimento das atribuições profissionais do egresso do curso, associado ao machismo presente na sociedade, assim como uma visão estereotipada vinculada a este curso e ao papel social da mulher seriam os grandes responsáveis por fazer com este curso venha sendo, ao longo dos anos, predominantemente frequentado por mulheres, percepção esta também compartilhada pelos docentes como poderá ser observado na Tabela 21.

No que tange a estas considerações, inúmeros são os exemplos citados pelos alunos que permitem evidenciar tais aspectos, como se pode ver nas afirmações elencadas abaixo:

Comigo foi mais de fora da escola, as pessoas não sabem direito o que é Alimentos e ficam me perguntando coisas de comida, de cozinha (Aluno 15)

Ai eu tenho dó dos meninos... O curso, assim, ele já não tem muitos meninos... e sabe, eles perguntam dos meninos, fulano é gay? Aí eu falo, não, não é gay é homem... E eles falam, mas ele faz Alimentos? Eu penso, quer dizer eu falo, mas não é porque ele faz Alimentos que ele vai ser gay. De todos os cursos, tipos eles acham que os meninos que fazem Alimentos eles são gays. (Aluno 12)

Eles na rua, que não conhecem a escola, tenho uns amigos que eles falam... Aluno1 você estuda no Instituto? Que curso você faz? Aí eu falo, Alimentos? E eles falam tipo assim... Alimentos? Mas quem faz Alimentos? não é curso de mulher... eu digo, não, não é...eu faço Alimentos, eu entrei lá e agora que tô lá já eu faço...E eles falam: não, mas é que agro é mais de homem, que tem mais finalidade, agro que move o mundo...uns negócios assim (Aluno 1)

O curso de Alimentos enfrenta preconceito por parte dos homens por que o machismo vê o curso como um curso mais para as mulheres (Aluno1)

A partir dessas afirmações, mais uma vez é possível constatar o quão arraigados ainda são o machismo e o preconceito de gênero na sociedade atual.

As indicações do alunado remetem-nos a uma série de situações que merecem ser destacadas. Fica evidente diante destes relatos, de acordo com os alunos, que há um grande e preocupante desconhecimento acerca das peculiaridades inerentes à formação profissional em Alimentos. De forma geral, as indicações do alunado ilustram grande confusão aos olhos do senso comum, pois de acordo com os mesmos, é muito forte a impressão de consolidação, por parte da sociedade, de representações que vinculam este curso apenas à gastronomia, à culinária, à nutrição, enfim, a propósitos muito distantes daquele perfil de profissional

atribuído a esta formação como estão previstas no Catálogo Nacional de Cursos Técnicos já mencionado neste trabalho.

Para além desta questão, as indicações do alunado, confirmam que o curso apresenta-se estigmatizado, uma vez que há em vigência, em razão do mencionado desconhecimento das peculiaridades do curso, uma forte associação do mesmo à figura a mulher, donde se vê sobressair com destaque, nos depoimentos dos alunos, sérias manifestações de preconceito em razão da flagrante indicação da presença do estereótipo de gênero, o que pode, eventualmente, ser o fator primordial, responsável por afastar a parcela masculina da sociedade deste curso.

No que diz respeito ao estereótipo de gênero, os apontamentos do alunado vão ao encontro das indicações de Crochik (1996, p.52) para quem os estereótipos se apresentam hoje como uma forma de “[...] violência sublimada, propagada pelas palavras na própria divisão social do trabalho”, uma vez que, os apontamentos dos alunos sinalizam explicitamente evidências duma cultura sexista fortemente edificada ao longo da história deste país, que enquadra as mulheres num cenário social, enquanto um grupo não hegemônico, de importância e valor social relativizado, inferiorizado ilustrando muito nitidamente características que são próprias duma sociedade patriarcal, onde falsas relações de poder se mantêm ainda hoje muito notáveis.

Percebe-se nas menções do alunado, portanto, exemplos simbólicos do que se tem tratado aqui por estereótipo de gênero, pois é possível mediante a análise destes apontamentos identificarem como indicam Silva & Ribeiro (2014, p.454) [...] “discursos e as práticas sociais que inferiorizam ou excluem as mulheres em função do seu sexo”, como pode ser observado, por exemplo, através da menção do aluno 9, a seguir

Essas coisinhas do tipo... as meninas estão lá no laboratório...ah, então elas estão fazendo pão, tão fazendo bolo, fazendo arroz...elas podiam fazer o almoço hoje...(Aluno 9)

Por fim, cabe salientar que as complicações associadas aos estereótipos não residem exclusivamente no fato destes serem constituídos por inverdades, mas sim, por trazerem na sua essência uma visão incompleta, reducionista, apressada, acrítica, naturalizada, no caso em voga, por exemplo, das mulheres, desqualificando-as, situação esta, portanto, que requer um trabalho de esclarecimento visando a desconstrução de noções tão equivocadas.

3.3.2 Percepção dos professores sobre discriminação e preconceito no curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio

As Tabelas 17 e 18, a seguir, trazem em seus bojos, respectivamente, as respostas dos docentes quanto à percepção e testemunho de situações de discriminação e preconceito que porventura tenham sido promovidas com relação aos alunos e ao próprio curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio no IFSP. No intuito de melhor compreender tal fenômeno estas possíveis ocorrências foram categorizadas, na Tabela 17, em sete grupos, a saber: *econômica/ financeira; religiosa; étnico-racial; gênero; homossexualidade; origem familiar e /ou social e atributos físicos*.

Tabela 17: Preconceito e/ou discriminação no IFSP com relação ao alunado do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, na percepção dos docentes.

Tipos de preconceito e/ou discriminação	Sim	Não	Total
Econômica/financeira	04	08	12
Religiosa	05	07	12
Étnica, racial ou de cor	02	10	12
Gênero ¹	01	10	11
Ser ou ter sido identificado como homossexual	01	11	12
Origem familiar e social	04	08	12
Atributos físicos	06	06	12

¹O total não se refere ao número de professores respondentes (12), uma vez um sujeito não respondeu ao aspecto destacado

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados obtidos na pesquisa

Tabela 18: Relatos de situações de discriminação e/ou preconceito presenciado pelos docentes

Categoria	Frequência
Não presenciou	06
Preconceito racial	01
Religioso	02
Outros (drogas e higiene)	02
Resposta Inadequada ¹	01
TOTAL	13

¹Respostas não condizentes com a pergunta realizada foram consideradas inadequadas

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados obtidos na pesquisa

Com base nos dados trazidos pelas Tabelas 17 e 18 pode-se constatar que, no âmbito desta unidade do IFSP, na percepção dos docentes, todas as categorizações estabelecidas acerca da discriminação e do preconceito receberam alguma menção, condição esta também verificada entre as indicações do alunado. Contudo, pode-se observar que, destoando das indicações do alunado, os docentes, em todas as categorias elencadas, majoritariamente indicaram **não** ter presenciado qualquer tipo manifestação de preconceito e/ou discriminação com relação aos alunos do referido curso.

Dentre as 07 categorias mencionadas na Tabela 17, apenas em 02 delas (*Econômico/financeiro e Origem Familiar e social*) não houve indicação majoritária de registros de ocorrência de preconceito e/ou discriminação por parte do alunado, no entanto, entre os 12 docentes respondentes, apenas em 02 categorias, pode-se observar um relativo equilíbrio, a saber, as categorias *Religiosa* e *Atributos físicos*, que receberam dentre estes docentes, respectivamente a indicação de 05 e 06 ocorrências, categorias estas que, por sua vez, foram também as mais lembradas pelo alunado. Revela-se, portanto, diante das percepções do alunado e dos docentes quanto a essa questão, um contraste que merece ser alvo de ponderações.

Já a tabela 18 traz dados inerentes a situações de discriminação e preconceito presenciadas pelos professores em relação aos alunos que frequentam o curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio do IFSP.

Questionados durante a entrevista quanto a essa contradição, num primeiro momento, os alunos relativizaram tal situação, argumentando que tais ocorrências ocorrem em espaços e tempos da escola, onde porventura, a figura do docente não se faz presente, o que, portanto justificaria a discrepância entre estes dois grupos na percepção desta questão inerente ao preconceito e/ou discriminação, como bem registram as indicações a seguir expostas:

Por que a gente convive mais com os próprios alunos, com os outros alunos né... os colegas...então a gente está mais perto e a gente escuta as coisas...eu acho difícil para eles presenciarem essas situações por serem professores (Aluno 16)

Porque geralmente acontece isso em intervalo, horário de almoço, em horários que geralmente os professores não estão presentes... (Aluno 9)

Contudo, num segundo momento, em oposição à justificativa acima exposta, denotando um posicionamento mais crítico quanto à questão e à postura docente, num apontamento que recebeu a concordância dos colegas que participavam do procedimento de entrevista, foi lançada a seguinte ponderação

Eu não sei se eu posso falar isso... será que eles não percebem mesmo... porque é o que eu falei... a escola quer mostrar uma imagem muito bonita e então será que não vê, que fala que não percebe só pra deixar aquela coisa bonita na escola... porque eu já vi muito professor presenciar muita coisa aqui... até mesmo os preconceitos do curso... então eu acho... os professores escutam sim... mas eles querem passar essa imagem que a escola é linda, que não tem nada disso... é a minha opinião... (Aluno 11)

A afirmação acima permite levantar uma série de suposições. Uma delas como já mencionado, utilizando-se da contribuição de Crusoé *et al* (2013) estaria representada pela noção de “cristalização” de certo quadro de conformismo por parte dos docentes diante de atitudes preconceituosas e discriminatórias no cotidiano escolar, que culminaria numa forma de enxergá-las como “práticas naturais”.

Outra possibilidade a ser aventada iria ao encontro dos estudos de Pais (2008, p.13). Este autor, fazendo menção ao racismo nas escolas, indicou em seu trabalho que os professores “[...] formulam uma espécie de profecia que esperam poder cumprir-se por si mesma, na medida em que acreditam que o que é negado não existe”, ou seja, para além da naturalização da questão que dá norte a este trabalho, a negação de sua existência, mediante a uma aparente “cegueira docente”, expressada pela fala da aluna 11, poderia supostamente revelar, a insegurança ou despreparo dos docentes em lidar com a questão, ou ainda revelar, como indica Pais (2008, p.14) uma forma de “violência sutil”, ou violência da “vista grossa”. As informações disponíveis para este trabalho não permitem afirmar tal condição, mas permitem realizar especulações, já que dentre os professores respondentes metade destes (06) indicou (conforme se vê na Tabela 18) nunca ter notado qualquer episódio de preconceito e/ou discriminação com relação aos alunos do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio.

No âmbito das possibilidades acima mencionadas, cabe aqui serem explicitadas duas situações. A primeira delas pode ser analisada a partir do seguinte relato:

E às vezes esses professores que já falaram que presenciaram... tem um professor aqui na sala a gente tá chegando do recreio, aí uma pessoa de outro curso chega e fala 'aí sua cozinheira' e a gente brinca... 'olha lá professor, tá me xingando...' então eu acho, que tornou tão natural que a gente nunca levou a sério sabe... de chegar e... (Aluno 12)

Fica claro diante deste relato, a possibilidade de naturalização e conformismo diante da situação exposta, tanto por parte do aluno, quanto por parte do docente, uma vez que ambos reagem passivamente ao fato relatado.

Neste exemplo, o aluno, ao indicar a situação de preconceito e discriminação, por meio das expressões “a gente brinca” e “a gente nunca levou a sério” permite evidenciar, que no âmbito da instituição escolar, cada vez mais as corriqueiras manifestações de preconceito e atitudes discriminatórias passam a adquirir um viés de “simples brincadeiras”, mas que, na realidade estão manifestando, camufladamente, como indicam Coelho & Silva (2015), uma

“violência simbólica”, que se esconde “atrás do biombo da piada”, como indica (KNOBBE, 2005, p. 19), mencionado por estes autores, como bem ilustra também a fala do Prof 8:

Já vi brincadeiras quanto ao fato de algumas alunas serem evangélicas (Prof 8)

Outra situação a ser apresentada com o propósito de ilustrar tal contexto, pode ser explicitada mediante os apontamentos feitos pelo Aluno 11, apresentado a seguir:

A gente já presenciou, eu presenciei um... e nos corredores...tipo, a gente aqui na escola tem um menino que é homossexual e ele gosta de colocar saia longa e aí a escola proibiu de usar saia longa, porque ele estava usando saia longa. Tipo, qual o problema dele usar saia longa? Só por que ele é menino? Ele se sente bem assim... (Aluno 11)

A situação indicada em nenhum momento faz menção a qualquer atitude que possa ter partido de um docente. Contudo, a mesma aparentemente escancara uma opção por parte dos sujeitos desta instituição (podendo ser estes, docentes, representantes da direção ou outros), em não se envolver com aquelas questões que se apresentam polêmicas e que suscitam a promoção de ações pedagógico-educativas, que permitam oportunizar ao alunado o “esclarecimento”, a “conscientização”, a “racionalidade”, como defende Adorno (1995). Como dito anteriormente, novamente a escola perde a oportunidade de “pedagogizar” uma importante questão social que se apresenta no seu cotidiano.

Cavalleiro (2003, p.56) de forma muito esclarecedora ilustra o que na verdade se passa numa situação como esta explicitada. Segundo esta autora, ao optar pelo “silêncio e a omissão”, a escola, está deixando claro que a melhor alternativa é não abordar estas tais questões sociais, que o melhor é deixá-las “adormecidas”, afinal “[...] é como se a discussão sobre ele fosse capaz de lhe dar vida. E só existisse a partir do momento em que dele se falasse”.

É o que aparentemente foi feito neste caso. Ao proibir o aluno de utilizar roupas femininas, reforçando a norma escolar que prevê a necessidade do uso do uniforme, sem oferecer à comunidade intra-escolar a chance de promover um debate acerca da questão, a Escola, opta pelo “silêncio” e deixa de cumprir seu importante papel na “formação cultural” dos jovens frequentadores desta instituição. Pais (2008, p.16), com suas considerações, reforça tal ideário e vai além, para ele “[...] o sistema de ensino não se mostra capaz de comunicar com culturas diferentes do seu padrão ‘normal’” e conclui, indicando que, numa perspectiva assimilacionista, depende da capacidade dos jovens se adaptarem a um padrão

normalizado, uma vez que, para este autor, na prática “[...] a escola pretende à força torná-los iguais, caindo na falácia de identificar democratização com massificação e homogeneização”.

Diante do exposto, a postura questionadora da aluna à frente da situação mencionada, aliada à já citada manifestação dos alunos em promover um debate em “roda de conversa”, sobre o caso de racismo evidenciado na escola, revelam quanto o alunado está à espera de romper este “silêncio institucional”, ou seja, anseiam pela oportunidade de falar, de expressar suas angústias, de serem ouvidos. Contudo, aparentemente, acabam por esbarrar numa situação que parece evidenciar um marcante déficit dialógico intra-escolar.

Perante o evidenciado pode-se então questionar: o “silêncio institucional” e o fato destes problemas aparentemente passarem despercebidos aos “olhos docentes” estariam contribuindo negativamente para algumas das questões levantadas neste trabalho, como por exemplo: preconceito, discriminação, predomínio de mulheres no curso, evasão de alunos, visão estereotipada sobre o curso.

Cabe ainda mencionar, de acordo com os depoimentos dos alunos, que a opção pelo “silêncio institucional” se justificaria, supostamente, em razão desta escola e seus agentes estarem demasiadamente preocupados em manter a boa imagem da mesma na comunidade extra-escolar, como pode ser observado nas seguintes afirmações:

Sim, tem vários casos de preconceito... o que eu acho é, até me incomoda demais... porque na instituição mesmo... porque é uma instituição que tem um diferencial... e às vezes tem um pouco, eu não sei o que acontece... que eles acham, que esse status de instituição diferenciada e que é mesmo, eles acham que a gente é diferente em tudo, mas não é... eles acham que aqui dentro não tem preconceito, mas tem... tem e acontece e eles fecham os olhos, eles fingem, eles acham que a gente é perfeito em tudo... (Aluno 9)

Eles, eu acho que eles... que a imagem da escola, aqui do Instituto... é uma das melhores Escolas aqui da cidade... tem que aparecer, tem que ficar bonito pra todo mundo lá fora e aqui dentro a gente tem problemas, acho que eles jogam muito pra debaixo do tapete (Aluno 11)

Por que imagina como se fosse, um aluno aqui do Instituto chegar e dizer ‘eu levei suspensão por causa disso’, ‘fui expulso por causa disso’... (Aluno 12)

Tudo que acontece aqui eu acho que é jogado pra debaixo do tapete, porque não tem uma discussão com os alunos, que nem esse caso de racismo que aconteceu esse ano teve muita repercussão... a mãe do garoto postou num grupo de classificados daqui da região... foi muito falado e a Escola simplesmente escondeu e não deixou a gente nem discutir ... (Aluno 9)

A Tabela 19, por sua vez, traz informações que ilustram a percepção dos docentes quanto à existência de alguma forma de preconceito, na sociedade, com relação aos cursos técnicos e aqueles que são seus frequentadores. Traz ainda, informações inerentes ao suposto preconceito existente na sociedade, com relação àquelas pessoas cuja única formação é a habilitação profissional técnica de nível médio.

Tabela 19: Percepção dos docentes quanto à existência de preconceito com relação aos cursos técnicos de nível médio

Variável	Categoria	Frequência
Crê na existência de preconceito com relação aos cursos técnicos e seus frequentadores ¹	Não	07
	Sim	05
	Desconhecimento do curso e/ou atribuição profissional	03
	Preconceito social	02
	Respostas Inadequadas	01
Crê na existência do preconceito pelo fato do indivíduo possuir apenas formação técnica ¹	Não	07
	Sim	05
	Desvalorização da formação técnica	03
	Preconceito social	02

¹O total não se refere ao número de professores (12), mas sim ao número de aspectos mencionados

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados obtidos na pesquisa

A partir da observação dos dados reunidos na Tabela 19 é possível perceber que a maior parte dos docentes (07) não crê na possibilidade de existência de preconceito, em meio à sociedade, com relação aos cursos técnicos e seus frequentadores, assim como pelo fato do indivíduo possuir apenas uma formação profissional de nível técnico e assim, de forma geral, justificam este posicionamento, como pode ser visto a seguir:

Nos últimos anos devido ao aumento do acesso aos cursos superiores, nota-se justamente uma maior procura e necessidade no mercado de mão de obra técnica que, em diversas áreas, tem dito um reconhecimento em crescimento, principalmente, na questão salarial. (Prof 1)

Muitas empresas optam pela contratação do técnico, por isso, no mercado de trabalho, acredito não haver discriminação. (Prof 2)

O país carece de trabalhadores qualificados, e os técnicos podem dar sua contribuição. (Prof 5)

Por parte da empresa, não. Muitas estão optando por contratar técnicos. Acredito que depende mais da capacidade/desenvoltura do trabalhador. (Prof 10)

Tal constatação destoa, de certa da forma, dos apontamentos feitos pelos alunos, que majoritariamente indicaram acreditar nesta possibilidade, em razão de uma série fatores, a saber: a desvalorização do profissional possuidor de uma formação técnica de nível médio, o

desconhecimento das atribuições profissionais e o preconceito de gênero, que na visão destes jovens, guardaria forte ligação com o curso por eles frequentado e alvo desta pesquisa.

Aqueles docentes que indicaram, por outro lado acreditar nestas possibilidades, justificaram seus posicionamentos, com aspectos que vão ao encontro dos fatores indicados pelo alunado, como pode ser observado a seguir,

Muitas pessoas acreditam que o Técnico poderá atuar apenas em cargos que não requerem conhecimento científico, e apenas "trabalho braçal". (Prof 4)

Acredito que há um pouco sim por conta do desconhecimento desses cursos, por conta de seus frequentadores (serem de maior parte da classe trabalhadora e de renda menor e não de uma 'elite'). (Prof 6)

O próprio sistema de remuneração já é bastante desigual em diversas áreas do conhecimento. Creio que sejam fadados a mão de obra barata. ((Prof 9)

A sociedade brasileira é, sem medo de generalizar, preconceituosa, racista, misógina, homofóbica, xenofóbica, refletindo, até mesmo nas camadas mais baixas, pensamentos elitistas, eurocêntricos e conservadores. Verifica-se facilmente a ocorrência de preconceitos entre profissionais de nível superior formados em curso A ou B. Tudo se rotula, seria ingenuidade pensar que o tipo de preconceito apontado pela questão não ocorreria. (Prof 12)

Já a tabela 20 traz a percepção dos professores quanto à suposta imagem do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio oferecer uma formação profissional mais voltada às mulheres. Esta tabela traz ainda, a percepção dos professores quanto ao fato do preconceito, eventualmente poder vir a afetar negativamente os alunos homens que frequentam o curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio.

Tabela 20: Percepção dos docentes do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio quanto à sua escolha por parte de homens e mulheres

Variável	Frequência	
Crê que a formação oferecida é mais voltada às mulheres	Não	11
	Sim	01
Crê que o preconceito pode afetar negativamente os alunos homens que frequentam o curso	Não	06
	Sim	06

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados obtidos na pesquisa

A análise dos dados trazidos pela Tabela 20 permite perceber que, de forma quase unânime, os docentes (11) indicam entender que o curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio não possui características e/ou peculiaridades que permitam atribuir-lhe um perfil mais adequado às mulheres. Apenas um único docente destoou dos seus pares, justificando assim sua opção:

Não pelo que é ofertado, mas pela procura, o que reflete a cultura. Não é curso que oferece algo voltado para as mulheres, mas é o ambiente cultural que leva à procura deste curso principalmente por mulheres.

Por outro lado, os demais docentes justificam seu entendimento acerca da questão, de um modo que permite, mais uma vez, observar quão forte é a visão estereotipada associada a este curso, ao papel da mulher, assim como com relação ao desconhecimento do perfil do profissional de Alimentos, tendo como consequência a existência e manutenção do preconceito.

A reputação de ser um curso voltado para mulheres, em minha opinião, é na verdade um preconceito aliado a falta de conhecimento dos conteúdos abordados. Desta forma, o curso tem o objetivo de preparar pessoas, de ambos os sexos, para as atividades relacionadas ao setor. (Prof 4)

Penso que o curso prepare para que o profissional realize adequadamente suas funções e isso independe de gênero. Penso que a maior procura de mulheres nesse curso é uma questão social (machismo da sociedade) e não uma reputação de que o curso seja voltada para as mulheres. (Prof 6)

O curso não é voltado para atividades femininas, até porque temos muitos homens trabalhando nessa área. Mas a maioria dos alunos é do sexo feminino, talvez porque a sociedade relacione Alimentos com cozinha, que relaciona com as mulheres. (Prof 10)

Ainda com base nos dados trazidos pela Tabela 20, pode-se verificar que metade destes docentes (06) acredita que o preconceito possa afetar, negativamente, os alunos homens, em condição minoritária neste curso durante seu percurso escolar, como pode ser observado, por exemplo, nas afirmações elencadas a seguir:

Como é um curso em sua maioria frequentado por mulheres, as razões culturais envolvidas, afastam os homens do processo, pois não geram uma identificação com área. (Prof 1)

Como a maioria é um público feminino, os alunos homens podem precisar se adaptar em um ambiente com muitas alunas. (Prof 2)

Penso que alguns meninos possam se sentir envergonhados de escolher essa carreira ou continuar nela e acabam desistindo. (Prof 6)

Aparentemente tem afetado, pois há apenas dois meninos na sala. Deve haver um preconceito quanto a isso. (Prof 8)

Pode ser que ao ver muitas mulheres, se sintam incomodados em escolher o curso. (Prof 10)

Esses alunos de sexo masculino podem sofrer preconceito por, de acordo com a visão misógina, frequentarem um curso para mulheres. (Prof 12)

Observa-se nesses depoimentos dos professores, que de acordo com seus entendimentos, uma série de possibilidades pode decorrer do fato deste curso ser majoritariamente frequentado por mulheres. O Prof 1, por exemplo, explicita a edificação de uma cultura que pode porventura afastar o alunado masculino deste curso e/ou ainda contribuir negativamente àqueles que o frequentam, no sentido de não permitir a construção de uma identificação com o mesmo, como já citado anteriormente neste trabalho, reforçando desta forma uma possível visão preconceituosa/sexista já associada a este curso.

Outro aspecto que pode ser deduzido diante das afirmações acima pode ser observado na frase do Prof 6, que não vê com naturalidade a situação e acaba por constatar que a mesma pode trazer prejuízos aos jovens do sexo masculino que frequentam o curso e que, eventualmente, podem acabar por se evadirem do mesmo, diante da conjuntura citada. Tal fato também parece ser evidenciado quando observados os dados da Tabela 3, uma vez que lá se vê que esta turma de alunos tinha, quando do início do curso, 05 alunos do sexo masculino, restando no momento da realização desta pesquisa apenas 02. Tais dados se não permitem comprovar o aspecto supracitado ao menos permitem presumi-lo e trazem à tona uma questão que merece ser mais adequadamente investigada numa série histórica mais ampla, buscando, por exemplo, informações dentre os alunos que se evadiram deste curso.

A Tabela 21, a seguir, por sua vez, traz informações que complementam os aspectos acima citados, especificamente trazendo dados referentes à percepção dos professores sobre as razões que têm contribuído para a que o curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio seja tão pouco frequentado por jovens do sexo masculino.

Tabela 21: Percepção dos docentes sobre as razões para o curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio ser tão pouco frequentado por homens

Categoria¹	Frequência
Questão Cultural	04
Desconhecimento das atribuições profissionais	08
Machismo	03
Sexismo	01
Resposta Inadequada ²	01
TOTAL	17

¹O total não se refere ao número de professores (12), mas sim ao número de aspectos mencionados

²Respostas não condizentes com a pergunta realizada foram consideradas inadequadas

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados obtidos na pesquisa

A observação dos dados da Tabela 21 permite constatar que a maior parte das indicações feitas pelos docentes (08) revela que os mesmos têm a percepção de que o *desconhecimento das atribuições profissionais* seja o principal responsável por fazer do curso técnico em Alimentos integrado ao Ensino Médio, um curso pouco frequentado por jovens do sexo masculino. Contudo, a partir dos depoimentos dos professores nota-se que, na tentativa de justificar sua percepção, uma forte associação é feita com relação a aspectos que perpassam as dimensões do machismo, do sexismo, do estereótipo de gênero – o que acaba por denunciar um ponto de vista que indica ser o preconceito um dos entraves à modificação desta característica do referido curso – o predomínio de mulheres – como bem indicam os apontamentos destacados a seguir:

Porque a sociedade ainda relaciona essa área com as atividades femininas ou porque desconhecem as atribuições do técnico em Alimentos (Prof 2)

Falta de conhecimento. Muitos acreditam que o curso tem como foco a parte nutricional e gastronômica. Acredito que o próprio nome atribuído ao curso cause certa confusão, no entanto de acordo com o Catálogo de Cursos Técnicos estabelecido pelo MEC, o nome não poderá ser modificado. (Prof 4)

Provavelmente por não conhecerem os objetivos do curso. Não é um curso de culinária, como muitos pensam. Entendendo o curso dessa forma e guiados por um pensamento machista, não se interessam. (Prof 8)

Talvez pelo fato de ainda existir essa trava sexista de ser um curso "mais apropriado" às mulheres. (Prof 9)

Neste sentido, no que tange a este aspecto específico, as indicações feitas pelos docentes apresentam sintonia com as indicações do alunado.

3.4 Possibilidade de Realização de Ações para Mudar a Visão Vigente Acerca do Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, assim como, Acerca do Enfrentamento do Preconceito e Discriminação.

Os Quadros 3, 4 e 5, apresentados a seguir, fazem referência à opinião dos professores quanto à possibilidade da realização de ações por parte dos alunos, dos docentes e da instituição, que possam vir a permitir mudar a imagem que hoje é atribuída ao curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio. Verificam-se também nestes quadros, apontamentos feitos docentes, que vão em direção ao enfrentamento do preconceito, da discriminação e da desconstrução/desmistificação daqueles estereótipos e estigmas associados ao curso, aos seus frequentadores assim como à figura da mulher. Cabe aqui salientar que,

dentre os professores respondentes, a maioria (11) acredita ser importante tomar iniciativas no sentido de promover ações que permitam modificar as negativas conjunturas analisadas e expostas até este momento. Dentre os docentes consultados, apenas um (01) indicou acreditar que nada pode ser feito com o propósito citado no questionamento. Trata-se do docente, identificado como Prof 1, que apresentou a seguinte resposta para este item:

Não penso que nada possa ser feito, simplesmente não considero relevante se fazer algo. O interesse por um curso ou área de estudo está além de qualquer papel institucional, liga-se muito mais aos aspectos culturais de um povo (Prof 1).

A frase deste docente pode refletir desde a naturalização das questões abordadas até o momento, assim como, uma grande dificuldade e/ou falta de sensibilidade por parte do mesmo em perceber as tensões inerentes ao cotidiano escolar. Além disso, reforça a ideia que vai ao encontro da promoção de ações como as elencadas a seguir, no Quadro 3, permitindo deduzir que tal voz pode não ser uníssonas nesta Instituição, já que os demais docentes apresentaram as seguintes respostas:

Quadro 3: Ações a serem promovidas pela Instituição

Prof 2	<i>Investir em propagandas; no momento da divulgação do curso explicar as atribuições profissionais</i>
Prof 4	<i>Divulgação</i>
Prof 5	<i>Esclarecer a verdadeira temática do curso que está relacionada principalmente à pesquisa, desenvolvimento de produtos e análise de controle de qualidade de alimentos; confecção e divulgação de folders com informações diretas do curso</i>
Prof 6	<i>Esclarecer a comunidade sobre o trabalho do técnico em Alimentos mostrando seu trabalho como algo que requer certas habilidades independentes do gênero</i>
Prof 7	<i>Mostrar, divulgar as competências dos técnicos em Alimentos e a importância na região.</i>
Prof 8	<i>Conscientização dos objetivos de cursos da área de Alimentos. Conscientização quanto à atuação profissional. Conscientização quanto ao pensamento equivocado quanto ao fato de homem não atuar na cozinha.</i>
Prof 9	<i>Propaganda institucional voltada à “desmistificação” deste estereótipo</i>
Prof 10	<i>Apresentar exemplos de homens no mercado de trabalho na área de Alimentos</i>
Prof 11	<i>Desconstrução de paradigmas em relação ao curso; Divulgação do curso de maneira mais ampla, buscando despertar o interesse dos alunos, de um modo geral.</i>
Prof 12	<i>Apesar de ser tarefa árdua, por se tratar de mudança de comportamento, quebra de paradigmas, ruptura com pensamentos pouco racionais, reprodução automática de experiências alheias, influência familiar, o diálogo é o único caminho democrático.</i>

O Quadro 4 traz, em seguida, os posicionamentos dos professores, no contexto citado, quanto a ações que poderiam ser empreendidas pelos próprios docentes.

Quadro 4: Ações a serem promovidas pelos docentes

Prof 2	<i>No momento de divulgação do curso, explicar as atribuições do profissional.</i>
Prof 3	<i>Esclarecer os candidatos no ato da inscrição do vestibulinho.</i>
Prof 4	<i>Esclarecer aos futuros candidatos os objetivos do curso. As aulas de “degustação” feitas no fim de 2015, voltadas para alunos do 9º ano de algumas escolas da cidade auxiliaram muito no esclarecimento sobre os conteúdos adotados no curso. No entanto, devido a limitações de verba e disponibilidade de horários, atingiu um público pequeno para a cidade.</i>
Prof 5	<i>Esclarecer aos alunos a importância da igualdade de gênero, independente da situação.</i>
Prof 6	<i>Promover discussões acerca da temática, ouvindo alunos e comunidade.</i>
Prof 7	<i>Mostrar, divulgar as competências dos técnicos em Alimentos e a importância na região.</i>
Prof 8	<i>Conscientização dos objetivos de cursos da área de alimentos. Conscientização quanto a atuação profissional. Conscientização quanto ao pensamento equivocado quanto ao fato de homem não atuar na cozinha. Demonstração da atuação de homens na área.</i>
Prof 9	<i>Desconstrução de estereótipos sexistas para todas as áreas técnicas.</i>
Prof 11	<i>Abordagem das ciências dos Alimentos (articulando com as áreas do ensino médio) de uma maneira mais ampla, trazendo reflexões a respeito do impacto dessa ciência no contexto social, tecnológico, econômico, político e ético. Busca-se com essa abordagem promover uma aproximação maior com o jovem e com o mundo.</i>
Prof 12	<i>Sempre estimular o pensamento crítico, buscando elevar o senso de humanidade e respeito mútuo entre as pessoas.</i>

Por fim, o Quadro 5 traz as afirmações dos professores quanto a ações que poderiam ser empreendidas a partir do alunado que frequenta o curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio do IFSP.

Quadro 5: Ações a serem promovidas pelos alunos

Prof 3	<i>Depoimentos de alunos homens que frequentam o curso.</i>
Prof 4	<i>Divulgação dos conteúdos abordados no curso entre os colegas.</i>
Prof 5	<i>Divulgação das atividades em suas mídias sociais.</i>
Prof 7	<i>Mostrar, divulgar as competências dos técnicos em Alimentos e a importância na região.</i>
Prof 8	<i>Conscientização dos objetivos de cursos da área de alimentos. Conscientização quanto a atuação profissional. Conscientização quanto ao pensamento equivocado quanto ao fato de homem não atuar na cozinha. Atividades de divulgação do curso.</i>
Prof 9	<i>Divulgação em outros espaços, fora o IFSP, sobre o curso técnico em Alimentos</i>
Prof 11	<i>Divulgação dos estudantes sobre as atividades desenvolvidas na/com a escola, buscando assim, despertar o interesse dos jovens que são próximos a eles.</i>
Prof 12	<i>Trabalhar para que as ações tanto da instituição como dos professores sejam efetivas e eles serão multiplicadores de uma visão cidadã, solidária e igualitária dentro da própria instituição e no mundo extra-IF.</i>

Vale observar que nos Quadros 4, 5 e 6 as afirmações dos professores giraram em torno dos seguintes núcleos de ideias dirigidas à comunidade interna e externa ao IF:

- Diálogo / discussões / conscientização / pensamento crítico
- Desconstrução de preconceitos e estereótipos / visão cidadã, solidária e igualitária
- Divulgação / propaganda das atribuições dos profissionais Técnicos em

Alimentos, bem como dos objetivos e natureza do curso.

Os alunos entrevistados, por sua vez, também se pronunciaram a respeito, quando indagados acerca do que poderia ser feito para corrigir as visões deturpadas em relação ao curso, seus alunos/as, assim como em relação às situações que permeiam as questões do preconceito e da discriminação.

Assim como os professores, os alunos indicaram acreditar que a promoção de determinadas ações pode ser útil à reversão das situações evidenciadas. As expressões “conversa” e “discussão”, foram as mais recorrentes em seus exemplos, como poderá ser observado nas menções elencadas a seguir, indicando, portanto, o anseio e a crença do alunado na solução dialogada, no que tange às questões abarcadas neste trabalho.

Conversar com os alunos, deixar que os alunos tenham espaço, porque o Grêmio foi conversar... não deixaram eles falarem... Até hoje ninguém veio aqui falar com a gente que eles tomaram providências... a gente fica sabendo que eles tomaram 'ocorrência' mas ninguém veio aqui falar... (Aluno 1)

Uma discussão com os alunos, abrir uma roda e conversar sobre isso... (Aluno 9)

...mas falta, um pouco disso, eu acho, dessas políticas, de preconceito, de racismo, de homofobia... eles não abrem espaço para discussão, eles não conversam com os alunos, eu acho que isso ajudaria muito... tanto pra evitar o preconceito, pra não acontecer mais... (Aluno 11)

Eu acho que deveria sim, reunir a escola inteira e conversar... o que vocês acham disso, isso não é legal... conversar com os alunos e não empurrar para debaixo do tapete... (Aluno 12)

Merece destaque também, com base na indicação feita pelo Aluno 1, a importância atribuída pelos alunos ao diálogo, uma vez que no ato da entrevista todos demonstraram concordância com a instância de representatividade política do alunado no interior da Escola, o Grêmio Estudantil. Na concepção destes, a instituição do Grêmio Estudantil deve também ocupar papel protagonista, contribuindo com a esfera administrativa e com o alunado, na resolução de dados problemas próprios do cotidiano escolar.

Por fim, resta mencionar a relevância dada pelos alunos a uma iniciativa da instituição, intitulada *Gincana Cultural*, que de acordo com os mesmos, contribui para o enfrentamento das supostas rivalidades experimentadas no convívio escolar, e que poderia, portanto, repercutir positivamente, contribuindo para a minimização das questões levantadas no bojo desta investigação, como pode ser observado com base no que os Alunos 12 e 11 mencionam a seguir:

Por que... a escola já tem tudo...por que a gincana eles tentaram mudar, né (sic) dessa rivalidade...por que antes era curso...(Aluno 11)

Curso contra curso... (Aluno 12)

E eles tentaram mudar... agora mistura todo mundo, todos os anos...e isso é uma forma deles tentarem interagir...superar essas rivalidades...(Aluno 11)

Depreende-se, portanto, diante das menções expostas acima, que há uma razoável convergência entre os pressupostos resultantes da interpretação dos docentes e do alunado, que podem ser encarados, dentro das perspectivas de Crochik (1997, p.144) como poderosas iniciativas a serem implementadas no sentido de se criar um “clima cultural geral favorável” à importância e promoção do “diálogo e da reflexão”, tão essenciais ao esclarecimento e ao desenvolvimento de consciências, indispensáveis, na perspectiva de Adorno (1995) ao impedimento da “repetição de Auschwitz”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação profissional técnica de nível médio tem sido, nos últimos anos, importante aposta de diferentes esferas governamentais, assim como de intelectuais da área da Educação, com o propósito de ofertar qualificação ao trabalho.

Se associada à possibilidade de formação integral, tal oportunidade pode ir além do objetivo do preenchimento de vagas de emprego, uma vez que se aventa, por meio das instituições que ofertam esta modalidade de ensino, constituir uma reserva de capital humano, constituída por indivíduos aptos ao exercício da cidadania, à continuidade dos estudos, assim como à atuação crítica no mundo do trabalho.

Nestas instituições de ensino, a exemplo, do IFSP, independente de suas peculiaridades, assim como as demais instituições de ensino, vivencia-se uma série de tensões cotidianas, que na verdade representam, quando da sua ocorrência, apenas o registro intra-escolar, daquelas questões que acometem à sociedade, a exemplo do preconceito, da discriminação, entre outras.

Foi nessa perspectiva que este trabalho foi realizado, propondo-se a elucidar questões tais como: como alunos concluintes e seus professores do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio identificam e reconhecem situações de discriminação e preconceito em relação a essa escolha profissional? Quais são essas situações? O que pensam das mesmas e como reagem a elas? O que leva os alunos a escolherem esse curso? Como professores e alunos vêem o exercício dessa profissão?

Para tanto, no sentido de encontrar um caminho que levasse ao esclarecimento destas inquietações, considerou-se como hipótese norteadora deste estudo a ideia de que, o preconceito e discriminação, decorrentes da desinformação em relação à profissão, seriam os responsáveis por fazer do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio um curso majoritariamente frequentado por estudantes do sexo feminino.

Buscando obter dados que permitissem a elucidação das mencionadas questões, mediante a aplicação de questionários aos alunos e professores, assim como mediante a realização de entrevista com pequeno grupo de alunos do curso, foi possível levantar importantes e esclarecedoras informações.

Verificou-se, após tabulação e análise destes dados, que as percepções dos docentes e do alunado, por vezes coincidem, como por exemplo, quando ambos indicam majoritariamente, que a motivação principal do alunado ao buscar o curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, não é a de obter a formação profissional inerente a

esta profissão específica, mas sim, desfrutar da suposta qualidade atribuída ao Ensino Médio do IFSP, que lhes permitiria sucesso na continuidade dos estudos – impondo-se esta continuidade, hierarquicamente, à possibilidade de atuação profissional nesta área.

Verificou-se, por outro lado, de acordo com as manifestações do alunado e dos docentes, percepções distintas quanto a atitudes de preconceito e situações discriminatórias experimentadas pelo alunado. Enquanto os alunos, majoritariamente, indicaram vivenciar tais experiências nas mais distintas formas (questões relacionadas à raça, classe social, religião, gênero, etc.), os docentes indicaram, por sua vez, não perceber no cotidiano escolar semelhantes manifestações, permitindo supor a naturalização da questão aos olhos dos docentes e até mesmo por parte de alunos, resultando em certo conformismo, ou na “violência da vista grossa” por parte de alguns docentes, no déficit dialógico intra-escolar, na opção da Instituição pelo “silêncio”, com receio de enfrentar a situação, o que poderia “*dar vida ao problema*”, entre outras possibilidades.

Além disso, foi possível constatar a convergência das percepções do alunado e dos docentes, no que tange à percepção de que a desinformação em relação à carreira ou profissão, por parte da comunidade, é responsável por fazer do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, um curso majoritariamente frequentado por estudantes do sexo feminino, confirmando assim a hipótese inicial deste trabalho.

Verificou-se que a mencionada peculiaridade resulta da imagem distorcida deste curso, em razão do mesmo ser, aos olhos do senso comum, confundido com um curso responsável por capacitar os indivíduos para a atuação profissional no âmbito da culinária, gastronomia e/ou nutrição, ocupações essas que, numa perspectiva histórico-cultural, no âmbito de uma sociedade patriarcal como a brasileira, são fortemente associadas à figura da mulher, em virtude duma visão sexista e estereotipada de seu papel social.

Assim posto, a situação permite afirmar, diante dos exemplos relatados pelos alunos e docentes sujeitos deste estudo, que o machismo e o estereótipo de gênero vigentes podem ser encarados como responsáveis, mas não os únicos, por significativa parte das manifestações de preconceito e atitudes discriminatórias vivenciadas pelos frequentadores deste curso, sejam estes do sexo masculino ou feminino.

Diante do exposto urge a necessidade da promoção de ações para a reversão de tal quadro.

No que diz respeito à questão da desinformação acerca do perfil do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, assim como das atribuições do seu egresso, crê-se que o caminho a ser percorrido se apresente menos tortuoso. A princípio, poderia ser esta questão

equacionada mediante ações publicitárias, divulgação via redes sociais, palestras destinadas à comunidade, pais e eventuais alunos, com o propósito de esclarecer características pertinentes ao curso, sanando desta forma quaisquer dúvidas que possam conduzir à imagem distorcida que se tem hoje do mesmo e dos seus frequentadores.

Contudo, restam ainda outras importantes questões que foram evidenciadas com este trabalho.

Fica clara a ideia de que a instituição escolar, solitariamente, não se ocupará de equacionar as graves questões que acometem a sociedade, a exemplo destas formas de violência, o preconceito e a discriminação. Não se pode esperar dos meios de comunicação em massa, comprometidos com a lógica capitalista vigente, iniciativas nessa direção. Contudo, da escola e de seus atores, é possível esperar um engajamento social, uma atuação protagonista, no sentido de atuar na desconstrução e desmistificação das questões expostas neste trabalho.

Não bastam o discurso politicamente correto ou as recomendações para que os alunos sejam mais respeitosos e tolerantes com o outro, com o diferente. É necessário que se tenha consciência de que a escola também produz violência; que formas de violência como o preconceito e a discriminação, como indica Candau (2002, p. 139), podem sim chegar à escola de “fora para dentro”, mas que o mais importante é que todos (alunos, professores e comunidade) se conscientizem da necessidade de enfrentar tais questões de “dentro para fora”, ou seja, com base em ações pedagógicas concretas, bem planejadas e bem executadas, cujos resultados poderão ser multiplicados, modificando a realidade intra e extra-escolar.

Como indicam Coelho & Silva (2015, p.697) “[...] mais do que a adoção de inclusão de novos conteúdos; novas disciplinas e novas metodologias, as ações discriminatórias demandam uma alteração na perspectiva do trabalho pedagógico, sobretudo, na ampliação do debate verticalizado sobre preconceito e discriminação”.

Faz-se urgente à escola e aos seus agentes, tratar, debater e proporcionar à sua comunidade, pela via da reflexão, o tratamento não só pedagógico, mas político e cultural de tais questões. Para tanto, cabe à escola abrir-se à sua comunidade, dar voz aos seus atores, “ouví-los” e fazer-se ouvir.

Do contrário, eximindo-se de tal responsabilidade, a escola estaria, na verdade, contribuindo para o fortalecimento e manutenção dos estereótipos, do machismo, do racismo, da homofobia, ou seja, estaria, na prática, contribuindo para a perpetuação do preconceito e da discriminação, abdicando de seu compromisso social.

Partindo-se do princípio de que tão equivocados comportamentos são construções históricas e culturais, permite-se aqui afirmar, que eles podem ser modificados, desconstruídos, pela via da Educação, pela via do esclarecimento, como afirma Bobbio (2002), com “desenvolvimento das consciências”.

Quiçá iniciativas com este propósito viessem a ser promovidas, como defendem Adorno (1995), Cavalleiro (2003) e Santos (2013) desde cedo, a partir da educação na primeira infância. Nesse caso, a Educação, como processo responsável pela “formação cultural”, alcançaria resultados muito melhores na direção de impedir a repetição da “barbárie”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro-RJ. Editora Paz e Terra, 1995. 190 p.

_____. Teoria da semicultura. **Educação e Sociedade**, n. 56, p. 388-411, dez/1996.

ALMEIDA, A. de. **Educação Profissional e relações de gênero: razões de escolha e discriminação**. Dissertação (Mestrado em Educação: História Política Sociedade). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2015. 117 p.

BOBBIO, N. **Elogio da serenidade e outros escritos morais**. São Paulo-SP: Unesp, 2002. 210 p.

BRASIL. Lei nº 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Brasília, DF. 1996. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 20 de abril 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio. Documento Base**. Brasília, DF. 2007. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf>. Acesso em: 09 de Abril 2018.

_____. Lei Federal nº 11.892/2008, de 29 de dezembro de 2008. **Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências**. Brasília, DF. 29 de dezembro de 2008. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm>. Acesso em: 15 de Outubro 2017.

_____. Decreto nº 7.234/2010, de 19 de Julho de 2010. **Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES**. Brasília, DF. 19 de Julho de 2010. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7234.htm>. Acesso em: 20 de Março 2018.

_____. MEC/SETEC. **Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos**. 3ª. Edição, Brasília/DF: 2016, 290 p.

_____. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2016 / IBGE**, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 146 p.

_____. Decreto nº 8.948/2016, de 29 de Dezembro de 2016. **Regulamenta a Lei nº 13.152, de 29 de julho de 2015, que dispõe sobre o valor do salário mínimo e a sua política de valorização de longo prazo**. Brasília, DF. 29 de Dezembro de

2016. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8948.htm>. Acesso em 20 de Março de 2018.

_____. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD. Suplemento Educação e Qualificação Profissional - 2014.** Rio de Janeiro: IBGE, 2017. 105 p.

CAVALLEIRO, E. dos S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** São Paulo: Contexto, 2003. 3ª Edição. 110p.

CANDAU, V. M. Direitos humanos, violência e cotidiano escolar. In CANDAU, Vera M. (Org.). **Reinventar a escola.** 3ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.137-166.

_____. (Coord.) **Somos todos iguais?** Escola, discriminação e educação em direitos humanos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 176 p.

CARVALHO, M. P. de. Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 28, p.77-96, jan/fev/mar/abr. 2005.

CIAVATTA, M. O Mundo do Trabalho em Imagens: Memória, História e Fotografia. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 12, n. 1, p. 33-45, jan/abr. 2012.

COELHO, W. de N. B.; SILVA, C. A. F. da. Preconceito, Discriminação e Sociabilidade na Escola. **Revista de Educação Educere et Educare**, v.10, n. 20, p. 687-705, Jul/dez. 2015.

COOK, R. J.; CUSACK, S. **Estereótipos de gênero. Perspectivas legais transnacionais.** Traducción Andrea Parra. Colombia: Profamilia, 2010.

COSTA, A. A. A. O movimento feminista no Brasil: Dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero.** Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 1-20, 2005.

CROCHIK, J. L. Preconceito, Indivíduo e Sociedade. **Temas em Psicologia.** Ribeirão Preto, v. 4, n. 3, p. 47-70, 1996.

_____. **Preconceito, Indivíduo e Cultura.** São Paulo: Robe Editorial, 1997.152 p.

_____; KOHATSU, L.N.; DIAS, M.A.; FRELLER, C.C.; & CASCO, R. **Inclusão e discriminação na educação escolar.** Campinas: Alínea Editora, 2013. 168 p.

COUTINHO, M. L. P. **Discriminação no Trabalho: Mecanismos de Combate e de Promoção da Igualdade de Oportunidades.** Brasília: OIT, 2006. 189 p. Disponível em: < http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/discrimination/pub/oit_igualdade_racial_05_234.pdf>. Acesso em: 19 de Setembro 2017.

CRUSOÉ, N. M. de C.; MOREIRA, N. R. M.; RAMOS, A. O. O preconceito racial percebido/não percebido pelas professoras, na educação fundamental. **Práxis Educacional**, v. 10, n.16, p. 185-198, 2014.

CRUZ, T. M. Espaço escolar e discriminação: significados de gênero e raça entre crianças. **Educação em Revista**. v.30, n.1, Belo Horizonte, p.157-188, Jan./Mar. 2014.

DRUMONT, M. P. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, v. 3, 1980. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/108171>>. Acesso em: 15 de Fevereiro 2018.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília-DF: Liber Livro, 2005.

FELÍCIO, J. R. D. de. **A política das agências de fomento na promoção da participação das mulheres na pesquisa**. In: 2º Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisa – Pensando Gênero e Ciências, 2010, Brasília. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010. p. 47-54.

FERRETI, C. J.; SILVA, M. R. da. Reforma do Ensino Médio no contexto da medida provisória nº 746/2016: Estado, Currículo e disputas por Hegemonias. **Educação & Sociedade**, Campinas: v. 38, n. 139, p. 385-404, abr./jun. 2017.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. **A gênese do decreto nº 5.154-2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita**. 2005. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/pf/sites/forumeja.org.br/pf/files/CIAVATTAFRIGOTTORAMOS.pdf>> Acesso em: 07 de fev. 2018.

GRUPO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES DA AÇÃO AFIRMATIVA. **O que são ações afirmativas?** Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://gema.iesp.uerj.br/o-que-sao-aco-es-afirmativas/>> Acesso em: 14 de fev. 2018.

GIOVANNI, L. M. **Usos da Entrevista e do Questionário na Pesquisa Científica**. Roteiro-síntese organizado para uso didático. Araraquara-SP: 2009 (divulgação em meio digital).

IFSP - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - campus Barretos **Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio (PPC)**. Barretos, SP: Agosto/2014. 177f.

_____ - campus Matão **Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio (PPC)**. Matão, SP: Março/2015. 196f.

_____ - campus São Roque **Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio (PPC)**. São Roque, SP: Junho/2016. 177f.

KNOBBE, M. M. História extra-oficial: como os negros no Brasil ainda não conquistaram a liberdade. **Problemas Brasileiros**. São Paulo-SP, v.43. n. 371, p. 18-23, 2005.

LEMO, L. H. de G.; SILVA, M. N. da; COSTA, M. C. F. da S.; LOPES; M. V. de M.; ALBUQUERQUE, S. L. de. A reforma do ensino médio integrado a partir da Lei nº 13.415/2017: Nova lei – Velhos Interesses – Um recorte histórico a partir do decreto no

2.208/97 aos dias atuais. In: ARAÚJO, Adilson Cesar e SILVA, Cláudio Nei Nascimento da (Orgs.). **Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília: IFB, 2017, p. 449-462.

MAAR, W. L. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995, p. 11-28.

MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013

PAIS, J. M. Máscaras, jovens e “escolas do diabo”. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 7-21, jan/abril 2008.

PEREIRA, C.; TORRES, A. R. R.; ALMEIDA, S. T. Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.16, n.1, p. 95-107, 2003.

PEREIRA, A. A., FREITAS, A. C. S., ROCHA, E. M. F. F., LINHARES, E F. F. L. **Perfil do aluno do curso de técnico de alimentos do IFRN - Câmpus Pau dos Ferros**. In: IX Congresso de Iniciação Científica do IFRN (IX CONGIC) – Tecnologia e Inovação para o Semiárido. 2013, Currais Novos/RN.

SANT'ANA, A. O. História e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados. In: Munanga, K. (Org.) **Superando o Racismo na Escola**. 2ª. Edição. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 39-68.

SANTOS, J. N. dos. **Preconceito Racial em foco: uma análise das relações estabelecidas entre crianças Negras e não Negras na educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação: História Política Sociedade). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2013. 139 p.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SILVA, F. F. da; RIBEIRO, P. R. C. Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher". **Ciência & Educação**. Bauru: Unesp, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.

SCHWARCZ, L. M. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.

TEODORO, E. G.; SANTOS, R.L. Trabalho como princípio educativo na educação profissional. **Revista de Ciências Humanas**, v. 11, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2011.

VILLELA, R. N. **A subjetividade docente e o processo de implementação do ensino médio integrado no IFSP campus Barretos**. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. 127 f.

APÊNDICES

Apêndice A

Questionário para alunos e alunas concluintes de um curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio do IFSP (ano de 2017).

Olá

Estou cursando o mestrado na Universidade de Araraquara e estou precisando conversar com alguns professores e alunos do IFSP, sobre a pesquisa que estou desenvolvendo.

Nesse sentido, você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), deste meu trabalho de pesquisa intitulado “*Percepções de alunos concluintes e professores sobre preconceito e discriminação no curso técnico em Alimentos integrado ao ensino médio do IFSP*”.

Neste trabalho pretendo investigar a percepção de alunos concluintes e de professores quanto a possíveis preconceitos e discriminações sofridos pelo alunado do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, pelo fato de terem feito a opção por essa formação técnica-profissionalizante específica.

Para tanto peço que você responda ao questionário apresentado a seguir, que me permitirá conhecer mais detalhadamente a realidade dessa turma.

Ressalto que sua seriedade ao responder este questionário em muito contribuirá para engrandecer o valor acadêmico e científico deste trabalho.

Gostaria ainda de dizer que fica garantido o seu anonimato e que, eventualmente, em caso de menções à sua resposta em minha pesquisa, farei uso de nomes fictícios preservando desta forma a sua identidade.

Desde já quero lhe agradecer por essa ajuda.

Prof. Celio Marcos Colombo Molteni

1ª. PARTE: PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO
--

1. Sexo () Masculino () Feminino

2. Idade: _____ anos.

3. Você se considera: () Branco(a) () Negro(a) () Pardo(a)
() Indígena () Amarelo(a)

4. Qual é o seu estado civil:

() Solteiro(a) () Casado(a)/mora com um companheiro(a)
() Viúvo(a) () Separado(a)/Divorciado(a)/Desquitada(a)

5. Onde e em que condições você vive atualmente:

() Em casa ou apartamento próprios com minha família
() Em casa ou apartamento alugados com minha família
() Em quarto ou cômodo alugado, sozinho(a).
() Em habitação coletiva: hotel, república, pensão, albergue, etc
() Outra situação. Qual: _____

6. Com quantas pessoas e com quem você reside?

7. Qual a escolaridade de seu pai (e/ou responsável)?

() Não possui estudo.
() Da 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário).
() da 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio).
() Ensino Médio (antigo 2º grau) incompleto.
() Ensino Médio (antigo 2º grau) completo.
() Ensino Superior Incompleto.
() Ensino Superior Completo.
() Pós-graduação
() Ensino Técnico Profissionalizante Incompleto.
() Ensino Técnico Profissionalizante Completo.
() Não sei.

7.1. Atividade profissional exercida pelo pai e/ou responsável:

8. Qual a escolaridade de sua mãe e/ou responsável?

- Não possui estudo.
- Da 1^a a 4^a série do Ensino Fundamental (antigo primário).
- da 5^a a 8^a série do Ensino Fundamental (antigo ginásio).
- Ensino Médio (antigo 2^o grau) incompleto.
- Ensino Médio (antigo 2^o grau) completo.
- Ensino Superior Incompleto.
- Ensino Superior Completo.
- Pós-graduação
- Ensino Técnico Profissionalizante Incompleto.
- Ensino Técnico Profissionalizante Completo.
- Não sei.

8.1. Atividade profissional exercida pela mãe e/ou responsável:

9. Qual é, aproximadamente, a sua renda familiar? (a soma da renda de todos aqueles que vivem em sua casa).

- Até um salário mínimo (até R\$ 937,00).
- De 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 937,00 até R\$ 1.874,00).
- De 2 a 5 salários mínimos (de R\$ 1.874,00 até R\$ 4.685,00)
- De 5 a 10 salários mínimos (de R\$ 4.685,00 até R\$ 9.370,00)
- Acima de 10 salários mínimos (acima de R\$ 9.370,00)
- Nenhuma renda

10. Ao longo do seu curso você recebeu algum tipo de auxílio financeiro?

- Sim** – Qual: _____
- Não** – Por qual razão:

- Não me inscrevi
- Me inscrevi e não fui contemplado
- Outra – especificar: _____

2ª. PARTE: PERCURSO ESCOLAR

11. Onde você cursou o Ensino Fundamental (etapa anterior seu ingresso no IFSP)?

- parcialmente em escola pública.
- integralmente em escola pública.
- integralmente em escola particular.

12. Para você, qual deve ser o objetivo principal do Ensino Médio:

13. Para você, qual deve ser o objetivo principal de um curso técnico?

14. Atualmente você está:

- Trabalhando e estudando Apenas estudando

14.1. Se você estiver trabalhando, descreva sua atividade:

14.2. Na sua opinião, estudar e trabalhar durante o seu curso:

- atrapalhou seus estudos.
- atrapalhou seus estudos, mas permitiu seu crescimento pessoal e profissional.
- Não atrapalhou meus estudos
- Não trabalhei.

15. Após seu ingresso no curso técnico integrado ao ensino médio, você realizou ou está realizando:

a. curso de língua estrangeira. Qual (is): _____

b. curso na área de informática. Qual (is): _____

c. curso preparatório para ingresso em universidade/curso superior.

Qual (is): _____

c. Outros. Especificar qual (is): _____

3ª. PARTE: SOBRE O CURSO TÉCNICO EM ALIMENTOS
--

16. Quais foram as razões que o(a) levaram a buscar uma formação profissionalizante (técnico em Alimentos) no IFSP? (Assinalar mais de uma alternativa se necessário)

recomendação dos pais e/ou familiares.

identificação com a área.

possibilidade de experimentar a ascensão profissional/pessoal.

boa probabilidade de ingresso no mercado de trabalho.

satisfação pessoal.

qualidade do ensino médio.

proximidade de minha residência.

o fato de ser uma instituição de ensino pública.

17. O IFSP – Campus Barretos oferece outros dois cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio (Agropecuária e Informática). Apresente algumas razões que o(a) levaram a não optar por estes dois cursos.

18. Faça uma avaliação do **Ensino Médio** cursado por você até o momento nesta instituição.

Ótimo Bom Regular Ruim

Justifique sua resposta:

19. Faça uma avaliação do **curso técnico em Alimentos** cursado por você até o momento nesta instituição.

() Ótimo () Bom () Regular () Ruim

Justifique sua resposta:

4ª. PARTE: SOBRE DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO

20. Você acredita que há preconceito com relação aos cursos técnicos e seus frequentadores?

Por quais motivos?

() **Sim**

Por qual(is) motivo(s):

() **Não**

21. Você já se sentiu discriminado, dentro ou fora do IFSP, pelo fato de estar frequentando um curso técnico?

() **Sim**

Por qual(is) motivo(s) você acredita ter sido alvo de discriminação?

() **Não**

22. Você já sentiu discriminado, dentro ou fora do IFSP, pelo fato de estar frequentando o curso técnico em Alimentos?

() **Sim**

Por qual(is) motivo(s):

() **Não**

23. Você já sofreu ou presenciou algum tipo de discriminação no IFSP ou alguma forma de preconceito?

- a. Discriminação Econômica/financeira. Sim Não
- b. Discriminação religiosa Sim Não
- c. Discriminação étnica, racial ou de cor Sim Não
- d. Discriminação de gênero (por ser homem ou por ser mulher) Sim Não
- e. Discriminação por ser ou ter sido identificado como homossexual Sim Não
- f. Discriminação por conta de origem familiar e social Sim Não
- g. Discriminação por conta de seus atributos físicos (por ser gordo(a), magro(a), baixo(a), etc.) Sim Não.

24. Você acredita que, atualmente, o mercado/mundo de/do trabalho possa encarar um profissional/trabalhador/colaborador de forma preconceituosa, por ele não possuir curso superior, mas apenas a formação técnica profissionalizante?

Sim

Por qual(is) motivo(s):

Não

25. Você acredita que a formação oferecida pelo curso técnico em Alimentos prepara para atividades mais destinadas às mulheres?

Sim

Por qual(is) motivo(s):

Não

26. Na sua opinião, por quais motivos o curso técnico em Alimentos é um curso tão pouco frequentado por jovens do sexo masculino?

27. Relate brevemente as suas expectativas sobre o seu futuro profissional:

Agradeço por sua valiosa contribuição.

Observação:

Após a análise destas informações, numa futura etapa desta pesquisa, pretendo realizar entrevistas com uma pequena amostra de alunos desta turma.

Gostaria de saber se posso contar novamente com sua contribuição.

Em caso positivo, por favor, identifique-se abaixo:

Nome: _____

Telefone ou e-mail para contato: _____

Obrigado.

Professor Celio Marcos Colombo Molteni

Apêndice B

Questionário aos professores(as) de alunos e alunas concluintes de um curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio do IFSP (ano 2017)

Olá.

Estou cursando o mestrado na Universidade de Araraquara e estou precisando conversar com alguns professores e alunos do IFSP.

Nesse sentido, você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), deste meu trabalho de pesquisa intitulado *“Percepções de alunos concluintes e professores sobre preconceito e discriminação no curso técnico em Alimentos integrado ao ensino médio do IFSP”*.

Este trabalho investiga a percepção de alunos concluintes e professores quanto ao preconceito e discriminação sofridos pelo alunado pelo fato de terem feito a opção por uma formação técnica-profissionalizante específica – o curso técnico em Alimentos.

Para tanto, inicialmente, necessito de sua contribuição respondendo a este questionário que me permitirá conhecer mais detalhadamente a realidade desta turma. Ressalto que a sua participação, respondendo a este questionário, em muito contribuirá para engrandecer o valor acadêmico e científico deste trabalho.

Gostaria ainda de dizer que fica garantido o seu anonimato e que, eventualmente, em caso de menções à sua resposta em minha obra, farei uso de nomes fictícios preservando desta forma a sua pessoa.

Em caso de necessidade de maiores esclarecimentos estou a disposição.

Desde já quero lhe agradecer por essa ajuda.

PROF. CELIO MARCOS COLOMBO MOLTENI

I. Sobre o Professor:

1.1 Qual a sua idade? _____

1.2 Há quanto tempo leciona neste local de trabalho: _____

1.3 Há quanto tempo leciona no curso de Alimentos? _____

1.4 Qual(is) a(s) disciplinas ministradas por você para esta turma de alunos concluintes?

1.5 Qual(is) as suas formações superiores?

1.6 Quanto tempo possui de experiência na docência? _____

II – Sobre o curso:

2.1 Ao longo do tempo que possui contato profissional com estes jovens, seria possível, da sua parte, identificar quais foram as razões que os(as) levaram a buscar uma formação profissionalizante (técnico em Alimentos) no IFSP? (Assinalar mais de uma alternativa se necessário)

- () recomendação dos pais e/ou familiares.
- () identificação com a área.
- () possibilidade de experimentar a ascensão profissional/pessoal.
- () boa probabilidade de ingresso no mercado de trabalho.
- () satisfação pessoal.
- () qualidade do ensino médio.
- () proximidade de sua residência.
- () o fato de ser uma instituição de ensino pública.

2.2 Você acredita que a busca por um ensino médio de qualidade, que permita maior sucesso na continuidade dos estudos e vida profissional, sobrepõe-se à escolha do curso técnico em Alimentos, no momento da opção pelos alunos em estudar no IFSP?

Sim () Não ()

Explique por que:

2.3 Você considera que a qualidade do Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio permitirá o sucesso na continuidade dos estudos e na vida profissional destes alunos?

Sim () Não ()

Explique por que:

2.4 O IFSP – Campus Barretos oferece outros dois cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio (Agropecuária e Informática). Apresente algumas razões que para você levaram os(as) alunos(as) a optar por estes dois cursos em detrimento do curso de Alimentos .

III – Sobre discriminação e preconceito:

3.1 – Você já presenciou algum tipo de discriminação no IFSP ou alguma manifestação de preconceito em relação aos alunos do curso técnico em Alimentos do IFSP?

Assinale abaixo suas respostas:

a. Discriminação econômica/financeira.

() Sim () Não

b. Discriminação religiosa

() Sim () Não

c. Discriminação étnica, racial ou de cor

() Sim () Não

d. Discriminação de gênero (por ser homem ou por ser mulher)

() Sim () Não

e. Discriminação por ser ou ter sido identificado como homossexual

() Sim () Não

f. Discriminação por conta de sua origem

() Sim () Não

g. Discriminação por conta de seus atributos físicos (por ser gordo(a), magro(a), baixo(a), etc)

() Sim () Não.

3.1.1. Dê um exemplo, descrevendo ao menos uma situação que você presenciou.

3.2. Você acredita que há preconceito com relação aos cursos técnicos e seus frequentadores?

() Sim () Não

Por quais motivos?

3.3. Você acredita que, atualmente, o mercado/mundo do trabalho, pode encarar ou tratar, de forma preconceituosa, um profissional / trabalhador / colaborador que não possui curso superior, mas apenas a formação técnica profissionalizante?

() Sim () Não

Por quê? Justifique sua resposta:

3.4 Você considera que a formação oferecida pelo curso técnico em Alimentos prepara para atividades que seriam mais adequadas para as mulheres?

Acha que o curso tem mesmo a reputação de ser um curso para mais para mulheres?

() Sim () Não

Por quê? Justifique sua resposta:

3.5. Acha que isso prejudica ou afeta de algum modo os alunos homens que optam por esse curso?

() Sim () Não

Por quê? Justifique sua resposta:

3.6 Em sua opinião, por quais motivos o curso técnico em Alimentos é um curso tão pouco frequentado por jovens do sexo masculino?

4. Encerrando:

4.1. Você acha que seria possível aos **professores**, aos **alunos**, e principalmente à **Instituição** fazerem alguma coisa que permitisse alterar essa situação ou mudar a imagem do curso? Ou

seja, há alguma coisa que possa ser feita na prática para desconstruir essas questões que comentamos aqui?

Sim ()

Dê exemplos do que poderia ser feito:

Pela Instituição:

Pelos professores:

Pelos alunos:

Não ()

Por quê?

4.2 Você gostaria de tecer mais algum comentário a respeito das questões abordadas aqui?

Agradeço por sua valiosa contribuição

Prof. Celio Marcos Colombo Molteni

Apêndice C

Roteiro norteador da entrevista com pequeno grupo de alunos.

PARTE 1

Vocês estão prestes a concluir o Ensino Médio e seu curso técnico em Alimentos.:

- O que vão fazer agora?
- O que pensam neste momento com relação ao seu **futuro profissional**?

A depender das respostas dadas à questão anterior:

- Porque vocês não pretendem atuar nesta área? Quais as razões para esta decisão? Ela é definitiva?
- E você(s) que pretende(m) seguir na área?
Pretende(m) atuar como técnico(s) ou realizará um curso superior nesta área?

PARTE 2

A maioria de vocês não se identifica com o curso de Alimentos.

- Então... **o que os levou a escolher o curso técnico em Alimentos?**

PARTE 3

A maior parte dos alunos indicou acreditar na **existência de preconceito** com relação aos cursos técnicos e seus frequentadores.

- Vocês que frequentam o **curso de Alimentos** já sofreram alguma discriminação? Foram alvos de preconceitos, desconfortos?
Quais?
De que tipo?
Em quais situações?
Dêem **exemplos...**

- A discriminação sofrida por vocês (ou de que vocês têm notícia) está ligada à opção pelo curso de Alimentos?

- O fato do **curso de Alimentos ser mais frequentado por mulheres** acaba fazendo com que seus frequentadores sejam mais vitimados pelo preconceito? Como vocês se sentem em relação a isso?

- Vocês acham que, nesta instituição, quem cursa o técnico em Alimentos, enfrenta mais preconceito do que os frequentadores dos outros cursos técnicos?

Para finalizar:

– Os professores relataram ter presenciado/percebido manifestações de preconceito e/ou discriminação com relação aos alunos do curso de Alimentos.

Ou seja, a opinião dos professores é diferente da expressada por vocês alunos.

Qual a opinião de vocês quanto a isso?

Por que a percepção dos professores e dos alunos quanto a esta questão é tão diferente?

Apêndice D

Levantamento Bibliográfico – Obras Consultadas

BARBOSA, T. L. de A.; GOMES, L. M. X.; REIS, T. C.; LEITE, M. T. de S. Expectativas e percepções dos estudantes do curso técnico em enfermagem com relação ao mercado de trabalho. **Texto & Contexto Enfermagem**. Florianópolis, v. 20, n. esp., p. 45-51, 2011.

COELHO, W. de N. B; COELHO, M. C. Preconceito e discriminação para além das salas de aula: sociabilidades e cultura juvenil no ambiente escolar. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n. 62, p. 32-53, dez. 2015.

CORDEIRO, A. F. M.; BUENDGENS, J. F. Preconceitos na escola: sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes no ensino médio. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo, v. 16, n. 1, p.45-54, jan/jun. 2012.

COSTA, E. C. I. da. **As novas formas de discriminação sexista** : uma perspectiva da psicologia social. Tese (Doutorado em Educação: Educação, Sociedade, Política e Cultura). Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2005. 245 p.

CRUZ, I. C. F. da. A sexualidade, a saúde reprodutiva e a violência contra a mulher negra: aspectos de interesse para assistência de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, v. 38, n.4, p. 448-457, 2004.

DEMARZO, M. A. **Educação das relações étnico-raciais**: aprendizagens e experiências de professoras em São Carlos-SP. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2009. 184 p.

DIAS, F. V. **Sem querer você mostra o seu preconceito!**: um estudo sobre as relações raciais entre jovens estudantes de uma escola de ensino médio. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2011. 273 p.

ESPÓSITO, A. L. V. M. P. **Preconceito e discriminação vistos por um grupo de crianças**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2009. 196 p.

FREITAS, S. L. R. de; ABREU, M. P.; MESQUITA, G. R. I; JAIME, V. de S.; GORDO, J. M. L.; SILVA, L. A. F. da. Diferenças entre os gêneros na assistência técnica e extensão rural realizada por médicos veterinários: paradigma ou preconceito. **Revista Ceres**, Viçosa, v. 61, n.1, p. 1-8, jan/fev. 2014.

MESQUITA FILHO, M; EUFRÁSIO, C.; BATISTA, M. A. Estereótipos de Gênero e Sexismo Ambivalente em Adolescentes Masculinos de 12 a 16 Anos. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.20, n.3, p.554-567, 2011.

NAPOLITANO, S. **Gênero, Educação e Preconceito**: Uma pesquisa no curso do Serviço Social através da abordagem Psicossocial. Dissertação. (Mestrado em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista. Franca. 2002. 146 p.

OLIVEIRA, R. de. **Relações raciais na escola**: uma experiência de intervenção. Dissertação (Mestrado em Educação: Supervisão e Currículo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2009. 206 p.

PRADO, V. M. do. **Entre ditos e não ditos**: a marcação social de diferenças de gênero e sexualidade por intermédio das práticas escolares da Educação Física. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente. 2014. p. 259.

SACILOTTO, J. V. A **indústria química e a qualificação da força de trabalho**: a formação do técnico químico pelo COTICAP (1965-1980). Dissertação (Mestrado em Educação: Filosofia e História da Educação). Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 1992. 188 p.

SANTOS, R. A. dos. **Racismo, Preconceito e Discriminação**: concepções de professores. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2007. 120 p

SILVA, F. F. da; RIBEIRO, P. R. C. Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher". **Revista Ciência & Educação**, Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.

SILVA, M. A. **Mulheres negras adolescentes no ensino médio**. Discriminação e desafio. Dissertação. (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual Paulista. Araraquara. 2005. 111 p.

SILVA, S. G. da. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.30, n.3, p.556-571, 2010.